Vinte Horas de Liteira

TERCEIRA EDIÇÃO

1907

Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
Livraria editora
e Officinas Typographica e de Encadernação
Movidas a electricidade
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

LXII

VINTE HORAS DE LITEIRA

VOLUMES PUBLICADOS

N.º 1 — Coisas espantosas.
N.º 2 — As tres irmans.
N.º 3 — A engeitada.
N.º 4 — Doze casamentos felizes.
N.º 5 — O esqueleto.
N.º 6 — O bem e o mal.
N.º 7 — O senhor do Paço de Ninães.
N.º 8 — Anathema.
N.º 9 — A mulher fatal.
N.º 10 — Cavar em ruinas.
N.ºs 11 e 12 — Correspondencia epistolar.
N.º 13 — Divindade de Jesus
N.º 14 — A doida do Candal.
N.º 15 — Duas horas de leitura.
N.º 16 — Fanny.
N.ºs 17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
N.ºs 20 e 21 — Horas de paz.
N.º 22 — Agulha em palheiro.
N.º 23 — O olho de vidro.
N.º 24 — Annos de prosa.
N.º 25 — Os brilhantes do brasileiro.
N.º 26 — A bruxa do Monte-Cordova.
N.º 27 — Carlota Angela.
N.º 28 — Quatro horas innocentes.
N.º 29 — As virtudes antigas — Um poeta portuguez... rico!
N.º 30 — A filha do Doutor Negro
N.º 31 — Estrellas propicias.
N.º 32 — A filha do regicida.
N.ºs 33 e 34 — O demonio do ouro.
N.º 35 — O regicida.
N.º 36 — A filha do arcediago.
N.º 37 — A neta do arcediago.
N.º 38 — Delictos da Mocidade.
N.º 39 — Onde está a felicidade?
N.º 40 — Um homem de brios.
N.º 41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
N.ºs 42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
N.ºs 45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
N.ºs 47 e 48 — O judeu.
N.º 49 — Duas épocas da vida.
N.º 50 — Estrellas funestas.
N.º 51 — Lagrimas abençoadas.
N.º 52 — Lucta de gigantes
N.ºs 53 e 54 — Memorias do carcere.
N.º 55 — Mysterios de Fafe.
N.º 56 — Coração, cabeça e estomago.
N.º 57 — O que fazem mulheres.
N.º 58 — O retrato de Ricardina.
N.º 59 — O sangue.
N.º 60 — O santo da montanha.
N.º 61 — Vingança.
N.º 62 — Vinte horas de liteira.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

VINTE HORAS

DE

LITEIRA

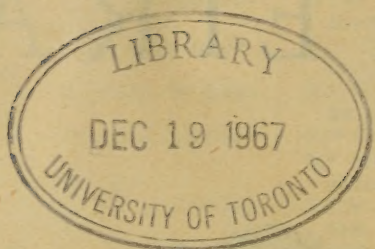
TERCEIRA EDIÇÃO

1907

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

Livraria editora e Officinas Typographica e de Encadernação

Movidas a electricidade

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

1907

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a electricidade
Da Parceria Antonio Maria Pereira
Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar

LISBOA

INTRODUCÇÃO

O progresso é uma voragem!

A liteira já se debate nas fauces do monstro. Vai cahir a fatal hora! D'aqui a pouco, a liteira desapparecerá da face da Europa.

O derradeiro refugio da anciã era Portugal. Nem aqui a deixaram n'este museu de antigualhas! Nem aqui! A pobresinha, a decrepita coberta do pó e suor de sete seculos, tirita estarrecida de pavor, escutando o hórrido fremir do wagon, que bate as crepitantes azas de infernal hippogrypho.

Ao passo que o vapor talava os plainos, galgava ella, espavorida, os desfiladeiros para esconder-se. Mas o camartello e o rôdo escalaram o agro e penhascoso das serras, e a liteira, acossada pelo *Char-à-bancs,* sumiu-se ainda nas veredas pedregosas, e acoutou-se á sombra do solar alcantilado e inaccessivel ao rodar da sege.

E' ahi que a coeva do Portugal das chronicas se estorce e vasqueja no ultimo alento.

A terra de D. João I e Nuno Alvares agonisa com a liteira de João das Regras e Pedro Ossem!

Volvidos doze annos, a liteira de alquilaria será uma tradição, nem sequer perpetuada na gravura. No recanto de alguma cavallariça de palacete provincial, apodrecerão ainda as reliquias da liteira fidalga; mas esta não é a liteira posta em holocausto ao macadam, á diligencia, á mala-posta, e ao carril. A liteira sacrificada, a liteira dos dous machos pujantes e das cincoenta campainhas estridulas, essa é a que se vai de uma assentada, desfeita á serra e enxó para remendos de ignobeis carrinhos e carroções. Esta é que é a liteira das minhas saudades, porque se embalaram n'ella as minhas primeiras peregrinações; porque, dos postigos de uma, vi eu, fóra das cidades, os primeiros prados e bosques e serras empinadas; porque o tilintar das suas campainhas me alegrava o animo, quando a toada festiva me interrompia as cogitações da tarde por essas estradas do Minho e Traz-os-montes; porque, finalmente, foi n'uma liteira que eu encontrei o livro, que o leitor, com a sua paciente benevolencia, vai folhear.

Ha poucos annos que eu jornadeava de Villa Real para o Porto, e cheguei, quebrado de corpo e alma, a uma póvoa escondida nos fraguedos do Marão, chamada Ovelhinha. O rocim, que me alli trouxera, ganhára pulmoeira na subida da serra, de maneira que, na assomada onde chamam «as rodas», os bofes arquejavam-lhe com tal impeto, e encavernada tosse, que não ha ahi cousa triste que mais diga!

Quando descavalguei, na Ovelhinha, devolvi o garrano ao proprietario, e procurei quem me alugasse cavalgadura, menos *poitrinaria,* até Amarante. Voltando á estalagem, achei uma liteira parada, que chegára n'aquelle ponto. Perguntei ao liteireiro se ia de retorno. Respondeu-me que levava patrão. Contemplei a liteira com mágoa e inveja, principalmente quando a eguasinha gallega, que eu ajustára, começou a espirrar uma tosse mais que muito significativa de pulmoeira e mormo real.

N'esta cogitação me surprehendeu o inquilino da invejada locomotiva. O' raio de luz!... ó bafagem de esperança que me vens perfumada do paraizo terreal!... Era o meu amigo Antonio Joaquim!

—Tu aqui!?—exclamou elle da janella da estalagem.

—Eu aqui... e tu?!

—Eu tambem aqui n'este orco, n'este vestibulo do inferno! Para onde vaes?

—Para o Porto, se me levarem.

—Quem te leva?

—Esta pulmoeira de quatro pés.

—Tem juizo, homem! Deixa ás feras do Marão a burra, e senta-te ahi dentro n'essa liteira.

Quando bem me convenci de que não sonhava, a minha gratidão a Antonio Joaquim mal me cabia no peito, dilatado pelo jubilo. Marinhei á janella, trepando-me n'um tronco de videira, e apertei-lhe a mão, exclamando:

—Para a vida e para a morte! Antonio Joaquim, salvaste-me! Esta liteira, e as campainhas, e os machos hão-de pesar na balança das tuas acções misericordiosas!

Disse, e desci pendurado nos galhos da cepa.

—Essa apostrophe—disse elle—extenuou-te!... Vem tomar caldo de gallinha.

Antonio Joaquim é uma pessoa de quarenta annos, proprietario, casado, e residente n'uma de suas quintas do Minho, nas cercanias de Braga.

Tem uma biographia serena, breve, e consolativa para quem está vezado ás biographias revezadas e tempestuosas.

Estudou para bispo. Sua santa mãi sonhára que seu filho havia de pôr mitra. Assim que o menino deu tino do alphabeto, mandou-o estudar em Braga. O pequeno foi, contra vontade do pai, que desadorava clerigos de *requiem*: mas a vontade e o sonho da mulher prevaleceram.

Antonio, ao quinto anno de latim,—longo espaço que excedia o tempo marcado no computo de sua mãi para se realisar o sonho—foi a férias, e namorou-se de uma filha unica de abastados lavradores. A' conta d'isto, correu grandes tormentas o coração de Antonio Joaquim, umas em casa com a mãi, outras fóra de casa com um rival, como ao adiante se dirá; mas, a final, casou, e depôz ás plantas da galante menina a mitra episcopal, que sua mãi sonhára, e a sciencia de latinidade grangeada em cinco annos, a qual, diz elle, não valia mais que a mitra.

Antonio Joaquim está rico. Reuniram-se duas casas que rendem, em anno de colheita regular, duzentos carros, afóra vinho, azeite, castanhas e batatas. Cria pol-

dros, com que tem sido muitas vezes enganado, e com os quaes tem enganado os seus melhores amigos: cousa que não mancha de leve a reputação de quem quer que negoceia em poldros. Tambem engorda bois para Inglaterra, e estuda, entretanto, a inconveniencia economica da exportação dos bois.

A sua vida gasta-se nas feiras, na fiscalisação das quintas, alguma hora muito feriada na leitura de livros agricolas, e sabe magistralmente carpinteirar. E' elle quem faz os carros aos pequenos, as dobadouras á esposa, os engaços e as pás aos criados, e tambem faz rocas, e fusos, e gamellas, tudo com perfeição.

Já quizeram mandal-o ao parlamento, porque Antonio Joaquim tem aptidão para estudos economicos, falla correntemente e ao nivel do entendimento popular. O meu amigo regeitou a candidatura, porque é egoista do seu bem-estar, e diz que nunca foi escouceado dos poldros rebellões que amansou: fortuna que lhe seria de certo esquiva no parlamento com os outros. Nomearam-no outras cousas da governança, e todas declinou sobre quem as quiz, reservando para si a gloria de escanhoar com lamina afiada de epigrammas os queixos das authoridades, n'uns artigos, que elle, ha dez annos, manda para as gazetas com esta assignatura imaginosa: *Constante leitor*.

Não ha mais que dizer do Antonio Joaquim, que eu encontrei em Ovelhinha.

Bebemos na estalagem uma agua quente oleosa por fartas malgas, que tinham no fundo pintados uns gallos,

que pareciam scorpiões. Engulimos uns pedaços de gallinha, que zombavam do mechanismo da trituração, e entramos na liteira.

Eram dez da manhã.

Aqui principiam as vinte horas.

VINTE HORAS DE LITEIRA

I

— Ainda fazes romances? — perguntou-me o meu amigo.

— Ainda... *Saedet eternus que saedebit.*

Infelix......

faço romances, e expio os peccados de meus avós, n'este incessante rodar do penedo ao alto do monte, e resvalar com elle ao fundo.

— Estás magro, homem! — observou elle, apalpando-me o pescoço, provavelmente com o tacto magistral de quem ajuizava da nutrição dos potros pela fibra atuchada e nediez do pescoço — Deixa-te d'esse modo vivente, se não aspiras á mumificação. Olha que a natureza fez homens, não fez litteratos. O Creador, quando expulsou Adão do paraizo teve a piedade de lhe não dizer: «Serás escriptor!» O que lhe disse foi: «Viverás trabalhando até suar.» Considera, amigo, que é necessario suar para viver. E o escriptor não sua: logo, morrerá

anazado, qual te vejo, pobre homem! Sahiste das prescripções da natureza; torna sobre ti, e corrige o vicio.

—Isto não se corrige—repliquei eu.

—Queres dizer-me que a imaginação é uma espora? Põe cabeções ao espirito; colhe as redeas; e, se elle teimar, bate-lhe com a cabeça n'uma pedra. A imaginação que faz novellas, é um talento perdido, como os talentos escondidos de que falla a parabola de Jesus. Porque não has-de tu aproveitar a imaginativa em cousas uteis? Inventa um arado, um moinho, um alcatruz, um esgotador de rios, uma ratoeira de apanhar toupeiras, um visco de desbastar grillos e pardaes. Dirige a outra ordem de inventos a tua phantasia, de modo que os movimentos corporaes te fiquem desembaraçados, e o ar puro te não vá coado por vidraças aos pulmões. Distende os musculos, agitando-os; exercita as funcções respiratorias, aprumando o corpo na posição vertical; regenera o sangue, e verás que ainda és homem... Tenho sincera pena de ti!

—Tambem eu tenho...—atalhei eu.

—E, depois, peço licença—continuou Antonio Joaquim—para ponderar que as tuas phantasias romanescas são, na maior parte, desnaturaes, e falsas.

—Ora essa!...

—Espanta-te; mas não te agastes com esta rudeza. Sabes que eu leio os teus romances: é o maximo sacrificio que posso fazer-te das minhas horas de repouso. Em louvor dos teus livros, basta dizer-te que os leio. Prendem-me a curiosidade uns paradoxos de virtude

que tu estendes a trezentas paginas. Já fizeste chorar minha mulher: quasi que m'a ias fazendo nervosa! Foi-me preciso dizer-lhe que tu mentias como dous ministerios, e que timbravas em ter um estylo de cebola ou de mostarda de sinapismos que faz rebentar chafarizes de pranto. Nem assim consegui desacreditar-te! Assim que sahe romance teu, minha mulher, combinada com o editor, secca-me a paciencia, até que o livro chega de Braga entre um papeliço de assucar, e o sacco do arroz. A pobre mulher começa a chorar no titulo; estrenouta-se a ler; e, ao outro dia, está desolhada, e amarella como as doze mulheres tysicas, que tens levado á sepultura n'um rio de lagrimas. Tens romances, meu amigo, que mentem desde o titulo. Comecei, pouco ha, a ler um que se chama: «A mulher que salva».

—Então—acudi eu—que tem esse titulo?

—Não tem senso-commum.

—Estou pasmado!... Pois a mulher que salva...

—Não ha mulher nenhuma, que salve. Homem perdido por uma, não póde ser salvado por outra.

—Cala-te ahi! Tu não sabes nada do coração humano, Antonio Joaquim!—redargui eu—Casaste, moço, ha dez annos; envelheceste no dia em que casaste; és a materia feliz; não entendes o que é a desgraça nem as alegrias do coração, alegrias que se revezam com os dissabores, é isso verdade; mas tambem é certo, que, fóra da esphera dos teus gozos, ha delicias da alçada do espirito, ha mulheres salvadoras que as trouxeram

do céu, e as derramam como balsamos colhidos nos colmeaes dos anjos...

—Ahi vem o èstylo ramalhudo!—acudiu elle—O absurdo não fica melhor justificado com a linguagem absurda. Vocês, os narradores de infortunios materialissimos, os almotacés das mais purulentas chagas sociaes, deviam de ser obrigados a calarem-se, pela mesma razão que a policia das cidades obriga os mendigos a esconderem os seus aleijões e cancros nauseabundos. E são vocês, os expositores de ulceras, que nos accusam de materiaes, a nós, os que temos uma linguagem chã, e juizo claro como ella, para censurar e desadorar demonios incriveis que nos apresentam, ao lado de uns anjos impossiveis. Se vos vamos á mão, pondo em duvida a existencia sublunar de *mulheres que salvam,* ahi vens tu e os teus collaboradores da mentira, gritando em estylo frondoso que ha mulheres, portadoras de balsamos celestiaes, colhidos nas colmêas dos anjos. Cebolorio! Tanto creio eu n'essas mulheres como nas colmêas dos anjos, cujas abelhas são os proprios anjos. *Anjos* para tudo! é um desperdicio espantoso de potestades celestiaes o que fazem os escriptores á moda. Se vos fecham o céu, como fecharam o empyreo aos poetas de ha sessenta annos, palavra de honra que não sei onde vocês irão buscar o lastro dos seus poemas e romances! Ireis a pique á falta de peso nas frageis taboinhas...

—Parece que chegas impando sciencia das covas de Salamanca!—interrompi eu offendido em nome dos meus collegas—Será isso molestia de espirito que se

te pega do macrobismo da liteira?! Eu não admiro que Volney sentado nas ruinas de Palmyra prégasse cavamente ácerca das ruinas dos imperios e da humanidade; e menos admiro que um homem de razão esclarecida como tu, bamboado n'uma locomotiva como esta, se sinta levado aos tempos do *Feliz independente,* e desdenhe do romance moderno, contemporaneo do vapor!

—A minha questão é outra—contraveio o meu amigo. —Não louvo nem detraiho o que se fazia ha cem annos. Reprovo a contrafacção dos typos, que modernamente se dão no romance, e com particularidade nos teus romances. Quando eu lia novellas, preferia as da eschola dos castellos lôbregos, dos phantasmas da meia noute, dos vampiros que dispensavam as sanguesugas, e dos carnifices de olhos esbugalhados, que relampejavam nas trevas das masmorras. Isto entretinha-me e horrorisava-me, em quanto lia. Lido o volume, dava uma gargalhada, e dizia em elogio do author: «Que grande patusco!» Porém, se lia algum raro romance da eschola real, ou realista, como dizem os francezes, acabada a leitura, não ria; ficava-me a scismar tristemente, e dizia commigo: «Isto é verdade; o mundo é assim; as miserias do genero humano argumentam contra a perfeição das obras divinas dos astros para baixo. O physico do homem é admiravel como o physico do insecto microscopico; mas o moral do homem é repellente, é hediondissimo!» Aqui tens a causa da minha abominação dos romances trasladados da natureza. Agora, cuido

eu que ha uma eschola mixta, á qual pertencem os teus livros.

—Mixta?!

—Sim: vocês inventam virtudes impossiveis de par com perversidades incombinaveis. No mesmo capitulo offerecem-nos a mulher nua exsudando o pus da gangrena moral, e outra mulher vestida com o manto das virgens, e rescendendo aromas das florinhas do Hybla. Ao lado do plebeismo da taverna o orientalismo das magnificas figuras da Biblia.

—Pois se a sociedade é isso!—repliquei eu—Se a vida é esse mixto, que te repugna, como queres tu que se escreva, Antonio Joaquim?

—A sociedade não é isto, homem! Toda a desgraça commum tem uma razão de ser; todo o crime tem uma face commovente que exora perdão para o delicto repugnante. Não ha crime absolutamente imperdoavel; tambem não ha virtude immaculada. Nego que se confrontem duas mulheres, e se diga: «Esta mulher perdeu um homem; aquella mulher salvou-o». A que perdeu resvala de degrau em degrau; a que salvou levanta-se por entre as nuvens fóra, até se esconder á analyse do espirito humano. Uma entra no inferno sem dar a razão por que o romancista a mandou para lá; a outra bate ás portas do céu, e entende que não vive honestamente em companhia das onze mil virgens.

—Isso não é questionar; é *fazer espirito*—interrompi.

—Seja o que fôr, é uma cousa que depõe vantajosamente

a favor da tua habilidade galhofeira. Em todo o caso, entendes tu que não ha mulher que salve!

—Entendo. Cousa que salve ha uma só: é a experiencia das mulheres que perdem. Ainda ha uma outra, que não ouso dizer-te com medo que me julgues um zombeteiro de mau gosto.

—Que cousa é essa?... diz lá!

—E' uma égua brava.

—Uma égua brava?! Que mangação!

—Ouve lá a historia de uma *égua, que salva.*

II

Antonio Joaquim accendeu o charuto, e continuou:

—Fui grandemente contrariado no conseguimento da mulher, com quem casei. Minha mãi não queria desistir de me vêr de mitra e baculo; meu pai aborrecia a moça, porque a vira trajada á moda da cidade, e lhe constava que ella vivia á lei da nobreza. O pai de Maria Clara aborrecia-me a mim, porque eu lhe matára a tiro umas pombas, cuidando que eram rolas maninhas; a mãi odiava-me outro tanto, porque eu pintára casualmente, na parede da igreja, uma cara com uma nariz descommunal, e aconteceu que a mãi de Maria Clara possuia o maior nariz do concelho. Os gandaieiros da freguezia começaram a dizer que o boneco narigudo era o retrato da snr.ª Joanna do Ribeiro: soou-lhe o boato;

averiguou quem fosse o Apelles de carvão; e jurou que seu marido havia de ser papa, quando eu fosse bispo. Este juramento foi sanccionado no céu.

Acresceu uma importante contrariedade sobre tantas. Maria Clara, antes de me vêr e lêr a minha primeira carta, amava um morgadete de outra freguezia distante, rapaz bem nascido, mal creado, bazofiador de valentias, e de ruim condição. Eu não sabia d'isto, quando comecei: o amor teve mais força que o juizo, quando m'o disseram. Continuei por coração, e algum tanto por vaidade. Medo não me faltava: aqui t'o confesso, que ninguem nos ouve, graças ao barulho das campainhas. Estas revelações só póde fazel-as com segurança quem vai de liteira.

Encontrei-me com o morgado nas visinhanças da casa de Maria Clara. O rapaz, que teria vinte e cinco robustos annos, parou em frente de mim, soffreando as redeas do cavallo. O caminho era estreito e de pé posto. Fui naturalmente obrigado a fazer-lhe rosto, sustendo o impeto da minha égua, que dera um galão contra o cavallo.

—O senhor conhece-me?—perguntou elle.

—Conheço muito bem—respondi eu.—E' o snr. Belchior Pereira.

—Para o servir e amar, se n'isto lhe dou prazer.

—Muito obrigado!—voltei eu ao sorriso ironico do galhardo cavalleiro, que retrucou:

—Não tem de quê. A prova de que o sirvo e amo é o aviso que vou dar-lhe. Desista de passear por estes

arredores. A mulher, que o senhor ama, já eu a amava, quando o senhor a viu. Não estou resolvido a ceder-lh'a facilmente, nem tão pouco lhe peço que m'a ceda. Tenho direitos antigos. Ha tres annos que amo e escrevo a Maria Clara. O senhor de certo ignorava isto.

—Já sabia—respondi eu com firmeza, e muita confiança nas pistolas dos coldres.

—Mas não sabia tudo, pelos modos— redarguiu elle promptamente.—Fica o snr. Antonio Joaquim sabendo agora que um homem de qualidade não se póde vingar decentemente de uma perjura; mas vinga-se no homem que a faz perjurar.

—Não sabia isso—atalhei eu.—O systema parece-me irracional. Seria mais justo vingar-se d'ella um homem qualquer; mas um homem de qualidade, como v. s.ª diz, e é, não se vinga de ninguem.

—Não me dê conselhos, snr. Antonio!—voltou elle mal encarado.

—Eu não aconselho: faço as minhas reflexões, visto que estamos conversando. — Sobreveio elle immediatamente:

—Mas é que nós não estamos conversando...

—Ah! não? cuidei que...

—Cuidou que eu era homem de palestras? Isto é um aviso, que eu lhe resumo em duas palavras: desistir, ou experimentar-me o peso das mãos. Entendeu agora?

—Sim, senhor, entendi. Não desisto, nem quero experimentar o peso das suas mãos, snr. Belchior. Se v. s.ª me quizer fazer passar por essa desconsoladora experien-

cia, eu prometto dar-lhe a experimentar o peso de duas balas.

O homem remessou o cavallo; a minha égua empinou-se; e eu desabotoei as presilhas dos coldres.

Estacou o Belchior, empunhando um curto ferro desembainhado de um chicote. Mediu-me de alto a baixo tres vezes com solemnidade ridicula além do admissivel no melodrama. Bacorejou-me que o morgadete era menos facinora do que apparentava. Disse-lhe que atirava a égua por cima d'elle, se me não desimpedia o caminho. Cingiu-se com a parede de uma bouça, bamboou tres vezes a cabeça carregada de ameaças, e deixou-me ir em paz.

A tiro de espingarda, estava Maria Clara ao peitoril de uma janella aberta no muro da quinta. Suava de afflicta. O Belchior surprehendera-a a colher da trepadeira, que formava o docel da janella, umas flores, e a dispol-as em ramilhete. Vociferou-lhe alguns insultos, e deu-lhe parte de que eu havia de morrer da tal experiencia das mãos d'elle.

Por isso Maria Clara suava de afflicta. Soceguei-a com a certeza de que eu não estava sequer moribundo, e asseverei-lhe que Belchior Pereira me parecia incapaz de matar alguem.

A nossa correspondencia continuou, e as minhas idas aos arredores defezos não descontinuaram. A timida moça deixou de apparecer, no louvavel acinte de me reter longe da ferocidade do morgado; eu, porém, insisti em convencel-a da impunidade da minha affouteza.

Tractou elle de colher vingança por mais covardes traças.

Denunciou ao pai de Maria os nossos breves dialogos da janella do muro. A mãi, instigada pelo nariz que eu trasladára, sem malicia, na parede da igreja, instigou o marido, fumegando vaporações de raiva pelo nariz original. Foi a menina prohibida de ir ao miradouro.

Bem sabia ella a intenção honesta e honrada do meu amor. O meu abbade, bom e digno confidente da minha paixão, tomou a peito desatravancar o caminho de tão louvavel proposito. Entendeu-se com o reitor da freguezia de Maria Clara, e accordaram-se em amaciar as asperezas dos quatro velhos mancommunados para a nossa desgraça. Era diplomacia de santos em negociação de innocentes affectos: surdiu excellente effeito. A sn.ª Joanna passou a esponja da razão sobre o nariz pintado; o snr. João, marido d'ella, esqueceu a offensa involuntaria ás suas pombas; minha mãi chorou as derradeiras lagrimas sobre a mitra dos seus sonhos episcopaes; e meu pai foi obrigado a concordar que os trajos das senhoras cidadãs não pegavam nem implicavam deshonestidade ás meninas das aldeias. Os dous clerigos deram por concluida, cooperante a protecção divina, a sua missão, e escreveram os proclamas para serem lidos nos tres dias santificados.

Maria Clara exultou, eu beijei as mãos dos dous pastores; abracei minha mãi, promettendo-lhe ordenar de clerigos todos os meus filhos, se ella quizesse; e levantei meu pai no colo. O bom velho ria-se e chorava, com

a satisfação de se ver perpetuado na sua descendencia. Este antecipado amor a netos e bis-netos é uma alegria patriarchal, ante-gosto refugiado na vida das aldeias. Nas cidades, meu amigo, um homem ou mulher de quarenta annos, com filhos de dezoito, treme de se ver avô ou avó. A existencia de um neto é uma risada aos bigodes falsificados de negro, ou ás faces sujas de carmim.

Belchior Pereira, sabedor da inesperada convenção, e da primeira leitura dos banhos, premeditou um cruel desforço. Eu adivinhei-o, e Maria Clara tambem. O morgado sahiu da terra, dizendo que ia para o Porto. Então é que eu mais receiei, e me acautellei, sem, comtudo, desistir de passar algumas horas das noutes de inverno em casa da minha futura esposa, contra vontade d'ella. A minha vigilancia consistiu em me fazer acompanhar de um criado valente, bem armado, e montado n'um cavallo que saltava, a quatro pés, vallados de altura de um homem.

Uma noute de janeiro, sahi, ás onze horas, de casa de Maria Clara. Não luzia estrella. Era a escuridão de um sepulcro aquella noute. O nevoeiro regelava a medula dos ossos. Os aguaçaes lamacentos espadanavam debaixo das patas dos cavallos. Os ribeiros desbordavam e cobriam as poldras de passagem. Uns passaros noctivagos piavam lugubremente nos galhos desfolhados dos castanheiros. E, todavia, o meu coração ia alegre, lucidissimo, perfumado, intumecido de delicias. Não me lembrava Belchior n'aquella noute; e, n'outras, tantas

vezes, eu esperei que o meu criado me precedesse na passagem de barrancos e encruzilhadas!

Chegamos a uma agra, que se bifurcava em dous quinchosos de pessimo pizo, á entrada dos quaes eu costumava apear. Não o fiz então. Disse ao criado que passasse ávante para com o passo firme do cavallo me encaminhar a égua irrequieta e mal segura sobre as pedras descalçadas pelo enchurro da agua chovediça. Um dos caminhos levava a minha casa, o outro ia fechar-se n'um mattagal a pouca distancia.

O criado metteu o cavallo muito de passo pelo quinchoso. Eu quiz seguil-o com a égua; e ella ficou immovel á esporada. Teimei, até lhe ensanguentar os ilhaes. A' terceira esporada, levantou-se de repellão, revirou-se, roncou, trincou furiosa o freio, e despediu desapoderada pela outra vereda que ia fechar-se na matta. Eu ia agarrado ás clinas, contando com uma quéda mortal, quando ouvi tres tiros quasi simultaneos. Não sei o que então pensei. Fiz um desesperado esforço para sustar a remettida da égua. Via já diante de mim umas trevas mais intensas, para assim dizer, entranhadas n'outras trevas. Era o cruzamento das arvores que orlavam o mattagal. A égua quedou-se alli de subito, affrontada pelos esgalhos seccos, que lhe rasgavam os peitos.

Apeei, sem saber para quê, e meditei um momento. Prestes me convenci de que o meu criado estava morto.

Cavalguei de novo. Voltei no mesmo pizo a galope. A égua obedecia, sem tropeçar nas lagens escorregadias. Guiei-a para o caminho, d'onde fugira: obedeceu ao leve

movimento das bridas. Chamei a altos brados o criado, e senti indizivel alegria, quando lhe ouvi a voz.

—Cá estou; mas não posso erguer-me!—disse elle.

Aproximei-me. Estava elle estirado debaixo do cavallo morto. Disse-me que tinha uma bala n'um joelho, e que o traspassado cavallo, ao cahir, lhe quebrára a outra perna. Pedi forças a Deus para subtrahir o meu pobre criado do peso do cadaver enorme. Consegui, quando o vigor estava a exhaurir-se. Tomei-o nos braços, e pude cavalgal-o na égua. Caminhei ao lado d'elle, segurando-lhe a perna quebrada no sellim.

Quando cheguei perto de casa, vinham criados com fachos de palha accezos em minha busca. Os tiros tinham levado o seu estampído ao quarto de minha mãi, que ainda estava pedindo a Deus por mim.

Tenho a satisfação de te dizer que a fractura da perna do meu bravo Leonardo cicatrizou sem aleijão. A bala do joelho apenas lhe feriu a rodela sem consequencia.

Agora vamos ao essencial d'este episodio, meu caro amigo: a quem devo eu a minha salvação n'aquelle conflicto?

—A' tua égua? Queres que eu te diga isto, não é verdade?

—E', e não fazes favor nenhum á minha égua.

—Pois eu, se escrevesse n'um livro esse relanço da tua vida, não dizia que foi a égua que te salvou.

—Pois quem?!

—Disseste-me que tua mãi estava orando por ti, quando ouviu o estampido dos tiros. Eu creio que fo-

ram as orações de tua mãi que te salvaram. Esta crença tem bases no sentimento e na razão. Basta crer n'um Deus, que inclina a sua face misericordiosa ás preces de mãi alvoroçada pelo medo de perder um bom filho.

Antonio Joaquim não replicou. Pejou-se de discutir materia em que havia de estabelecer confrontos vilipendiosos.

E eu prosegui:

—Como facécia, e parodia ao titulo do meu pobre romance, a tua historia veio muito ao ponto. Mas eu, como vês, ouvi a conclusão da narrativa com pensadora seriedade. Foi uma mulher que te salvou, meu caro Antonio Joaquim; mas mulher-mãi, intercessora, cujos requerimentos justos nunca descem indeferidos do tribunal divino. Pois, se me dissesses que, á mesma hora, a snr.ª D. Maria Clara, tua noiva, esperançosa metade de tua alma, estava orando por ti—e bem póde ser que estivesse—dir-te-ia eu que foram duas as mulheres a salvar-te. Um anjo—concede que eu diga *um anjo,* em quanto me não fechares as portas do céu—levaria em uma de suas azas a petição da mãi, na outra a petição da virgem. O Senhor sorriria ao santo amor de ambas, e tu serias salvo pelos dous amores.

—Está bom!—voltou Antonio Joaquim—mas não me anniquilles completamente a poesia da minha égua!...

—De modo nenhum. A tua égua ainda vive?

—Vive.

—Pois bem: dá-lhe muito grão, e uma velhice des-

cansada. A verdadeira poesia das éguas é isto. E, quando contares essa pagina dos teus amores, dá-lhe um titulo mais humano, e agradecido ás orações de tua mãi.

III

D'ahi a pouco, Antonio Joaquim assentou-me duas sonoras palmadas nos hombros, e exclamou:

—Tu hoje deves ter uma boa *fortuna!*

—Quem, eu?!

—Pois então! A calcular sobre os livros que tens publicado!... Olha que eu já ouvi rosnar que alguns dos romances não são teus... Calumnias!...

—Calumnias, realmente, meu amigo. *Alguns,* dizem elles? Nenhum dos livros, que correm com o meu nome, é meu. São todos dos editores.

—Mas o que dizem é que não podes ser materialmente o author do que se lê com o teu nome.

—Ah! entendi agora... Pois sou materialmente essa desgraçada machina que escreveu tudo, todo esse lastro da nau das letras nacionaes, que anda á matroca.

—Mas estás rico ou não? Falla a verdade!

—Estou. Possuo quintas ajardinadas, em comparação das quaes, os hortos pensis de Semyramis são charnecas intransitaveis. Tenho palacios, que seriam dignos de um principe aziatico, se não fossem mais dignos de mim. As minhas equipagens de urcos, *landaus,* e librés...

—Falla serio, homem!—atalhou Antonio Joaquim—Tu tens a tua independencia feita, e estás no caminho de...

—Morrer...

—Com cem contos, e uma estatua na tua terra, á custa da nação agradecida.

—Estatua do espanto me fazes tu, amigo Antonio! Se não fosses engraçado, serias tolo! Pois tu cuidas que eu vivo dos romances?

—Cuidei...

—Nada, não... Eu vivo da gloria. Descobri em mim um segundo apparelho digestivo, que elabora, em substancia nutritiva, a gloria.

—Isso parece-me util;—obtemperou o meu amigo—porém, seria justo que tivesses de teu um decimo do dinheiro que tens dado a tanta gente...

—A quem?!

—Aos personagens das tuas novellas. Por exemplo: áquella *Augusta* dá rua Armenia, do romance—«Onde está a felicidade?» Oitenta contos debaixo de uma taboa! Quasi um Banco! á taboa faltava-lhe só quatro pés para sustentar a inteireza da comparação. Oitenta contos!

—Tambem tenho empobrecido muito personagem: fica uma cousa pela outra.

—Aquelle dinheiro inventaste-o tu? Pois olha que eu sei uma historia em que appareceu muito dinheiro debaixo de uma taboa, algum do qual eu possuo, e agora mesmo podes ver uma amostra. Aqui tens.

Antonio Joaquim tirou de uma sacca de prata dous dobrões portuguezes no valor de quarenta e oito mil réis.

—Achaste muito d'isto?—perguntei.

—Não fui eu que levantei a taboa. Vou contar-te a historia; e, se duvidares, vai á minha aldeia, que eu t'a comprovarei com o proprio depoimento do possuidor do thesouro.

Trinta annos haverá, pouco mais ou menos, que um bom lavrador meu visinho, chamado elle João do Cabo, casou com Maria da Capella, moça bonita, segundo diz minha mãi, e rica, a mais rica das dez freguezias em roda. Era orphã, quando casou, contra vontade de seus tios, dous padres, que tinham razas de dinheiro, no dizer do povo.

Foi a moça para casa do marido, senhora dos bens de seus paes; mas amaldiçoada pelos tios, que resistiram a todas as tentativas, que meus paes fizeram, no intento de reconcilial-os com a sobrinha.

João do Cabo era um extravagante estupido. Começou a apostar dinheiro em jogo de azar n'uma casa de padres nossos visinhos; perdeu e ganhou quantias pequenas; entranhou-se-lhe o vicio, e já lhe parecia insignificante o bolo, que podia levantar em casa dos padres. Ia todas as semanas jogar a Braga, e ás feiras do anno. Perdeu muito dinheiro, já levantado sobre hypotheca dos bens. Meu pai emprestava, quando não sabia ainda o destino dos repetidos emprestimos; mas o negar-se elle a facilitar a ruina de João do Cabo não vingou

melhoria nem emenda para o desgraçado. As irmandades do Santissimo Rosario, e de muitas outras cousas santissimas, confiavam dinheiro ao jogador, tendo os mezarios consciencia do fim para que emprestavam.

A casa era tamanha que João levou dez annos a dissipal-a. A esperança, que o esporeava a sacrificar os ultimos contos de réis, era o dinheiro enthesourado dos tios de sua mulher. Contava elle com a herança e com o resgate das suas fazendas. Era voz publica e notoria fama que o ouro dos padres, legado de mão para mão, de um tio, vindo do Brazil, valia mais que as terras das duas freguezias mais ferteis da comarca.

Morreu um dos clerigos, testando no outro. Respirou o peito desopprimido do lavrador: tinha meio caminho vencido.

Já o jogador havia deixado arrematar em praça as melhores fazendas, executadas pela irmandade do Santissimo Rosario, quando morreu repentinamente o outro tio de Maria.

Fez-se um alarido de jubilo em casa de João. Correram a casa do defunto; abreviaram o sahimento e o enterro quanto pudéram, sem vergonha da freguezia; e cuidaram em remexer gavetas, bahús, arcas, armarios, enxergões, tudo que tivesse bojo com capacidade para conter alguns alqueires de dinheiro. Escassamente encontraram n'uma sacca de linho algumas poucas duzias de cruzados novos.

Recorreu João ás excavações na adega, nos lagares, nas lojas; minaram os alicerces da casa; nem vestigios

dos alqueires de ouro; nem um salamim sequer para pagar as despezas da exploração!

Desistiram os cavadores, e João do Cabo resignou-se a levantar a herança dos dous patrimonios clericaes avaliados em dous contos de réis.

Parece que o mallogro e o desespêro recrudeceram o vicio do jogo. Vendeu o lavrador um dos patrimonios, e despejou o producto á voragem; vendeu a boa casa em que vivia; vendeu o outro patrimonio, tudo vendeu, no espaço de cinco annos, reservando apenas um cazebre na eira, no qual os padres mandavam recolher empalhadas as fructas. Meu pai foi quem arrematou em praça todas as propriedades de João do Cabo, e lhe aconselhou que reservasse a casa da fructa para ter um colmado onde se acoutasse de inverno com mulher e seis filhos que tinha.

Chegou João do Cabo a extrema pobreza antes dos quarenta annos. Meu pai tomou a seu encargo dar-lhe modo de vida aos filhos, que eram, por fortuna, todos rapazes. Os mais velhos mandou-os para o Brazil; os outros pol-os a marçanos em lojas de Braga e Porto. Maria foi recebida em nossa casa a titulo de criada; mas minha mãi, que se tractava de tu com ella, não a mandava lançar mão a trabalho nenhum. Chorava com a pobresinha, e ensinava-a a esperar as riquezas do céu.

Toda a gente contava que João se deixasse morrer de fome, se não tivesse quem lhe chegasse um caldo. Enganou-se toda a gente. Meu pai sental-o-ia á sua meza, se elle quizesse: regeitou a esmola sem altivez,

dizendo que ainda podia trabalhar, e que era necessario fazer penitencia.

As mãos do desgraçado eram mimosas como as nossas: ignoravam a dureza do cabo da enxada. Algumas vezes, quiz trabalhar na rossa do matto, e largou a ferramenta, porque as mãos largavam a pelle. A gentalha boçal e má da aldeia ria-se d'elle. Os jornaleiros, que o viam á sua beira gemendo a cada enxadada frouxa que atirava á raiz do codêço, olhavam-no de revez, e exultavam de ver nivelado com elles o rico de outro tempo, que lhes atirava ao chapéu com o jornal de cada semana, e lhes chamava calaceiros.

Este rir insultador era o vinagre esponjado na chaga do infeliz. Pensou elle em tirar-se da vista da gente; esconder-se a trabalhar onde não chegasse luz de sol.

—Não sei como conseguiria isso!...—atalhei eu.

—Pois admira que o não saibas, sendo tu romancista!—observou Antonio Joaquim—Fez-se mineiro. Aqui tens um expediente simplicissimo. Escondeu-se á luz do sol a trabalhar nas minas da casa de meu pai, nas minas das propriedades que tinham sido d'elle. Era uma verdadeira penitencia! Nem ás horas de comer queria sahir cá fóra ao ar livre. Vinha á bocca da mina buscar a cesta: comia ao clarão de algum «suspiro» de baldear o saibro, e voltava a trabalhar até que o exterior fosse mais escuro que as trevas lá de dentro.

Em tres annos d'este duro lavor, encaneceu, derreou, desfigurou-se, era uma compaixão vel-o! Por mais que meu pai dissesse e fizesse, não houve tiral-o das minas,

nem mudar-lhe os vestidos, até se desfazerem podres da humidade subterranea. Nos dias santificados, ia a mulher jantar com elle á «casa da fructa». Era um repasto de lagrimas de ambos. Maria fallava-lhe a linguagem religiosa de minha mãi; exhortava-o á paciencia, e á confiança no repouso da patria celeste. O marido escutava-a silencioso, ou lhe dizia: «Que mais paciencia queres tu que eu tenha, Maria?!»

No inverno de 1853, João do Cabo adoeceu de febres quartãs, e cahiu na cama, quando mais não pôde. A mulher ia levar-lhe os alimentos ao cazebre, e á noutinha voltava para nossa casa. Minha mãi obrigou-a a pernoutar ao lado do marido, e mandou-lhe lá armar uma cama de bancos.

N'uma d'aquellas noutes, João, a tiritar de frio, pediu a Maria que lhe fizesse uma boa fogueira.

—Aqui não ha lenha;—disse ella—mas eu vou lá fóra ajuntar uns gravatos.

—Não quero fogueira de gravatos—replicou João.—Faz-me achas de alguma cousa.

—De quê? Valha-me Deus, não sei de que hei-de fazer achas!

João saltou ao sobrado, a estalejar os dentes, e disse:

—Traz aqui a candeia, Maria, e esse pequeno ferro de monte.

A mulher aproximou-se com o ferro.

—Que vaes fazer?—perguntou ella.

—Arrancar uma taboa.

—Valha-te o Senhor!—acudiu ella—Se tiras o soalho a humidade da terra faz-te mal, João!

—Deixa-me. Tanto hei-de morrer assim como assado.

Tirou com força pelo catre de cerdeira em que tinha o enxergão, e escolheu a mais carcomida das taboas do sobrado. Metteu-lhe primeiro o fio da enxada nas junturas, solevou a taboa, e interpoz a pata do alvião. Depois, foi alçapremando a taboa até a rachar a meio, porque os fortes pregos do outro lado não cederam ao repuchar do ferro. João introduziu os dedos para quebrar o restante da taboa, e sentiu n'elles uma extraordinaria impressão de frio. Remexeu no quer que era, e deu tino de um objecto liso e polido, como lata. Retirou a mão: fitou os olhos spasmodicos na mulher, e não proferiu palavra.

—Que é?!—perguntou ella, passados segundos.

—O' mulher! — balbuciou João com um gesto de louco.

—João, tu que tens?...

—E se fosse!—exclamou elle.

—O quê?!—tornou Maria, a não querer entendel-o —Tu estás louco, homem?! Se fosse o quê?

—O dinheiro!... o dinheiro!...

—Pois tu que vês?!

—Não sei, não sei... Deixa-me tomar ar... Já não tenho frio... Estou a arder... Pede a Nosso Senhor que isto não seja um engano, Maria! Reza, reza, que a minha penitencia de quatro annos merece que Deus tenha dó de nós!...

E Maria pendurou o gancho da candeia na maçaneta do catre, e ajoelhou-se a rezar de mãos erguidas.

No entretanto, João bateu com a ponta da alçaprema na terra aplanada pela taboa, e tirou um som metallico.

—O' Senhor Jesus do Monte!—exclamou elle; e Maria, ao mesmo tempo, invocou a Virgem Mãi de Jesus.

Cahiu o ferro da mão ao marido, e dilataram-se-lhe os beiços n'um tregeito de riso de mentecapto. Primeiro, poz as mãos sobre o peito; depois abraçou a mulher, banhada em lagrimas; por fim, todo convulsivo, levou mão do ferro, e disse-lhe:

—Ajuda-me... que eu tenho medo de morrer de alegria!

Saltaram os pregos. Maria tirou a taboa a pedaços com a força de trez homens. João affastou a leve camada de terra, que cobria dous caixotes de folha de Flandres, os quaes extrahiu, depois de excavar com as unhas a terra circumposta. Como cada um tinha dous palmos de comprimento sobre um de altura e outro de largura, os braços do enfermo mal podiam com o grande peso dos caixotes. Maria ajudou do outro lado. Quando tiraram o segundo, viram uma caixinha de lata pendente de uma argola do caixote, por uma corrente de metal. Abriram esta caixinha, e acharam duas chaves. Quizeram abrir com ellas os caixotes; mas os aloquetes estavam enferrujados, e as guardas das fechaduras não corriam ao lado. João partiu as linguetas com um trado. Abriu o primeiro caixote, e viu uns poucos de saccos de anta. Puxou por um; correu as correias de couro

entrançado; e viu dinheiro em ouro. Depoz o sacco sobre os outros, e despediu em altos clamores uma desconcertada apóstrophe á Providencia Divina.

Minha mãi estava ainda a pé, com as criadas á lareira. Fitou o ouvido attentamente, e disse alvoroçada:

—Eu ouço gritar o João! Vão lá ver o que é!

As moças tiveram medo e não foram; por que o povo, romancista descabellado, inventára que as almas dos padres, tios de Maria, andavam penando em volta da casa.

Minha mãi foi chamar meu pai á cama, contou-lhe que ouvia gritos, e seduziu-o caridosamente a sahir com ella.

Os dous velhos bateram á porta da casinha da fructa, quando João estava borrifando com agua o rosto de Maria, que perdera os sentidos. Fallou minha mãe de fóra. Foi-lhe aberta a porta.

—Que tendes vós?—perguntou-lhe ella, vendo a sua pobre Maria sentada no chão, e encostada aos pés do catre.

—Temos... temos...—tartamudeou João.

—Que é?!—perguntou meu pai.

—Temos alli dous caixões de ouro!—exclamou o mineiro.

—Estás doudo varrido, João?!—clamou meu pai.

—Graças ao céu, que não estou! Vejam! vejam!

Os dous velhos viram ao lado do fosso aberto, entre duas taboas, os caixotes de lata.

Maria, quando recuperou o tino, estava nos braços de minha mãi.

João do Cabo achou-se sem frio nem calor d'ahi a uma hora: era temperatura do paraizo que lhe regalava os pulmões.

Meu honrado pai recebeu o valor de todas as propriedades que lhe comprára, e entregou-lh'as com as bem-feitorias gratuitas. Os dous dobrões que te mostrei são restos de sessenta mil cruzados, ou mais. O thesouro encontrado, restaurados os bens, póde pagar outros bens de igual valia.

João chamou os seis filhos para casa: tem tres a ordenarem-se; um em Coimbra; e dous na lavoura.

E' o mais feliz dos paes, e o mais excellente dos homens.

De vez em quando, reune os filhos, entra com elles n'alguma das minas em que trabalhou, e conta-lhes a extensão e intensidade das agonias que lhe embranqueceram alli os cabellos. A narrativa termina sempre com estas palavras:

—Meus filhos! maldito seja entre vós aquelle que jogar!

IV

—Porque não fazes tu um volume d'este facto?—perguntou Antonio Joaquim.

—Hei-de ver se faço seis volumes, meu amigo. Terás tu muitas historias que me contar? Vê lá, meu filho. Se

eu achava n'esta liteira esqueletos para os cem livros que tenciono escrever em dez annos!...

—Então vocês chamam *esqueletos* ás historias que apanham de orelha? E' bem posto o nome, attendendo á magreza dos livros que fazem!... Que historias queres tu? de dinheiro?

—E sem dinheiro; servem-me todas.

—Queres tu uma que succedeu ha tres mezes no meu concelho? Se duvidares, vai lá sabel-o.

—O' homem, eu creio em ti; e, se não acreditasse, tambem não iria informar-me. Eu dispenso-te de me dar provas que o leitor me não pede a mim.

—Ahi vai a historia:

No tempo da invasão franceza, havia, na minha terra, uma rapariga de dezesete annos, filha de uma mulher, que fabricava rosarios de osso com tal perfeição e lustro, que ainda hoje parecem de marfim, e excedem o primor dos melhores, comprados em Roma. Rosalinda, a filha da conteira, sahiu mais imaginosa que sua mãe no fabrico das contas: facetava as cruzes, floreava-as, lavrava as peanhas, e conseguiu esculpir pequenissimas imagens, se não corretas, muitissimo admiraveis na proporção das fórmas.

Este officio, sobre ser de portas a dentro, limpo, e de bom serviço ás almas, era muito rendoso, attendendo á barateza da materia prima, sem embargo da concorrencia dos cuteleiros de Guimarães aos ossos de que faziam cabos para as suas já agora desacreditadas ferragens.

As conteiras viviam remediadas e alegres; tinham o

seu mealheiro para uma necessidade, e eram aceiadas como nenhumas das mais abastadas lavradeiras.

Em quanto a costumes, as moças mais honestas e morigeradas tinham que estudar em Rosalinda. As suas affeições eram o culto divino, a mãi, e o trabalho. Na igreja, distinguia-se pela reverente compostura; e tambem por assistir á missa com o seu livro. Das raparigas de sua creação só ella vingára aprender a ler, quando o abbade abriu eschola gratuita para ambos os sexos. Em quanto a casamentos, offereceram-se-lhe alguns de rapazes de officio, como pedreiros, tecelões, carpinteiros; Rosalinda, porém, modestamente lhes cortou as esperanças, allegando que era muito nova. As velhas, todavia, que eram cachopas n'aquelle tempo, diziam que a orgulhosa conteira mirava a mais alto, e cantarolava a miudo esta popular trova:

Quem eu quero não me quer;
Quem me quer não me faz conta.

Estes dous versos mareavam-lhe algum tanto os creditos no conceito dos pretendentes; mas, na opinião das pessoas desapaixonadas, Rosalinda, amando de preferencia os morgados das primeiras casas, estava no seu direito de ser tola sem ser deshonesta.

N'aquelle tempo, um official do exercito francez, commandado por Loison, desgarrou-se do piquete, forçado pelo tiroteio dos guerrilhas, e cahiu ferido n'uma bouça visinha da casa das conteiras, e escondeu-se n'um gestal a fugir da furia carniceira do povo.

Rosalinda vira do postigo do seu quarto a lucta dos francezes com a guerrilha, e a entrada do official na bouça. Assim que anouteceu, e a mãi sahiu a saber novidades, foi ella ao gestal, e viu gotas de sangue. Encaminhou-se por ellas, e foi dar com um gentil francez prostrado, sem alentos, e ferido na fronte. Ousou ajoelhar convulsa ao lado do bello agonisante, e levemente apoiar-lhe a mão no braço que elle tinha sobre o peito. O francez, segundo creio, abriu os olhos, viu a camponeza esbelta, e lembrou-se do heroe de lord Byron, aquelle eterno D. João, o qual, revessado á praia pelas ondas, que não puderam impiedosamente comel-o, abre os olhos expirantes, e vê a formosa filha do pirata.

O francez pediu agua. Se alguma vez déres á estampa este conto, podes dizer que o joven official pediu o coração á moça em exclamações de quem se gosa de uma perfeita saude; diz o que te fizer conta; mas o exactissimo é que elle pediu agua; e, depois de beber a excellente agua do nosso Minho, cobrou côres, e pediu um bocado de pão. A rapariga, como se o amor lhe désse n'aquelle instante sciencia infusa de linguas estrangeiras, entendeu que elle queria comer.

Foi a casa, e levou-lhe uns ovos cosidos, e uma malga de leite de vacca. O francez poz as mãos agradecidas, e tirou do bolso interior da farda um pequeno dinheiro em ouro, que offereceu á bemfeitora. Rosalinda gesticulou negativamente, disse-lhe a seu modo que estivesse alli, e foi a casa contar o succedido á mãi, e pedir-lhe debulhada em lagrimas que fosse com ella á bouça.

Foram, e pouco depois o francez amparado nos hombros de ambas, quando a noute era já cerrada, foi recolhido ao cazebre aceiado e alegre das conteiras.

O repartimento interior, onde ellas trabalhavam, passou a ser a alcova, e do seu quarto, mais escondido, e assombrado de carvalhos, fizeram o quarto do enfermo.

O francez ensinou-as a fazerem-lhe o curativo de uma fouçada que levára na cabeça, e uma pedrada n'uma perna. A cabeça cicatrisou depressa; mas a fractura da tibia soldou vagarosamente. Havia mais de mez que se hospedava o official na casa das boas creaturas, que desvelavam as noutes á sua cabeceira. Ao fim d'este breve tempo, Rosalinda sabia o mais preciso do idioma francez em governo de casa. O official dava-lhe lições, apontando e nomeando, uma a uma, as cousas que o rodeavam, e d'estas inferia para outras invisiveis, com tão engenhoso systema que Rosalinda, auxiliada pelo coração, compoz um vasconço, muito mais francez que as francezias das meninas sahidas dos nossos collegios, e menos *patois* que o de alguns traductores de romances.

Eu admitto que Rosalinda, e o sujeito, que por nome não perca, fossem capazes de inventar uma lingua para seu uso e intelligencia. E tu?

—Tambem admitto isso—respondi com a gravidade que a pergunta philologicamente demandava.—Creio que a primeira linguagem nasceu com o primeiro colloquio amoroso entre mulher e homem. Discutamos esta importante questão das linguas, se te apraz. Comecemos pelo paraizo terreal, se não queres começar de mais longe.

—Mas, se te parece,—reflectiu Antonio Joaquim—acabemos a historia, e depois comecemos a questão...

—Pois a historia está a findar?!

—Principia agora.

—Bem!... Eu já ia dizer-te que não dá um capitulo a tua Rosalinda...

—A minha?! do francez é que has-de dizer.

—Então amaram-se?

—E fugiram, assim que elle concertou a perna e a cabeça.

—Pagou bem a hospitalidade da velha conteira, que naturalmente morreu afflicta de vergonha e saudade!...

—Não morreu. Continuou a trabalhar nos seus rosarios. Quando lhe perguntavam pela sua Rosalinda, respondia: «Não sei». O desapparecimento da moça, e a serenidade da velha, deram que pensar á curiosidade. Ignoro que funccionario da justiça se arrogou attribuições para interrogar a conteira ácerca do destino da filha. Atemorisaram-na, e ella confessou que a sua Rosalinda fôra para França casar-se com um militar do exercito francez, por consentimento d'ella.

Assim que se divulgou isto, o povo de tres freguezias quiz ir queimar a casa da velha, e vingar a nação, assando a jacobina que dera sua filha a um hereje, quando o patriotismo ordenava que ella o acabasse de matar na bouça onde o encontrou moribundo. Foi meu avô que teve mão da furia popular.

D'ahi em diante, a mãi de Rosalinda vivia como leprosa, ou excommungada na freguezia. Ninguem lhe

vendia ossos nem comprava os rosarios. As beatas não rezaram mais por contas que ella tivesse feito. A pobre mulher mudou de terra; creio que foi para o Porto, e de lá, passados tempos, foi para França, chamada por sua filha. O povo, sabendo que ella fugíra, não se dispensou de lhe reduzir a cinzas a casa, e aspergir estas cinzas com abluções de agua-benta, e outros exorcismos. Ouvi eu contar a velhos que nos arredores da casa arrazada havia um tal ou qual fedor de enxofre, signal concludente de por alli ter arrebentado uma legião de demonios.

Corridos alguns annos, o sopro da civilisação espalhou os miasmas sulphuricos. Pouco lembravam já as fugitivas; e, se a nova geração as recordava, era sem odio, e talvez com uns vislumbres de poesia romantica. Eu, pelo menos, em rapaz, ia sentar-me no entulho da casa das conteiras, e scismava com a Rosalinda e com o francez. Figurava-me o quarto d'ella, com a vidraça por onde ella vira entrar no gestal o ferido; ia á bouça phantasiar o sitio onde ella o achára; parava junto do portêlo por onde o passaram para a casa protectora. Compunha o meu romance com a côr local, e commovia-me; recontava estas cogitações a minha mãi, que conhecera Rosalinda, e pedia-lhe que m'a descrevesse pela centesima vez.

Queria eu que se averiguasse se ella ainda vivia. Com o meu abbade é que eu tinha a expansão d'estes pueris desejos. O padre perguntava-me se eu queria ir a França castigar o roubador da nossa formosa patricia;

e, com estas e outras galhofas, promettia escrever ao rei Luiz Filippe no sentido da minha exigencia, á qual o monarcha havia de responder minuciosamente.

Era eu já homem de vinte annos, quando o meu abbade me disse que um sujeito lhe havia perguntado no Porto, se se lembrava de ter conhecido na freguezia de *** uma Rosalinda, que fugira com um official francez. E ajuntou que o francez casára com ella, e era general, e o informador os vira ambos em Baden Baden, no uso de banhos, e conversára em portuguez com Rosalinda, que era já velha.

Hei-de confessar-te que o meu romance da puericia se despoetisou algum tanto com esta noticia. A poesia dá-se mal com os quadros felizes. O que ella quer é lances de lagrimas. A filha do céu parece que só para chorar baixou á terra. E' como as flores que se fecham aos grandes fulgores do sol; e se abrem na escuridão melancolica da noute.

—O dissolvente da tua poesia—observei eu—foi o dizerem-te que a mulher envelhecera, meu caro Antonio Joaquim!...

—Seria... Volvidos dez annos, chegou a Braga uma senhora idosa vestida de lucto, com duas criadas, e alugou uma casa modesta nos arrabaldes da cidade. Na primavera d'aquelle anno, de 1850, a senhora, que suas criadas denominavam *madame* simplesmente, andou visitando o Minho em liteira, e foi á minha freguezia. Disse que lhe agradava muito aquelle sitio, e mostrou vontade de se deter alguns dias por alli, o que faria, se

encontrasse casa arrendavel. Meu pai tinha vaga uma casa de quinta, e cedeu-lh'a gratuitamente.

Esta senhora—em quem tu já adivinhaste Rosalinda—acceitou com breves palavras de gratidão a casa offerecida, e mandou a Braga buscar a sua bagagem, que eram alguns bahús.

Sahia, raras tardes, com uma criada, ou sósinha. Passava a curta distancia das ruinas da casa das conteiras; mas, se a viam, retirava-se para não dar nos olhos da boçal curiosidade dos lavradores. Meu pai e eu, com minha mãi e mulher, fomos visital-a. Recebeu-nos com uns ares de polidez de palacio. De sua vida nada nos disse, nada lhe perguntamos. A gente sentia-se constrangida na presença d'aquella esplendida velha, que, no garbo e geito com que se sentou, parecia estar-nos dizendo que nós não nos sabiamos sentar. Ao despedirmo-nos, madame offereceu a minha mãi um riquissimo livro de orações, e a minha mulher um broche de ouro com um genuino camapheu.

Passados dias, pagou-nos a visita, quando já a não esperavamos. Minha mãi, por não ter com que entretel-a, fallou-lhe das ruinas da casa das conteiras. Ouviu ella a historia, em silencio, até que minha mãi lhe disse que seu sogro salvára a mãi de Rosalinda de ser queimada pelo povo. Madame fez um tregeito de repugnancia, e disse:

—Ainda bem que existia um homem entre as feras.

Continuou minha mãi a sua narrativa, até contar o

incendio da casa, e as superstições do povo a respeito do enxofre e do demonio.

Madame riu-se, e observou que o povo fazia descrer do demonio; e que era precisa muita fé para não descrer em Deus, se a voz de Deus era a voz do povo, como dizia o blasphemo proverbio.

Com esta sentenciosa reflexão ia fechar-se a prática. De repente perguntou a senhora a minha mãi se conhecera a tal conteira.

—Muito bem. Eu tenho sessenta annos, e ella era mais nova que eu tres annos. Andamos ambas na eschola do snr. abbade; mas foi ella sómente quem aprendeu a ler. Era muito bonita, e tinha uns ares de cidade, e umas palavras muito doces. Havia de ser da altura de v. exc.ª. Graças a Deus, o francez casou com ella; mas eu—continuou minha mãi com a perdoavel ignorancia da sua virtude—penso que os casamentos lá na França não são como a nossa religião ordena, e, se é assim, não tem valor aos olhos de Deus.

—Penso que tem, minha senhora—respondeu com affavel sorriso a dama.—O Deus dos francezes é, segundo creio, o Deus de todo o mundo.

—V. exc.ª já lá esteve em França?—perguntou minha mãi.

—Muitos annos, minha senhora. E lá encontrei casados, muito em harmonia com os preceitos da nossa religião santa.

Conhecia-se que ficaram muitas outras perguntas atravessadas na garganta de minha mãi; porém, a laco-

nica senhora levantou-se para despedir-se. Minha mãi mostrou-lhe então um rosario, dizendo:

—Peço licença para offerecer a v. exc.ª o mais bonito rosario, que tenho dos que fez Rosalinda.

A senhora acceitou-o, remirou-o com sensivel commoção, e agradeceu n'estas palavras:

—Penhora-me muito esta dadiva.

E, passados momentos de recolhida meditação, ajuntou:

—Quem sabe se a Rosalinda, que fabricou estas contas, terá hoje pejo de ter sido a obreira d'este bonito lavor?!

—E' verdade!—disse minha mãi.

V

—Se eu estivesse escrevendo este romance,—continuou Antonio Joaquim—havia de guardar para o fim a surpreza ao meu leitor, occultando-lhe quem fosse a forasteira dama. Assim, em conversação comtigo, como não armo ao effeito, despresei a mola real do engenho.

—E fizeste bem,—disse eu—porque a mola real dos romances engenhosos está a quebrar do muito uso que lhe dão os dramaturgos e novellistas. Alguns cuidam que surprehendem o leitor, e envidam toda a sua habilidade em torcerem o contexto natural dos successos para se deliciarem na vaidade de pôrem o leitor em espanto. Ora o leitor, usado n'esta cousa de romances, é

que é muito capaz de surprehender o author, chegando-se ao ouvido dos personagens encapotados até aos olhos, para lhes dizer quem são, d'onde véem, onde vão, e o fim que o author lhes prepara. Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é a gente ser sincera. Nada de negaças vãs e ridiculas á sua credulidade, que o mesmo é offendel-os e humilhal-os. Se escrevesses o romance de Rosalinda, bem que habilmente a escondesses na senhora velha, toda a gente se preparava para sahir com um sorriso ao recebimento da surpreza. Toma na devida conta e lembrança esta advertencia, para o caso possivel de escreveres romances.

—Eu?! — acudiu assombrado Antonio Joaquim— Escrever romances eu!...

—Quem sabe? Assim como eu tenho o presagio de acabar lavrador, podes tel-o tu de acabar romancista.

—Nada, não tenho.

—Pois melhor, meu amigo. Procura sempre ser util para alguma cousa, e occupa constantemente o teu espirito em qualquer ramo de trabalho; porque, no momento em que a ociosidade te inutilisar, fazes-te escriptor amêno, se te não fizeres escriptor dilacerante. Paguei os teus conselhos na mesma moeda, que é a mais barata; e, agora, se te parece, vamos á historia da Rosalinda. Ficamos no ponto em que ella sahiu de tua casa com o rosario, offerecido por tua mãi.

—Uma vez—proseguiu Antonio Joaquim—perguntou ella a meu pai se algum lavrador lhe venderia terreno em que se construisse uma casa com um jardim, tudo

em ponto pequeno, á maneira dos *chaléts* da montanhosa Suissa. Meu pai não sabia o que eram *chaléts*; mas offereceu-lhe uma bonita chã arrelvada e sombreada de castanheiros. Disse madame que, se lhe vendessem o terreno da casa das conteiras, edificaria n'aquelle local, por lhe agradarem muito as carvalheiras dos arredores. A isto respondeu meu pai que o terreno estava a monte, porque a proprietaria d'elle, se vivia, de certo se não lembrava de tal; e parentes que o reclamassem não havia nenhum. Ajuntou ella que, a todo o tempo, se a dona ou herdeiros do mattagal apparecessem, seriam satisfactoriamente embolsados do triplo do valor.

Toda a gente se maravilhou da exquisitice da senhora, e da rapidez com que, de sobre as ruinas, se levantou o mais gracioso *cottàge,* modulado por outro que um inglez recentemente edificára em Vizella. Mais espantou ainda passar ella o inverno todo na quinta de meu pai, esperando a ultimação das obras, para as quaes se apenaram os melhores mestres.

Fomos no verão de 1851 visital-a á sua casa, vimos a novidade encantadora da mobilia de *papier mâché,* leveira como a decoração de uma gruta de fadas, cujo tecto fossem flores, e as paredes labyrinthos de trepadeiras. No seu gabinete, entre duas estantes de pau santo, lavradas no gosto antigo, vimos um retrato de corpo inteiro, velado com um transparente escuro, atravez do qual se entreviam as côres vivas da farda recamada de medalhas e fitas, e pendente da mão direita um chapéu de bicos emplumado.

Minha mãi perguntou se era o retrato do senhor D. Miguel ou D. Pedro, desejando que fosse antes do primeiro d'aquelles principes para lhe fazer oração mental.

A dama respondeu que era o retrato da unica pessoa que amára sobre a terra, e amava ainda no céu. Dito isto, saltaram-lhe as lagrimas com tamanho impeto, que nos commoveu a todos.

Em 1853, obteve a mysteriosa senhora licença para construir um cemiterio commum na nossa freguezia. A junta de parochia cedeu-lhe o terreno, e ella custeou todas as despezas de complanação, vallados, muramento e capella. Mandou fabricar uma sepultura modesta com um gradeamento de ferro, sem inscripção.

Passados mezes, chegou a Braga um caixão de chumbo vindo de França com uma ossada, e d'alli foi, com o sequito de alguns padres, para a minha freguezia, e encerrado na sepultura que Rosalinda mandára construir. Soube-se que eram os restos da mãi da senhora, e mais nada; mas, volvidos dias, appareceram estas letras de ferro na tampa da sepultura:

AQUI JAZ MARIA GOMES, NASCIDA
N'ESTA FREGUEZIA EM 1760, E FALLECIDA
EM PARIZ EM 1820.
SUA FILHA ROSALINDA
MANDOU ERIGIR
ESTA CRUZ SOBRE A SUA LOUSA
EM 1853.

Meu pai, quando isto leu, foi esbofado contar o que vira á familia. Minha mãi, descurando os atavios com que usava visitar a dama, correu a casa de Rosalinda, e rompeu por alli dentro, como no tempo em que a ia chamar para irem de companhia para a eschola.

Rosalinda recebeu-a nos braços, apertou-a ao seio, chorou de saudade e de jubilo, fallou-lhe as expressões da amisade de infancia, era de todo em todo outra mulher, perguntando por tudo e por todas as pessoas fallecidas nos quarenta annos decorridos.

Depois, fomos todos; e eu, com o testemunho de minha mãi, contei-lhe os romances que fizera, por conta d'ella, nas inspiradoras ruinas da sua casa.

Rosalinda narrou miudamente sua vida. O official francez, assim que pizou terra de França, casou com ella. Amou-a trinta e dous annos como nos primeiros quinze dias de noivo. Levou-a comsigo a todas as batalhas titanicas de Napoleão, dizendo que, a ser ferido mortalmente, queria morrer nos braços da mulher que lhe déra a vida sacrificada na mais ignobil das luctas da sua carreira de triumphos. O valente chegára ao generalato, e morrera, legando á sua viuva abundantes meios herdados de seus paes.

O povo da freguezia parava, em redor da luxuosa casa, contemplando a riqueza da fidalga, que muitos coevos tinham conhecido a brunir as contas de osso.

Esta admiração gerou a inveja, e a inveja desabafou pela maledicencia.

As beatas e os patriotas diziam que a riqueza de

Rosalinda a tinha roubado o francez em Portugal.

Asseveravam alguns que elle fôra precisamente quem espoliára os resplendores de meia duzia de santos de uma igreja visinha, os quaes poderiam valer vinte pintos a peso; porém, os sycophantas de sócos calculavam que a riqueza de Rosalinda procedia dos resplendores dos santos. Eu surprehendi, uma vez, a canalha n'estes calculos, e resolvi summariamente o problema com um estadulho. Quebrei as principaes cabeças do raciocinio, e a maledicencia acommodou-se, com esta sangria ás intumecencias da inveja estupida.

Em 1855, recebi em minha casa um excellente moço, que a Regeneração desempregára por elle ter sahido em defeza do governo do conde do Thomar. Fôra meu condiscipulo João Carlos, e ficamos sempre amigos com regular correspondencia. Induzi-o delicadamente a passar commigo um verão, e com boas artes o convenci a passar o inverno.

Apresentei-o a D. Rosalinda, que se lhe affeiçoou maternalmente. João Carlos tinha muita instrucção, e fallava francez correctamente. Rosalinda folgava de relembrar o idioma de seu marido, e praticar em assumptos de litteratura com o meu amigo.

Por mim, que não por elle, sabia a senhora a má situação de João Carlos. Consultou-me sobre o modo de ser-lhe util, sem resentir-lhe o melindre. Eu não soube aconselhal-a, por conhecer a susceptibilidade demasiada do meu amigo.

Muito instado por minha mãi, João Carlos passou

mais um anno comnosco, entretendo-se a ensinar portuguez aos meus filhos, e a mim o francez, que eu escassamente sabia traduzir.

D. Rosalinda, no anno seguinte, pediu-lhe se elle ia a Pariz vender uns valores bancarios, que ella queria realisar, e ultimar com o governo umas liquidações, que seu marido deixára incompletas.

Foi João Carlos a Pariz, e demorou-se seis mezes, obrigado pela sua constituinte, que o forçava a esperar a conclusão dos seus negocios atravessados de obstaculos.

Quando o meu hospede voltou, Rosalinda estava doente com funestos signaes. Deu elle conta da sua commissão, honrosa e habilmente desempenhada. A senhora recebeu metade da quantia realisada, e cedeu-lhe a outra como estipendio, e um rico brilhante como gratificação.

—E como esmola que me dá v. exc.ª?—perguntou João Carlos com os olhos alagados de reconhecidas lagrimas.

— Como esmola — respondeu Rosalinda, sorrindo — dou-lhe este rosario, que eu fiz, quando tinha quinze annos.

Era o rosario, que minha mãi lhe déra.

João Carlos beijou-lhe as mãos.

Dias depois foi o meu amigo reintegrado no seu emprego, sem o ter sollicitado.

Rosalinda, sabendo que elle ia para Lisboa, chamou-o ao seu leito de doença, e disse-lhe:

—Eu ainda lhe não cassei a procuração, que lhe fiz, snr. João Carlos. Preciso dos seus serviços por algum tempo. Tenho vinte dotes de duzentos mil réis para vinte raparigas desafortunadas d'esta freguezia. Quero que o senhor tome a seu cargo inscrevel-as, e fazer-lhes em meu nome as doações, e entrega do dinhero ás dotadas. Quero outrosim dar cem mil réis a cada homem maior de cincoenta annos d'esta freguezia, porque acertadamente conjecturo que todos os maiores de cincoenta annos se conjuraram, ha quarenta, para me queimarem a casa. Necessito vingar-me christãmente d'estes patriotas, que quizeram offerecer no altar da patria ás divindades portuguezas minha mãi assada. Como esta gente é má, quem pudér empenhe-se em fazel-a melhor; e o mais approvado expediente para melhorar almas vis é confundil-as e esmagal-as com o peso de algum ouro. Aqui tem, meu amigo, que eu mal posso dispensar os seus serviços por tempo de um anno. Se a minha amisade, até agora inutil, e de mais a mais impertinente, lhe merece algum sacrificio, peço-lhe que fique.

João Carlos ficou. Dirigido por minha mãi, arrolou as raparigas pobres e casadouras, e os velhos maiores de cincoenta annos. A vontade da doadora teve a dupla satisfação de dotar as filhas dos velhos que lhe haviam incendiado a casa. D'este modo, paes e filhas, a um tempo, ficaram confundidos e agradavelmente esmagados na phrase de D. Rosalinda. Confusão e esmagação que eu e tu, de bom grado, acceitaremos da mão de Deus e dos homens, quando a vingança de céu e terra

estalar em raios de cem e duzentos mil réis sobre nossas criminosas cabeças.

E' tempo de concluir.

A doença de Rosalinda era do coração. Contava ella que sentira no seio uma dolorosa tremura, quando seu marido fechou os olhos; e, desde aquelle transe, nunca mais deixára de confranger-se ao roer dilacerante da morte, no orgão, que fôra o manancial e o thesouro das alegrias da sua existencia de trinta e seis annos.

Em principio de 1855, aggravaram-se os padecimentos. Rosalinda fez testamento, e, dias depois, morreu subitamente, quando estava contando a João Carlos, em voz debil mas clara, os ultimos instantes da gloria de Napoleão I.

O herdeiro e testamenteiro de D. Rosalinda foi João Carlos. As joias legou-as a minha mãi e minha mulher. A mim deixou-me o relogio de seu marido, com o encargo de eu plantar em redor da sua sepultura alguns pés de giesta, arrancados na mouta, que ella deixára intacta no seu jardim. Alli fôra encontrado o official francez.

O valor da herança dispensou João Carlos de servir os ministros, que, da primeira vez, o mandaram pedir esmola; e, da segunda, seriam capazes de mandal-o enforcar.

VI

—Conta-me agora uma historia sem dinheiro—pedi eu ao meu amigo.

—Queres então uma historia sentimental?

—Isso.

—Historia de sentimento aldeão? Eu não posso contar de outras. Bem sabes que da vida das cidades nada sei.

—Vejamos: póde bem ser que me vás referir cousas muito originaes!

—Onde tu vens!... originalidade!

—Onde devo ir. Nas cidades é que já não ha sentimento de originalidade nenhuma. As paixões de lá, boas e más, teem tal analogia, que parece haver uma só manivela para todos os corações. Esta identidade é grande parte na monotonia dos meus romances. Ha duas ou tres situações que, mais ou menos, resahem no enredo de vinte dos meus volumes, cogitados, estudados, e escriptos nas cidades. Quando quero retemperar a imaginação gasta vou caldeal-a á incude do viver campezino. Avoco lembranças da minha infancia e adolescencia, passadas na aldeia, e até a linguagem me sahe de outro feitio, singela sem affectação, casquilha sem os requebrados volteios, que lhe dão os invezados estylistas bucolicos. Assim que descaiho em dispor as scenas da

vida culta, ahi vem a verbosidade estrondosa, o tom declamatorio, as infladas objurgatorias ao vicio, ou panegyricos, tirados á força da violentada consciencia, a umas innocencias e virtudes, que me teem grangeado descreditos de romancista da lua. Conta-me, pois, uma historia sentimental, meu amigo.

—E' a historia das janellas fechadas, ha trinta annos.

—*Historia das janellas fechadas, ha trinta annos!* Ahi está já um titulo original, se me não engano!

—Foi assim o caso. A scena passa-se na minha freguezia. Eu conheço a tia Felicidade Perpetua, o nome que eu conheço mais contradictorio com a vida de sua dona. E' uma mulher de cincoenta annos, lavradora remediada, e o mais bella que póde ser mulher de cincoenta annos, com uma paixão de alma, e no trafego da lavoura, em que a belleza se vai depressa.

Ha trinta e dous annos que ella era um modêlo para Raphaeis que não pudessem phantasiar bellezas. Agora mesmo, acontece-me fital-a com não sei que ternura, e digo muitas vezes a minha mãi:—Não ha cincoenta annos assim!—«Se tu a visses, quando ella ia de Santa Magdalena nas procissões!...»—responde minha mãi.

Começando pelo principio, deves saber que Felicidade Perpetua era filha unica de um lavrador, cujos bens valeriam entre vinte e cinco e trinta mil cruzados. Creou-a mimosamente o pai, receiando que a vida do campo lhe damnificasse a delicada compleição. Contava casal-a com lavrador igual em haveres, poupando-a assim a entender no amanho da lavoura. Excellentes casamentos se lhe

offereceram; mas Felicidade, voluntaria senhora na escolha, declinava de si o arbitrio, acceitando constrangida o marido que lhe désse o pai.

Com a casa d'este lavrador defrontava o maior proprietario da minha freguezia n'aquelle tempo. Era homem de setenta annos, sem familia, e scismatico. Diziam lá que o peccado lhe amargurava o inverno da vida, traspassando-lhe de remorsos o coração, e ennoutecendo-lhe os ultimos annos com a escuridade das sombras eternas. Este homem, aos quarenta e tantos annos, abandonára uma mulher com uma filha ao peito. A abandonada acabára de desgosto e miseria; a filha ninguem sabia se morrera obscura como nascera, se mão caritativa a levou d'entre os andrajos em que morreu a mãi.

—Que tristeza de historia!—atalhei eu—Não t'a pedi tão sentimental!... Vai-se parecendo com as historias das cidades... Eu cuidei que não havia d'isso nas aldeias, meu amigo!

—Então retiro o conto?

—Já agora... Mas carrega o menos que puderes as côres negras. Esse teu estylo vai-se parecendo com o meu. Quando me fallaste da Magdalena das procissões, cuidei que me ias encher o peito dos aromas de rosmaninho e alecrim dos espectaculos religiosos do teu alegre Minho. De repente, despenhas a minha espectativa n'uns andrajos em que morre uma mulher desvalida com uma filhinha aconchegada do seio morto!... Ora, pelo amor de Deus!... és muito peior romancista que eu!... Se tu visses em que conjuncturas eu tenho escripto as no-

vellas, que fazem chorar tua senhora!... Basta dizer-te que escrevo sempre á luz do crepusculo. Os meus olhos não comportam outra luz. Quando os dias estão lucidissimos do brilhantismo do sol, eu tomo do favor de Deus a frouxa claridade de um raio coado por transparentes negros. O meu gabinete de trabalho, durante os mezes esplendidos do anno, é um continuado começo de noute. D'esta escuridade, muitissimo de entristecer, diffundida em volta de mim, de força a minha imaginação ha-de sentir-se. A terra sem o sol é uma cousa de fazer pena e afflicção, como se ella houvesse de voltar ao cahos primitivo: assim é sombria a alma, que não póde banhar-se nos oceanos de luz, que os teus olhos fitam sem dôr. Eu affiz-me a ver uma quasi noute no mundo exterior: o meu mundo subjectivo está povoado de imaginações escuras. Tu, porém, meu amigo, tão feliz, tão sadio de olhos, tão em contacto com o sol, com as arvores, e ribeiros, e flores, onde aprendeste essa linguagem plangente?! Se me descrevesses os jubilos da peregrina Felicidade sem me contares que o lavrador visinho desamparou a mãe de sua filha...

—E' um episodio necessario ao enredo da historia.

—E'? Então, vaes agora dizer-me que o lavrador, picado pelo remorso, foi á procura da filha...

—Não: o lavrador, como se visse sósinho, tomou para feitor um afilhado, filho de um jornaleiro. Este rapaz, que é velho hoje, e se chama Lourenço Pires, foi no seu tempo um gentil mocetão, tocava clarinete nas chulatas, era o bemquisto das malhadas e espadeladas, ho-

mem para o seu homem, estimado das raparigas, e amado de algumas, que, por amor d'elle, se fingiram endiabradas para não casarem á vontade dos paes.

Perpetua amou Lourenço. A esquiva, tão requestada dos lavradores abastados, a senhoril menina, que parecia enfeitar-se para levar o seu dote a uma casa de brazão, amou o feitor do seu visinho. Contam os velhos que Lourenço, nas noutes calmosas, quando o padrinho se fechava com o seu remorso no quarto mais recondito do vasto casarão de cantaria, sahia elle ao rocio, copado de carvalhos gigantes, e ahi, sentado n'um tóro de madeira, cantava ao arpejo da viola esta e outras coplas sensibilisadoras:

> Já fui canario do rei,
> Já lhe fugi da gaiola;
> Agora sou pintasilgo
> D'estas meninas d'agora.

Parece que é este o estylo que queres...

—Assim vaes melhor. Essa tolice é muito mais sincera que outras maiores que se escrevem nas cidades.

—E' o que eu ia dizer, se o não dissesses tu: e o primeiro exemplo, que me acudia á memoria, eras tu mesmo.

—Eu?! obrigado!... Aproveito a occasião de saber quando fui mais tolo que o snr. Lourenço Pires.

—Quando escreveste e publicaste uma poesia com estes tres versos:

Sou um martyr do amor;
Sou um anjo soffredor;
Nem um prazer me sorri!

Isto é teu?

—Deve ser: não ha parvoiçada que eu não tenha escripto.

—Pois bem: Lourenço Pires, dizendo que era pinta-silgo, foi menos irrisorio que tu, dizendo que eras anjo. Anjo, tu!... que anjo!... No tempo em que decretaste a tua *angelisação,* foi que eu te conheci a comer ostras cruas na Aguia de Ouro. Olha se te lembras!... Comecei então a descrer dos poetas, e a crer nas ostras...

—Lembro-me muito bem, meu amigo. Foi então que eu estraguei o figado e o baço. Os tres versos, que ultrajas com sensata ironia, revelam amollecimento de cerebro. Ora agora, quando entenderes que o anjo está sobejamente castigado, conta-me a historia do pinta-silgo.

—Foi amado, amado como todos os tolos, que vão direitos ao coração da mulher por caminhos desembargados de senso-commum.

Lourenço, animado por ella, pediu-a ao pai.

O velho cuidou de morrer de assombro e angustia, quando Felicidade Perpetua lhe disse que não casaria com outro... Agora vaes ouvir um relanço tristissimo d'este conto. Dir-t'o-hei breve e seccamente. Passados alguns mezes, a moça, coberta de lagrimas, disse ao pai o quer que foi tão afflictivo, que o velho sahiu a brados pelos campos além e, passou tres dias e tres noutes fóra

de casa. Trouxeram-no em uma maca, já quando a febre lhe tirára o tino. Viu a filha, e não a reconheceu. Cobrou os sentidos para perdoar-lhe; e, perdoando-lhe, expirou.

Perpetua desfez-se em pranto sincero; mas a vindicta publica, apesar do perdão do pai, não lhe perdoou. A desgraça da rapariga era notoria. Sahiram contra ella as mães de familias, apontando-a como exemplo, e escalavrando a chaga da deshonra para lhe tornarem mais visivel o squalor e a fealdade aos olhos das filhas. Estas, que a tinham em odio á conta dos seus ares de senhora e geitos dengosos, vingavam-se enxovalhando-a com remoques e risos.

Perpetua apressou-se em correr os banhos para casar com Lourenço Pires. O rapaz, contente dos successos que lhe trouxeram á mão uma bella moça e uma boa casa de bens, foi fallar ao abbade, e apresentou as suas certidões.

Na primeira dominga, quando o abbade acabava de ler o proclama, sahiu d'entre o povo uma rapariga de outra freguezia; e, parando no arco da igreja, apregoou que Lourenço Pires lhe promettera casamento com aleivosia e roubo de sua honestidade.

Houve grande reboliço. Perpetua, que assistia á missa no recanto escuro d'entre a pia de agua-benta e o confessionario, sahiu da igreja em soluços. Lourenço...

—O pintasilgo...—atalhei eu com rancor ao maldito, que devia, na ordem das aves, chamar-se abutre.

—O pintasilgo tambem se escoou por outra porta a

fumegar de raiva. O abbade aquietou a desordem e chiadeira das mulheres, que metteram a riso o escandalo, e continuou a missa. Depois, chamou a mulher, que sahiu aos banhos, arrolou testemunhas, e instaurou o processo, que foi para a camara ecclesiastica de Braga.

Perpetua foi procurar o valimento de minha familia, e desamparou a casa. Meu pai foi em Braga o sollicitador da demanda de Lourenço Pires. As provas contra o seductor eram frouxas, e contraminadas por testemunhas, que depunham contra a honestidade da atravessadora. O processo, vilipendioso acervo de vergonhosas divulgações, como costumam ser estas reclamações da chamada honra, esteve mais de um anno sem despacho. No entretanto, Felicidade, escondida á zombaria estupida e cruel do gentio da aldeia, achou misericordia em minha mãi, e olhos de piedoso amor para a verem com um filhinho nos braços, do qual foram padrinhos meus paes.

N'este tempo, de uma terra, dez leguas affastada da nossa, veio um padre procurar o lavrador, padrinho de Lourenço.

Este padre veio dar ao homem dos remorsos a nova da existencia de uma mulher de vinte e tantos annos, filha de uma tal Quiteria, que, antes de morrer, n'uma aldeia das abas do Gerez, pedira a outro padre que lhe escrevesse a sua historia, para, a todo tempo, a filha saber quem era seu pai. A qual historia, o padre que a escreveu, conservou em seu poder para entregal-a á moça, quando ella soubesse dar valor á noticia do seu

nascimento. Como quer, porém, que o historiador fallecesse, antes do tempo opportuno para confiar da rapariga o importante escripto, e a familia do fallecido nenhum caso fizesse do papel envolvido n'outros sem valia, decorreram vinte annos até que outro clerigo da mesma familia, examinando papeis velhos que as tias destinavam ao forro das massarocas de fiação, encontrou aquelle, e averiguou com grande custo a residencia de Maria, filha de Quiteria.

De paragem em paragem, foi encontral-a na comarca de Mont'alegre, servindo uns lavradores, com bom conceito, e estimação de seus amos. Outro padre d'esta familia tomou conta do escripto, dictado pela moribunda Quiteria, com taes pormenores, que o velho lavrador, ouvindo a leitura dos conselhos que o historiador, porventura, em nome da desgraçada mãi, dava de além-tumulo a sua filha, rompeu em clamores e confissões, pedindo que lhe trouxessem a sua filha com brevidade, antes que o demonio o colhesse, sem elle merecer o perdão de suas culpas enormes.

Volvidos poucos dias, o rico lavrador recebia em casa a filha, e, no delirio do seu contentamento, lançava-lhe ao pescoço quatrocentos mil réis de cordões de ouro, com uns corações tamanhos, que o arquejar do peito alvoroçado da moça não os fazia sequer tremer.

Maria Martins era, desde esta hora, a maior herdeira d'aquella corda do Minho; mas, em desconto, podia gabar-se de ser a mais feia mulher da provincia.

Ainda agora, quando a encontro, digo entre mim:

«Em quanto esta mulher viver, o horror ideal da fealdade humana é impossivel!»

Era a cara do pai, segundo dizem, correcta pelas parcas.

VII

—Este demonio—continuou Antonio Joaquim—namorou-se do afilhado de seu pai. Era Lourenço Pires um bruto fatal! Se não fosse o sortilegio da viola e do clarinete, eu havia de cuidar que elle espedia dos olhos torrentes magneticas! Pelos modos, mulher que o encarasse a fito, sentia-se logo empestada de amor.

Maria Pires, sem embargo do pleito litigado em Braga, não teve mão de si. Declarou-se ao pai, que não achou despropositada a declaração; comtudo, observou-lhe que Lourenço havia de casar com uma das duas raparigas, assim que se decidisse a questão em Braga.

Não desistiu Maria, nem Lourenço se esquivou aos avanços cariciosos da ricassa, que, todos os domingos, com beneplacito do pai, atacado de idiotia insipiente, se arreava de ouro, e punha quatro lenços de seda escarlate uns por cima dos outros.

Diz-me tu se Lourenço era fatal ou não!... Alguns morgados, com perdão de seus preclaros avós, foram pedir Maria. O lavrador deixava a decisão á filha; e ella, com o desplante de mulher fascinada, dizia que o escolhido do seu coração era Lourenço.

Uma vez estava elle na eira assoalhando uns feijões, e Maria andava na horta colhendo couves.

Que painel inédito! Se os paisagistas se aproveitassem d'esta encantadora cousa!

Maria, ao saltar o portêlo da horta para a eira, deixou cahir do regaço um ramo de flores muito feias, que a natureza fizera para ella: eram girasóes e malmequeres. Lourenço reparou, e disse com intenção:

—P'ra quem é o ramo?

—P'ra quem o merece.

—Não sou eu?

—Ou será ou não.

—Veja lá o que diz, snr.ª Mariquinhas!...

—O que disse está dito, snr. Lourenço.

N'este momento, a questão de Braga decidiu-se contra as duas litigantes. O filho do jornaleiro alongou os olhos d'alma por sobre as cortinhas, e leiras, e montados da futura herdeira de Joaquim Martins. «Tudo isto póde ser teu!»—disse o demonio á alma abjecta do villão. E logo a phisionomia meiga e lagrimosa de Felicidade sumiu-se nas costas da mazorra mulher, que se ficára a deliciar-se na contemplação do alarve querido. Levantára ella as flores do chão, e deu-lh'as com um sorriso alvar que faria chorar de nojo um satyro. Lourenço pendurou as flores nas casas dos botões do collete, e disse umas graçolas amoraveis, com que a rapariga sahiu d'alli contendo a custo as cabriolas do coração. Contou ao pai o succedido; e o velho, cada hora mais tonto, alegrou-se com a rapariga.

A relação ecclesiastica dispensou no casamento de Lourenço com Felicidade. Meu pai fez saber a fausta nova ao rapaz, que se mostrou pouco alvorotado com a noticia. A jubilosa mulher, nossa hospeda, foi logo para sua casa, com o filhinho de oito mezes, tractar dos preparos domesticos para receber o esposo. O abbade, sem consultar o contrahente, leu o segundo banho. Lourenço desapparece então da aldeia, e ninguem sabe o seu destino.

Dizia-se que elle, arrastado pela mão da Providencia, fôra casar-se com a primeira seduzida. Felicidade voltou para casa de minha mãi em desesperadas ancias.

Passados dias, sabe-se que Lourenço, mediante algumas peças tiradas da arca do padrinho por mão da presumptiva herdeira, conseguira em Braga licença para casar-se com Maria Martins em qualquer freguezia do arcebispado. Quando a nova chegou, já o cynico estupido estava casado. Alguns parentes de Felicidade fazem-lhe cêrco á casa para o matarem. O pai da noiva ouve os tiros, que lhe lascam as janellas, e perde de todo o tino. Da demencia á morte medearam poucos dias.

Lourenço fugiu com a mulher para uns bens que tinham em Cabeceiras de Basto, e por lá ficam um anno.

N'este decurso de tempo, Felicidade, cuidando que se vinga, pensa em casar-se. O extremo da angustia é isto: a morte não é tanto.

Encontra um marido: é o filho de um lavrador po-

bre, uma boa alma que a Providencia lhe teria enviado, se a Providencia costumasse collaborar n'estes romances do genero humano, com peripecias sem originalidade nenhuma. Este homem acaricia o filho de Felicidade com paternal ternura. Se a vê chorar, quer beber-lhe as lagrimas; mas ella chora sempre. E, depois, a penitente não permitte que se abram as janellas que defrontam com a casa de Lourenço Pires. O marido respeita a vontade imperiosa de sua mulher; e nunca mais a luz do sol aqueceu o pavimento humido d'aquella casa.

Trinta annos rodaram: Felicidade envelhece: tem já filhos homens; as portadas da janella já estão carcomidas; mas nem uma só hora entrou por ellas o ar aos quartos, que se vão desfazendo e ruindo a pedaços.

São, pois, passados trinta annos.

E' tempo de irmos procurar em casa de Lourenço Pires a justiça do céu.

Teve elle quatro filhos de sua mulher Maria Martins.

Fallaremos, primeiramente, da mulher. A alma parece que andava á competencia com o corpo a ver qual se tornava mais repellente. Assim que viu o marido atassalhado de remorsos, que lhe tiraram não só a graça, mas até a embocadura do clarinete, começou a agarrochal-o com interrogações brutaes, a que elle, n'uma hora de impaciencia, respondeu com alguns murros. Com o andar dos tempos, e o crescimento da bilis derrancada da mulher, o exasperado marido appellou do murro para o pau, e moeu-a, como quem aligei-

rava, sovando-a, o peso dos seus peccados. A final, a derreada creatura amolleceu de condição, e fugia já do marido como de um furioso. Lourenço, assim que enxergava Felicidade, com os seus sete filhos, alegres, e em volta da mãi como sete seraphins consoladores, escondia-se para chorar, e fugia para que ella o não visse. Uma vez, quando o primeiro filho de Felicidade passava sósinho por elle, quiz abraçal-o; mas a creança de sete annos partiu de corrida chamando a mãi a grandes brados.

Os quatro filhos legitimos de Lourenço eram como os quatro cachorros de um casal de lobos. Desde a infancia denotaram ferocidade de instinctos. Dentavam-se uns aos outros, e mordiam a cara da mãi.

O pai destinára um ao sacerdocio, outro á medicina, outro a leis, e o quarto para senhor da casa.

O mais velho, aos dezoito annos, depois de dar irrefragavel testemunho da sua incapacidade para as letras, entrou na carreira das armas. Passado um anno de vida suja de escandalos e bargantarias do ultimo plebeismo, obteve a baixa, e apresentou-se em casa reclamando dinheiro para negociar em aguardente. O pai temeu-o, e deu-lhe dinheiro, que elle desbaratou na libertinagem, e voltou para casa, a furtar o que de boa vontade lhe não davam. Este era o filho destinado para o sacerdocio.

O medico em perspectiva, reprovado no primeiro anno, bestificou-se com a embriaguez de tres annos successivos, em que não voltou a casa. Foi o pai le-

vantal-o dos chiqueiros de Coimbra, e trouxe-o para si. O rapaz continuou na vinolencia; e, n'um dos frequentes accessos, abocou uma clavina á cara do pai, cedendo-lhe a vida a troco de um garrafão de geropiga. Este desgraçado teve a felicidade de morrer afogado n'um poço, onde quiz refrigerar as escandecencias da embriaguez.

O terceiro filho, enviado a estudar leis, consummiu seis annos em preparatorios, e fechou o curso com tres *rr* em latim. Recolheu a casa denominando-se doutor. O pai abraçou-o, intitulando-o a sua consolação. Um dia, como fosse a Braga, e fallasse no seu filho doutor, um informador sem alma contou-lhe as proezas do rapaz. Lourenço exprobrou a mentira ao filho, enfuriou-se, quiz tirar-lhe a formatura das costas com um estadulho; mas o latinista dos sete annos lançou mão ao bacamarte do irmão de avinhada memoria, e respondeu com heroico peito ao fueiro ameaçador.

O quarto filho, destinado a ficar na casa, foi a uma romaria, viu lá uma cantadeira de boas lembranças, gostou do engenho trovista da moça, e apaixonou-se. Seguiu-a á sua freguezia, sem impedimento de lhe dizerem que ella era uma pobre jornaleira, viciosa, e despresivel. Levou-a comsigo para a terra, e pediu ao abbade que os casasse. Lourenço, avisado d'esta ignominia, fez arrebatar a moça do cazebre em que vivia. O filho foi rebuscal-a, depois de ter roubado os cordões da mãi, e o mais que pôde. Andou por esse mundo seis mezes, e voltou com ella mui legalmente casado, a residir na companhia

da mãi, que se escondia nas tulhas aterrada das ameaças da nora.

A casa do opulento lavrador, pai de Maria, está reduzida a menos que os bens de Felicidade Perpetua.

Lourenço Pires faz compaixão á gente que lhe votára odio. Os tres filhos, todos empobrecidos, insultam-no. E elle, ferido de demencia, treme no meio d'elles, ou foge assim que lhes ouve os passos.

Quando dá de rosto nas cinco janellas fechadas da casa fronteira, muge como touro farpeado. A outra mulher, que elle havia perdido, mendiga coberta de farrapos, espera-o, espreita-o, apparece-lhe de repente, e solta-lhe em face uma gargalhada, que o affugenta. Isto repete-se todas as semanas ha dez annos. E este homem vive! Tem cincoenta annos; o cavado do rosto e curva da espinha denotam a decrepidez do criminoso, acorrentado ao cadafalso da vida. O desprêso dos filhos até o pão lhe nega. Dizem-me que este desgraçado tem tido fome. Se vai queixar-se ás justiças, incute piedade; mas ninguem ousa bater ás portas dos tres corações de bronze, que sahiram das entranhas amaldiçoadas de tal pai.

Agora, vamos a casa de Felicidade Perpetua.

As lagrimas d'esta mulher, em cuja face brilha o resplendor da penitente perdoada, cahem no regaço de suas humildes filhas. O mais velho, querido dos filhos de outro pai, é o director dos trabalhos da lavoura, e o mais trabalhador na casa, que toda é de seus irmãos, ou onde elle tem pequenissimo quinhão. Ha muitos annos que morreu o marido de Felicidade; e, á ultima hora, pediu

a sua mulher que poupasse muito para deixar bem o filho, que não era d'elle.

Tres meninos foram para o Brazil, e todos prosperaram, guiados pelos dictames da honra. Parece que aporfiam em brindar seus irmãos e mãi com dadivas e dinheiro, com que a casa se vai augmentando. O seu irmão mais velho é contemplado sem distincção dos outros. As raparigas são as perolas da minha freguezia: a formosura desapparece n'ellas, quando a gente as contempla na belleza da virtude.

E, ainda assim, as janellas nunca mais se abriram, e Felicidade ainda tem lagrimas!

Eu queria poder dizer-te o que vai n'aquella alma de mysteriosa angustia, quando improvisamente lhe apparece Lourenço Pires, o ancião, cujo tardio andar é como se levasse de rojo a pedra da sepultura, procurando terra onde esconder-se com a sua dilacerante agonia.

Não sei o que ella pensa.

Presenciei um dia, que minha mãi, na presença de Felicidade, lastimava o miseravel fim de Lourenço. A triste mulher poz as mãos supplicantes, e disse: «Deus sabe que eu lhe peço todos os dias que leve para si aquelle infeliz!»

De outra vez me disse minha mãi que ella ordenára ao filho que não fugisse de seu pai; pelo contrário, lhe fallasse com amor.

Depois d'isto, vi eu, n'uma fechada matta onde andava caçando, Lourenço Pires sentado á beira de seu filho, que o contemplava silencioso. O ancião, de vez

em quando, tomava-lhe as mãos, e beijava-lh'as, balbuciando palavras, que eu não pude entender.

Perguntei ao afilhado de meu pai o que lhe dizia o velho. Respondeu-me que eram palavras desatadas; mas que chorava muito, e lhe pedia perdão.

Aqui tens a historia sentimental. Deus me livre de a ler em seis volumes escripta por ti, e Deus livre os teus leitores de que este conto lembre á tua memoria, quando tiveres a imaginação cansada.

Estamos na Amarante—acrescentou Antonio Joaquim. —Apeemos da liteira, e vamos aqui procurar o nosso Vasco Peixoto, que é o proprietario de um torrão, transportado do paraizo terrestre, com uma planta de pecegos. Não sei se frei Bernardo de Brito o assevera; mas os pecegos de Vasco Peixoto são descendentes por varonia d'aquelle pomo que fez peccar Eva e seu marido.

VIII

Pernoutamos, em Amarante, n'uma estalagem, onde eu, annos antes, tinha visto tres bellas creaturas, filhas de uma grave e redonda mulher, dona da hospedaria.

Mãi e filhas tinham dispersado: era já de outra familia a propriedade do *hotel,* que renunciára ao lusitanissimo nome de *estalagem da* * * *. O nome possessivo é que, sem embargo de ser portuguez de lei, não póde ser escripto n'esta chronica immorredoura: ficará eterno na

memoria dos estudantes, que, ha vinte annos, por alli deixaram os corações proprios, e os ossos das enormes gallinhas que esbrugaram.

Pedi noticias das antigas possuidoras da saudosa estalagem. Disseram-me que a mãi se retirára a descansar no gôzo das suas propriedades; que duas filhas haviam casado abastadas e honradamente; e que a terceira... Que dôr de coração, que historia tão repellente!... Não se conta! E' preciso transpor muito lodaçal de sangue e lagrimas para chegarmos da alcova recatada de uma mulher sem mancha até ao grabato de um hospital, paragem extrema da devassidão desvalida. Não ha, pois, historia para a desgraçada, que os academicos de ha quinze annos denominavamos a «flor do Tamega». A Divina Providencia abriu os seus immensos thesouros de misericordia, matando-a.

Vimos nascer o sol do dia seguinte nas alturas de Pildre. D'alli, com o oculo do meu amigo, procurei entre as ramagens as ameias do manuelino portal da casa de Frigim. Esta casa fôra de José Augusto Pinto de Magalhães, cavalheiro que abriu no Porto, ha dez annos, uma chronica de infortunios, e se fechou com ella em uma valla do cemiterio do Alto de S. João, em Lisboa. N'aquella casa tinha eu passado uma noute, ha doze annos. Referi a Antonio Joaquim a tragedia mysteriosa de José Augusto. Cahia a proposito contal-a aqui ao leitor; mas, no mez que vem, ha-de boiar «no rio do negro esquecimento e eterno somno» mais um livro meu, desvelando a face enigmatica d'aquella grande desven-

tura, que o mundo impiedoso quiz explicar com uma calumnia maior.

Quando avistamos o edificio magestoso de Alemtêm, o meu amigo mandou-me apontar o oculo a um tôpo de outeiro, em que se avistava uma cruz alpendrada, com um lampadario pendente do docel de abobada.

—Tem um bonito romance aquella cruz—disse Antonio Joaquim.—Chamo-lhe eu bonito, porque encerra uma sublimada philosophia. Eu vim alli, ha tempos, comprar um potro n'aquella freguezia, e conheci, em casa do comprador, um sujeito, pequeno lavrador, a quem os da terra chamam o «Manoel brazileiro». Pelos trajos, encodeados de terra e remendados, entendi que o epitheto de *brazileiro* era epigramma popular com que a gentalha costuma alcunhar o patricios que voltaram pobres do Brazil.

Contou-me outro lavrador o caso assim:

Quando Manoel da Mó tinha vinte annos, e grangeava alegre e abastadamente as suas terras, chegaram á freguezia dous brazileiros, filhos de um caseiro, e compraram bens pelo triplo do valor, e levantaram casas apalaçadas, que eram um folgar de olhos, e grande mortificação da inveja.

Manoel, desde que os brazileiros chegaram, perdeu o contentamento, e o somno, e a vontade de comer. A sua ideia flagelladora era ir ao Brazil. A sexagenaria mãi chorava dia e noute, desde que o rapaz, filho unico, aventou o proposito de ir buscar dinheiro com que fabricar uma casa igual á dos visinhos, e arrotear montes, e abrir mi-

nas, que se desentranhassem em levadas de agua sobre as terras improductivas pela seccura. Não o contiveram lastimas da velha, nem as lamurias da Marcolina do Eirô, sua conversada de dous annos, seu primeiro amor, bonita de uma vez, e dotada com dez centos, e seis cordões de ouro.

Pediu Manoel cartas de recommendação aos brazileiros, que sinceramente quizeram despersuadil-o do intento. Disseram-lhe que ia tarde para o Brazil; que era refinada doudice deixar a patria e os bens para ir grangear outros n'um clima doentio; que a pobreza desculpa a ambição de quem deixa a familia, e vai jogar a vida em procurar-lhe amparo; mas que Manoel, lavrador remediado, nenhuma desculpa tinha, deixando sua velha mãi a cuidar das terras. Descreveram-lhe, depois, os trabalhos por que elles haviam passado até ganharem independencia, depois de labutarem trinta annos, sacrificando os prazeres de quasi uma vida inteira á esperança de repousarem no ultimo quartel. Repizaram n'este ponto, amiudando, uma a uma, as amarguras do carissimo fructo com que voltavam do Brazil os poucos, que vingavam colhel-o, comparativamente aos muitos, que lá succumbiam pobrissimos, desamparados, e esmagados debaixo de um peso de trabalho, que a patria não impõe ao mais desvalido de seus filhos. Perguntavam-lhe os sinceros conselheiros se mereceria a pena gastar os melhores trinta annos da existencia, com a forçada renuncia dos gozos d'ella, na demorada conquista de alguns punhados de ouro, que se hão-de aproveitar em praze-

res, quando já não ha vontade de gozal-os; e, a cada passo, as doenças estão lembrando ao velho, rico e triste que a sepultura se lhe está cavando!...

Nenhuma impressão calou no espirito de Manoel da Mó. De si para si, cogitou elle que os brazileiros não queriam quem lhes fizesse sombra; fechou-se com as suas suspeitas, e foi a outras freguezias pedir cartas recommendatorias. Em toda a parte lhe sahiram as prudentes advertencias dos experimentados; todavia, todos lhe deram cartas.

Marcolina do Eirô fez o derradeiro esforço, ameaçando o fugitivo rapaz de envenenar-se com rozalgar, ou casar-se com outro. Manoel, cego de cubiça, tanto se lhe importava que Marcolina fosse ajoelhar com o João da tia Custodia, ou o Bento da Lomba, no arco da igreja, como que lançasse os figados e os bofes dilacerados pelo arsenico. Furtivamente entrouxou o seu fatinho, legalisou o seu passaporte, e embarcou.

Porém, na vespera da sahida, passando elle acolá no alto do outeiro, onde viste a cruz, fez oração a Deus, pedindo-lhe que o ajudasse a voltar rico para a sua terra, que elle mandaria erguer alli um cruzeiro com seu alpendre; e, emquanto fosse vivo, todas as noutes alimentaria de azeite a lampada do sanctuario.

—Então, está claro que voltou rico!—disse eu.

—Lá vamos. Foi o homem entregar as suas cartas, e perguntaram-lhe os negociantes, todos pela mesma voz, que officio tinha. Manoel só então descobriu que não tinha officio nenhum. Quereria elle responder que o seu

officio era enriquecer-se o mais breve que pudésse ser; mas os interrogadores não lhe davam tempo á resposta. Até que, á ultima pergunta, respondeu que sahira de casa para negociante. A isto, respondeu-lhe o espantado sujeito que negociasse, e se estabelecesse, depois de apresentar cartas de credito, se elle não trouxera de Portugal o casco do negocio. Manoel, quando lhe fallaram em casco, devia de olhar para os quatro pés, e convencer-se de que tinha pluralidade de cascaria.

Acabaram-se-lhe uns pintos, que levára de casa, no calcanhar da meia em que a mãi os tinha, e o rapaz não achára occupação. Com as lagrimas nos olhos, revelou a penuria em que se via a um dos individuos a quem dera uma carta, e que mais de bom rosto o recebera. O negociante, que tinha umas fazendas em Cantagallo, mandou-o trabalhar de enxada nas plantações do café, com ordenado de dez mil réis por mez. O rapaz não esperou pela primeira mensalidade: o brazido das mattas virgens em fogueira, e o do sol, que lhe batia de chapa no costado, deram-lhe uma ideia do inferno. O pobre homem, alagado de suor, lembrava-se da fresquidão das suas bouças, das relvas dos seus campos, dos dous carvalhos seculares, que lhe toldavam de ramarias a sua casinha, ás abas de um ribeiro. E chorava, amaldiçoando a riqueza dos seus visinhos brazileiros, e esquecendo que devia abençoal-os pelos conselhos que lhe deram.

Voltou Manoel ao Rio, pedindo remedio a outro negociante, que generosamente lhe offereceu abono para

passar a Portugal, visto que nenhum modo de vida se lhe deparava ageitado.

—Mas eu hei-de ir como vim?—perguntou Manoel da Mó.

—Não, senhor; você ha-de ir peior do que veio—respondeu o negociante.

O rapaz doeu-se do sarcarmo desconsolador, e disse que havia de trabalhar até morrer; mas que para a terra não voltaria pobre.

—Pois então—replicou o negociante—deixasse-se estar nas fazendas de Cantagallo, que o sitio lá é azado para morrer depressa.

—Eu queria ser caixeiro—disse Manoel.

—Escreva ahi o seu nome—disse o negociante.

Manoel pegou da penna como quem pega n'uma verruma, e furou o papel tres vezes antes de escrever o *M*.

—Está bom, está bom;—acudiu o outro, sorrindo—já vejo que tem uma letra ingleza!... E quer você ser caixeiro! Estava mais talhado para professor de primeiras letras. Quem escreve assim, o que deve é ensinar a escrever. Vejamos como está de contas. Faça ahi uma operação de quebrados. Ponha lá...

Manoel esbugalhou os olhos, e exclamou:

—O quê?

—Você sabe a regra de tres? sabe as quatro operações arithmeticas?

—Eu não sei nada d'isso, senhor!

—Pois não sabe fazer contas?!

—Sei cá p'ra me remediar; mas lá d'isso de... como

é?... a gente, quando lhe faz minga, conta pelos dedos.

—Ora, meu amigo,—redarguiu o compassivo portuguez—vá-se embora; fuja do Brazil, se cá não quer dar a ossada. Você não tem senão o recurso da enxada; enxada por enxada, vá trabalhar na sua terra: um jornal de quatro vintens por dia é lá melhor que tres patacas no Brazil.

—Graças a Deus eu tenho bens meus onde trabalhar—replicou Manoel.—As minhas terras valem oitenta centos.

—Pois você é lavrador, tem bens, e vem para o Brazil procurar fortuna? Sabe que mais, se não quer ir para Portugal, vá para o diabo, que eu não questiono com doudos.

Manoel sahiu confundido e com a alma de negro. Não fallando já nos pretos que via, tudo lhe parecia da côr da alma.

A ambição dera-lhe ao espirito uma tempera de ferro. Parecia-lhe impossivel estar elle no Rio de Janeiro, e sentir precisão de comer, e não ter uma pataca. Passeava elle nas ruas da Quintanda e do Ouvidor. Escutava o tinido do ouro e prata a jorrar em ondas brancas e amarellas nos balcões. Era Plutus, o demonio ou o deus zombeteiro da riqueza, a fazer-lhe tregeitos de dentro das lojas repletas de maravilhas. O infeliz embasbacava diante das vidraças dos joalheiros; até os brilhantes refulgentes se lhe refrangiam em negridão na alma! Assalteavam-no impetos de raiva áquelles homens que

o viam assim pasmado, e o remiravam, como se lhe vissem nos olhos um projecto de ataque á propriedade.

N'uma d'essas excursões, Manoel da Mó julgou que via um rapaz de uma freguezia visinha. Animou-se a perguntar-lhe se era o Francisco Tamanqueiro. O outro encarou-o de má catadura, e disse-lhe:

—Eu chamo-me Francisco Antonio Guimarães Coelho.

—Então perdoará: eu cuidei que vocemecê era um rapaz da minha terra.

Era de feito; mas o appellido de *tamanqueiro,* que lhe vinha do officio do pai, destoou aos ouvidos do caixeiro, que se fizera *Guimarães Coelho* para dar á sua assignatura uma tal qual euphonia, que lhe permittisse, alguma hora, ser visconde de Guimarães, ou barão de Coelho.

Manoel foi indo seu caminho; e, pouco depois, achou-se nos braços de um homem mal enroupado, que lhe bradou:

—Tu por cá, Manoel da Mó?... Não me conheces?! Eu sou o Caetano da Chã dos Codêços!

Manoel olhou-o de alto a baixo duas vezes, e murmurou com certa frieza:

—Vai-te mal a vida por cá?

—Mal!... Tenho tido fome de palmo, Manoel! Raios partam quem me metteu na cabeça vir para o Brazil. Estou cá ha tres annos; anno e meio tenho-o passado no hospital; e o outro não ganho p'ra comer, e mais trabalho ora de carroceiro ora de pedreiro. Por mais que faça, não arranjo para a passagem. Agora

ando a ver se vou trabalhar para a Nova Friburgo, a fim de arranjar trinta mil réis para a passagem. E tu, conta-me a tua vida, tinhas uma casa de bens tão bonita, e vieste cá dar com os ossos!... Pagas tu o jantar?

—Não tenho um vintem—disse Manoel, limpando as lagrimas.

O outro desgraçado foi com elle a uma taverna, e matou-lhe a fome n'aquelle dia. Depois levou-o comsigo a titulo de pedreiro, e assegurou-lhe a subsistencia por dous mezes, no fim dos quaes Manoel adoeceu da febre, e esteve á morte.

Graças á caridade do negociante, que zombára d'elle em materia de calligraphia e contabilidade, Manoel convalesceu, tractado cuidadosamente, e resolveu voltar á patria. Reconhecido á bondade do patricio, que o inventára pedreiro, acceitou o abono para ambos se transportarem.

Quando appareceu inesperadamente em casa, era ainda viva a mãi, e solteira a Marcolina do Eirô. Recebeu-o a mãi sobre o coração; e a moça, sabendo que elle se escondia, de envergonhado, foi ella procural-o, e asseverar-lhe que o seu peito era ainda o mesmo, se elle queria continuar a conversar com ella. Estas honestas conversações pegaram n'outras de mais santas e louvaveis delicias. Manoel casou, e achou-se de sobra remunerado dos dissabores de um anno no paiz do ouro e da escravidão.

—Mas a cruz?—atalhei eu—quem mandou erigir a cruz?

—Foi o Manoel da Mó. Disse-me elle que cumprira o voto, que fizera, antes de ir para o Brazil, porque viera de lá com tamanha riqueza que não invejava a riqueza de ninguem, e por isso se considerava o homem mais rico da terra. Quer elle dizer que a experiencia do mundo, e particularmente a experiencia da vida amargurada de quem vai enriquecer-se ao Brazil, é um thesouro que Deus concede áquelles a quem quer dar o desapêgo dos bens desnecessarios á verdadeira felicidade.

Aqui tens—concluiu Antonio Joaquim—porque eu te disse que a historia d'aquella cruz tem sublime philosophia, que nem todos os christãos lhe descobrem.

IX

—Occorre-me outra historia de brazileiro—proseguiu Antonio Joaquim—e parece-me que depois me hão-de occorrer mais tres historias da mesma especie.

—O que ahi vem!—acudi eu commovido de jubilo—Como eu te amo, Antonio! Tu és uma flor, uma bibliotheca das damas inédita! Vejo que o teu estudo especial são os brazileiros bons e honrados.

Ainda bem!—reflexiono eu agora—Ha doze annos, as letras patrias, particularmente as do folhetim, gracejavam com os *brazileiros,* em quanto o artigo-de-fundo affectuosamente os denominava os nossos irmãos d'além-

mar, com expressões de tamanha e tão saudosa ternura, que era um partir-se a alma de ouvil-os! Depois, os folhetinistas propriamente, como envelhecessem e ganhassem juizo, passaram para o artigo-de-fundo, ao passo que os antigos articulistas se fizeram, uns, diplomatas como Cunha Souto-mayor, e João Coelho; outros, ministros como Antonio de Serpa, e Mendes Leal; outros, bispos como Antonio Alves Martins. E os folhetinistas, esperançados em serem diplomatas, ministros, e bispos, começaram por fazerem-se, primeiro de tudo, sisudos, circumspectos, e amigos de toda a gente que conduz a Portugal uma onda aurifera do Pactólo, dinheiro, vulgarmente chamado.

Não podia deixar de ser assim isto.

A humanidade entrou em refundição, n'estes ultimos annos, e converteu-se em valores. O homem já não é animal bipede implume, nem rei da creação, nem homem: é moeda. O que por ora lhe não fazem é tocal-o sobre um balcão a ver se elle tine bem, e dá os quilates legaes; mas, com o decurso dos descobrimentos, ha-de inventar-se um qualquer instrumento, mediante o qual se determine rigorosamente as libras que cada pessoa tem na algibeira, e as que deixou em casa. Este instrumento ha-de dispensar a boa fé necessaria nos contractos, a probidade commercial, e as custosas informações que se tiram dos sujeitos de «fortuna» equivoca.

N'esses futuros e auspiciosos dias, que eu tenho a honra e gloria de prophetisar ao genero humano, os pais de meninas desposaveis não hão-de ser enganados

pelos genros, nem os genros pelos sogros; o capitalista saberá, a ponto, se o acceitante da lettra está endinheirado na vespera do vencimento; a prima-dona observará de antemão se o emprezario premedita caloteal-a na melhor boa fé de emprezario insolvente. E' um sem numero de vantagens sociaes a promanarem da invenção do instrumento, que poderá chamar-se *numimetro,* de *numus,* «dinheiro», e *metron,* «medida».

Tudo nos annuncia o proximo apparecimento do *numimetro.* E' preciso que se invente alguma cousa que suppra a falta da lealdade nos contractos, a qual se ha-de ir quebrantando á medida que a religião, forja onde se caldeiam e depuram as consciencias, se fôr desluzindo.

Pelos modos, lá da França continúa a soprar o furacão da impiedade. Os imberbes começam a entender o Renan; e, se mais o não louvam, é porque elle foi moderado nos insultos a Jesus Christo. D'aqui a pouco, esta mocidade será menos polida com o Redemptor; e, volvidos vinte annos, mandará seus filhos descer do supedaneo as cruzes, que symbolisam a barbarie das civilisações de Leão X, e de Luiz XIV.

Extincto o dogma, importa pedir á sciencia o que a religião levou da consciencia e coração da humanidade. Então apparecerá impreterivelmente a invenção do instrumento, por meio do qual não possamos enganarmo-nos aleivosamente uns aos outros.

Já me não entendo com estas divagações, que não

teem que ver com a historia do brazileiro, que Antonio Joaquim me contou do seguinte teor:

—A pequena distancia de minha casa, passa o rio Cávado.

Ha muitos annos que uns rapazinhos foram banhar-se ao rio. Um d'elles tinha dez annos, e aprendia a nadar com umas boias de cortiça. O atilho das boias partiu-se, quando o mocinho bracejava no mais fundo da levada. Os pequenos nadadores correram a segural-o; mas já não pudéram arrancal-o á voragem. N'isto, um homem, que passava á beira do rio, lançou-se vestido ao pégo, mergulhou, e emergiu com o rapaz agarrado a um braço. Tomou-o ao alto, fez-lhe vomitar a agua bebida, contra os conselhos da sciencia; e, apesar da sciencia, restituiu-o a seus paes, jornaleiros pobres, que o andavam preparando para o mandarem para o Brazil.

Constantino, que assim se chamava o rapazinho, foi para o Rio de Janeiro, e, ao cabo de vinte e cinco annos, voltou para a patria, casado, com filhos, e muito rico.

Fez um palacio onde encontrou o tegurio vazio de seus paes, que ambos tinham morrido em abundancia, posto que nunca cederam ao filho, que lhes quizera melhorar a residencia. Amavam a sua lareira, o seu escano de carvalho, o seu colmado, e a figueira, que lhes sombreava a janella terrea.

O commendador Constantino José Rodrigues passeava, por uma tarde de agosto, ás margens do Cávado, com a esposa e filhos. Sentaram-se na ourela de uma

levada, e, de subito, o assalteou a reminiscencia do perigo em que estivera alli. Contou o caso á mulher, que o escutava com anciedade, e aos meninos, que medrosamente se arredavam da beira do rio. Perguntou-lhe a senhora:

—E o homem, que te salvou, já morreria? Lembraste do nome d'elle?

—Deixa-me recordar...—disse o commendador Rodrigues.

Passados momentos, ajuntou que se não podia lembrar; mas, como viviam alguns moços de sua idade, e seus companheiros de natação, havia de informar-se.

—Se elle viver, e precisar,—disse a brazileira—deves fazer-lhe bem. Se o bom do homem se não lançasse ao rio, não eras o pai d'estes anjos, nem o esposo da tua Laurentina.

Constantino, enternecido com a observação affectuosa de sua mulher, foi logo d'alli indagar o nome do homem. Dous dos seus amigos de infancia lembravam-se do acontecido; mas tinham esquecido o salvador. Fallou n'isto ao abbade, o qual, ao fim da missa do dia, instado pelo commendador, mandou aos velhos que o esperassem no adro, e perguntou-lhes se algum d'elles foi, ou sabia quem fosse o caritativo homem, que, vinte e seis annos antes, se tinha lançado ao rio para tirar da garganta da morte o sr. commendador Rodrigues.

—O homem, que fez essa boa acção, não está aqui—disse um dos anciãos.—Era o Januario miliciano.

—Bem sei:—disse o abbade—aquelle valente homem

que quebrou um braço e uma perna, quando foi acudir ao incendio da casa do fogueteiro, e ficou tolhido para ganhar a sua vida de tecelão.

—Ha mais de quinze annos—continuou o velho—que elle se foi á esmola por esse mundo fóra; e, em quanto foram vivos os paes do sr. commendador, ainda elle por ahi apparecia. Deus lhes falle n'alma, que sempre lhe davam o seu tostão; mas, depois que elles morreram, não voltou cá.

Estas informações redobraram ao commendador a vontade de descobrir o mendigo, se mal que era mais provavel que elle tivesse acabado nas durezas da vida mendicante.

O abbade escreveu aos parochos de muitas leguas em roda; porém, inutilmente. Quiz o commendador favorecer os parentes de Januario; mas nenhuns havia. Este nobre sentimento de gratidão impossivel quasi que o affligia.

Volvido um anno, o filho mais velho do commendador andava folgando na chã de um montado sobre um potro ainda bruto, e inflexivel aos quinze annos do atrevido moço. O cavallo tomou medo de um rebanho de ovelhas, acossadas pelo *Terra-nova* do cavalleiro, e taes galões despediu, que o rapaz perdeu um dos estribos, foi cuspido do sellim, e ficou pendurado do estribo pelo outro pé. O potro fugiu raivoso e fumegante, com as crinas arripiadas, arrastando-o, de encontro á aresta de um despenhadeiro.

N'este conflicto de infallivel morte, o cavallo recebeu

na testa uma rija paulada, que o atordoou, e logo um braço de ferro lhe travou da cabeçada. O potro exsudava a torrentes, e tremia convulsivamente. O salvador, que mal podia exercitar o outro braço, poz as rédeas debaixo de um pé, e com uma navalhinha cortou os loros do estribo a que estava preso o pé do ensanguentado e desacordado moço. Depois, prendeu as rédeas ao esgalho do tronco de um sovereiro, e foi, manquejando, examinar o escalavrado cavalleiro.

Já sabes que o salvador do filho de Constantino era o Januario, miliciano de alcunha, porque servira em milicias nas grandes batalhas da independencia.

Viu o velho que o rapaz tinha a cabeça fracturada, e a face cortada do raspar dos seixos. Como homem que vira muita ferida, decidiu logo que nenhuma d'aquellas era mortal. Apalpou-lhe o corpo, e desgraçadamente decidiu logo tambem, que o pé esquerdo estava desmanchado.

Cobrou os sentidos o menino, e rompeu em gritos de dôr, levando a mão a differentes pontos contusos do corpo. O velho trouxe-lhe nas abas do chapéu agua de um ribeiro para elle lavar as feridas da face, e aquietou-o, dizendo-lhe que um homem não chorava com dôres.

—Que faria—acrescentou elle—se vocemecê quebrasse de uma feita um braço e uma perna como eu! Pois olhe que ninguem me ouviu um pio! Eu já tinha então levado com quatro balas no corpo, e olhe que m'as tiraram sem eu botar uma lagrima!... Então d'onde é vocemecê?—perguntou o mendigo.

O moço indicou a terra, que se via lá em baixo na quebrada do outeiro.

—E de quem é filho?—tornou o velho.

—Do commendador Constantino José Rodrigues.

—Constantino!—disse Januario, recordando-se—Eu ha dez annos que não venho aqui, por isso não sei...

—Meu pai veio ha dous annos do Brazil.

—E seu pai é d'esta povoação?

—E'.

—Constantino!—volveu o mendigo—Será elle o filho do Jacintho das Pêgas?

—Meu avô chamava-se Jacintho.

—Então é elle!...—acudiu o velho—Graças a Deus que não morrerei sem ver o rapazito que eu salvei de se afogar!

—Pois é vocemecê o Januario!?—exclamou o moço, abraçando os andrajos do seu salvador.

—Sou eu, menino! Pois ainda ha quem se lembre do meu nome cá na minha terra!?—clamou o velho com o enrugado rosto banhado de formosas lagrimas—N'estas cousas é que eu choro!—balbuciou elle, limpando os olhos ao punho encodeado da jaqueta.

O ancião chamou um pegureiro, e mandou-lhe que fosse dizer ao sr. commendador que o seu filho estava alli maltractado de uma quéda, e que era precisa uma cavalgadura mansa para o levar a casa. E ajuntou:

—Diz lá que lhe manda este recado o Januario miliciano.

Entretanto, esteve Januario cortando a bota para des-

calçar o pé inchado do ferido. Banhou-lh'o com agua, e enfaixou-lh'o com ligaduras formadas de lenços.

Passada uma hora, assomaram á chã do monte o commendador, a esposa, e os filhos, anciados e archejantes. Avistaram, no tôpo de uma riba alcantilada, o filho sentado n'um fofo de giestas, e o mendigo ao lado d'elle, e o cavallo d'alli perto a escarvar e a rinchar.

O moço, quando viu os paes, bradou:

—Cá está o tio Januario! Elle aqui está, minha mãi! Não venham afflictos, que eu estou quasi bom!

—Bonito!—murmurou o velho—Os homens é assim que fazem! Diga sempre que não lhe doe muito.

O commendador foi com os braços abertos para Januario, que se ergueu a tremer de velhice e de alegria. A brazileira foi ajoelhar ao pé do filho, sem embargo do muito affecto que tinha ao salvador de seu marido. Os outros meninos estavam pasmados das barbas intonsas do mendigo.

—Com que então—exclamou o commendador—Januario, o amigo que me salvou ha vinte e seis annos, é este velho, que eu tenho nos braços!

—Seus paesinhos pagaram-me de sobra o bem que eu lhe fiz, sr. Constantino!—tartamudeou Januario, muito commovido.

O filho do commendador acudiu logo:

—Mas não lhe pagaram de me salvar a mim. Se não fosse elle, meu pai, eu, a esta hora, estava acolá n'aquelle fundão desfeito em pedaços, e mais o cavallo.

-Devem-se-lhe duas vidas, sr. Januario!—exclamou

o brazileiro.—E devo-lhe muito mais da vida do meu filho, que me é muito mais cara que a minha!

A senhora não se enojou de ir apertar a mão negra e encorreada do velho, exclamando:

—O anjo bom da nossa familia fica sendo nosso parente de hoje em diante.

O ferido sentou-se na albarda de uma égua, e caminharam todos em direitura á aldeia, vagarosamente, para não forçarem o passo ao aleijado.

Se alguma hora escreveres isto, dar-lhe-has o relêvo de sentimento que eu não sei. Contei-te o successo como o ouvi da exposição dos personagens.

Eu folgava de ir sentar-me, ha seis annos, á beira de Januario, que tomava o sol no eirado do commendador, e ouvil-o contar as batalhas do Roussillon, e as da repulsão dos grandes generaes do imperio. Os filhos do commendador ouviam-no, como se estivessem deliciando-se nas bravuras de um seu avô, recamado de medalhas e ondulante de penachos.

Um dos melhores quartos do palacio do commendador era o de Januario. O seu lugar á meza era entre os dous, que elle salvára. O primeiro prato servido era o seu. As orações do repasto era elle quem as entoava n'um tom senil que incutia religiosidade.

Afinal, resta-me dizer-te que o entêrro mais pomposo da minha freguezia foi o de Januario, e raras lagrimas tão sinceras terão cahido sobre uma sepultura.

X

— Não tens uma historia de feitiços que me contes? — disse eu ao meu amigo.

— De feitiços não me lembra historia nenhuma; porém, no genero magico, posso contar-te o que succedeu a meu tio João Manoel com o livro de S. Cypriano. Tu sabes que nunca houve Cypriano nenhum que escrevesse tal livro....

— Conheço dous santos Cyprianos: um, que padeceu martyrio no tempo do imperador Valeriano, e escreveu, entre outros, o livro *Dos succumbidos*. O outro foi bispo de Toulon, e não sei que escrevesse de magia.

— Pois a crença popular e a especulação de algum velhaco novellista da idade média inventaram que S. Cypriano, feiticeiro como S. Gil, deixára um livrinho, que descobre thesouros. Eu nunca vi este livrinho; mas meu tio João Manoel jurou que o vira em mãos de um padre de Barrozo; e, de empreitada com o padre, deliberaram arrancar das entranhas da terra uns cofres de ouro sotterrados pela mourisma, no tempo em que os godos desceram das suas montanhas, e a levaram de sobresalto, e a ferro, para as regiões africanas.

Meu tio João, como vês, era uma intelligencia fina, um pouco escurecida pela vontade de ser rico, e fundar um convento de frades da ordem franciscana. Os

rendimentos do seu patrimonio escassamente lhe dariam a sustentação de dous frades mendicantes; e o que elle queria era poder sustentar um cento d'aquelles santos varões: desejo inoffensivo, que lhe absolve a sede de riquezas, e piamente creio que lhe seria util á alma tanto quanto elle quiz ser util ás corporações fradescas.

Emparceirado, pois, com o padre barrozão, lançaram suas medidas, depois de reiteradas conferencias, e decidiram que um dos enormes thesouros mouriscos, indicados por S. Cypriano, estava no entulho do arrazado castello de Vermoin.

Vermoin é um altissimo acervo de fragas, sobranceiras á freguezia d'aquelle nome, uma legua distante de Famalicão, á esquerda da estrada de Guimarães. Da crista do monte descobrem-se verdadeiros thesouros, fertilissimas campinas, povoações a branquejarem por entre florestas, bosques coroados pelas agulhas das torres, rios que serpenteiam por entre almargens e hervaçaes, emfim, o Minho, o espectaculo prodigioso, que faz amar Portugal, e pedir a Deus nos não deixe ir tão longe no caminho do progresso material, que, ao cabo de contas, —*ao cabo de contas* é a phrase propria—fiquemos sem patria, por amor do aperfeiçoamento da materia.

Meu tio, o padre, e um cavador da confiança de meu tio, carregado de vitualhas para um dia, e de instrumentos para as primeiras explorações, subiram, ha trinta e tantos annos, ao espinhaço da serra de Vermoin. O padre era muito mais allumiado que meu tio em historia. Sentou-se elle n'uma fraga, depois que almoçaram, e

contou que um principe turco da Mourama vivera n'aquelle sitio com muitas riquezas roubadas aos christãos. Ora, este principe turco da Mourama, assaltado pelos lusitanos, commandados pelo rei Vamba, fugira a unhas de cavallo, depois de enterrar os thesouros. O rei vencedor entregou a defeza e posse do castello a D. Vermuí Frojaz, fidalgo de raça visigoda, que o transmittiu aos seus descendentes; mas, no reinado de D. Sancho I, os netos do principe turco entraram, disfarçados em peregrinos, por Portugal dentro, até se alojarem nos paços dos Pereiras, representantes de D. Vermuí, que os receberam com grande veneração, e mui devotamente. Dos paços ao castello mediava meia hora de caminho fragoso. Os peregrinos, a horas mortas, sahiram de sua albergaria, e foram via do castello desamparada de esculcas em tempos de paz. As instrucções, que levavam ácerca do local em que as riquezas estavam, eram claras e inequivocas. N'um angulo do pateo da cisterna, ao sopé de uma seteira, é que o principe turco da Mourama enterrára os cofres do ultimo rei godo, atraiçoado pelo conde Julião e pelo bispo Opas. Os descendentes do mouro, — dizemos *mouro* para o não chamarmos sempre *principe turco,* em homenagem ao clerigo de Barrozo — assim que pozeram um engenhoso ferro ás solduras das lagens depositarias do thesouro, sentiram um terramoto! Os lanços das muralhas, as barbacãs, os umbraes das balhesteiras, ameias e torres, desabou tudo com fragor medonho. Os netos de Agar mal tiveram tempo de encommendar ao demonio suas almas negras,

e alli se ficaram triturados á espera da trombeta do ultimo dia. O arrazado castello, no dia seguinte, resfolegava de suas entranhas uns vapores negros. As povoações espantadas cuidaram que um incendio devorára os paços de D. Vermuí Frojaz.

Posto isto assim com esta clareza historica, verdade que escapou aos chronicões dos monges, que escreveram a mythologia de Portugal, o padre barrozão disse que os thesouros deviam de estar a curta distancia da cisterna, cujos bordos eram ainda viziveis na superficie escabrosa da chã, em que o castello se sepultára. Meu tio conformou-se a este sensato parecer; e começaram nos trabalhos de excavação, depois de beberem um bom trago da borracha, thesouro que elles tinham levado, sem indicações de S. Cypriano.

O cavador abriu um fosso de oito palmos de comprimento sobre seis de largura. O desaterro dava pedaços de tijolo vermelho, e de barro negro, consistente como fragmentos de ferro fundido em panellas. Quando o cavador cansava, revezavam-se meu tio e o clerigo. Ao descahir da tarde, a cova tinha quatro palmos de profundeza, e continuava a dar cascalho de tijolo, e argamassa. O cavador, emquanto meu tio e o seu socio dos thesouros tressuavam a escorrer, escondia-se atraz da fraga a chuchurrear na borracha, e a philosophar com ella no regaço, affagando-a tão carinhosamente, como se a razão clara lh'a désse a borracha, e não o raio de luz da philosophia infusa: philosophia, que por ser *infusa*

em muita gente, parece-se com a da *borracha* do cavador. Desculpa tu a semsaboria do trocadilho.

O cavador ria-se, e murmurava com os labios no bocal da vazilha para não ser ouvido: «Estes homens são brutes!»

No emtanto, o padre de Barrozo agachou-se na cova, e principiou a tirar seixos serapintados de manchas amarellas, e laminados sobrepostamente. Os geologos chamariam áquillo uns silicatos: eu e tu, na cegueira da nossa ignorancia, chamar-lhe-iamos pedras; mas o padre e meu tio disseram que era ouro e prata fundidos. O cavador correu á vozeria jubilosa d'elles, e achou-os com duas pedras entre mãos. Perguntou meu tio ao criado se já tinha visto d'aquillo em sua vida. «Isso são calhaus»—respondeu elle. Os dous intelligentes trocaram um sorriso de piedade entre si, como o fariam os snrs. Bocage e Andrade Corvo, se me dissessem que um certo insecto se chamava zoologicamente cóleoptero, e eu lhes replicasse que o bicho é escaravelho.

O padre disse formalmente a meu tio:

—A cousa é isto, João. Aqui está o ouro e a prata derretidos. Estas pedras são dinheiro.

—E, voltando-se ao cavador, ajuntou:

—Não te rias, selvagem! Se guardares segredo, tens que comer toda a tua vida.

—Eu troco o meu quinhão por uma vez de vinho—disse o philosopho.

Era noute. Desceram da serra, e foram pernoutar a Famalicão para voltarem, no dia seguinte, com comestiveis.

Como a noute dá conselho, meu tio e o padre deliberaram partir para o Porto de madrugada, e offerecer as pedras á analyse de peritos para lhes determinarem o valor.

O ar mysterioso com que elles se apresentaram a um ourives faceto da rua das Flores foi uma solemne recommendação de sua tolice. O primeiro impulso do ourives foi dar-lhes com os dous calhaus na cabeça d'elles; porém, amigo de rir-se, mudou de cara, fez-se pasmado da riqueza do achado, contrastou as pedras, e exclamou cavamente:

— Onde acharam os senhores esta riqueza?

—Não t'o disse eu?—exclamou o padre, voltado contra meu tio, que subtilmente levantou o dedo indicador perfilado com o nariz para acautellar o companheiro das perguntas do ourives.

—Isto appareceu—respondeu o clerigo.

—Mas aonde?!—perguntou o ourives—Este mineral é...

—Ouro e prata derretidos—acudiu meu tio.

—Justamente—obtemperou o ourives.—Ouro e prata derretidos. Os senhores vendem estes dous pedaços?

Outro signal negativo de meu tio, que a penetração do padre traduziu n'esta resposta:

—Não vendemos: queriamos só saber o valor d'estes objectos.

—Estes objectos—respondeu pausadamente o zombeteiro—só depois de refundidos e limpos podem ser

avaliados. Mas isto, sinceramente lhes digo que tem aqui muito que roer.

—Deve-se alguma cousa?—perguntou meu tio.

—Não é nada. Se alguma vez resolverem vender, preço por preço, lembrem-se da minha casa; mas tenham cuidado com a exploração, se é em terreno baldio, porque o Estado embarga-lhes a mina, e senhoreia-se da propriedade. Trabalhem de noute, e muito ás escondidas. Se os senhores qüizessem tomar-me como socio na exploração, eu, á proporção que se extrahisse o metal em bruto, iria tractando da limpeza d'elle.

—Pensaremos n'isso—respondeu meu tio.

A' sahida da loja, disse o padre ao seu radioso amigo:

—Olha o velhaco, a ver se nos lograva!..

—Pudéra!..—atalhou o outro—Não precisamos de socios. Assim que tivermos mais alguns pedaços d'este ouro, vamos vendel-os a reinos estrangeiros, porque em Portugal, se nos descobrem, obrigam-nos a dar conta da mina.

E, desde logo, se conchavaram em dizer ao cavador que as pedras não valiam dous vintens, e fingiram que desistiam da excavação, para serem sósinhos no trabalho.

Atemorisados pela advertencia do logrativo ourives, passavam as noutes nas ruinas do castello de Vermoin, e ao romper de alva, assim que os pegureiros apontavam com os rebanhos nos montados visinhos, tomavam as espingardas, e iam á caça, sem largar de olho a excavação, e o antro formado por duas fragas, onde escondiam as pedras desentulhadas.

Meu tio escreveu então uma carta a um frade franciscano de Guimarães, prevenindo-o que dentro de dous annos o seu pensamento de fundar um convento com cem frades seria realisado. No entretanto, pedia-lhe que não cessasse de orar em beneficio de uma empreza contra a qual o poder de Satanaz havia de conspirar.

O frade riu-se, e pediu ao Senhor que désse juizo a meu pobre tio.

Os designios do padre barrozão eram menos modestos, mas igualmente enderessados ao bem da christandade. A sua intenção era ir a Roma, e voltar de lá com uma mitra, ou duas, visto que tinha um sobrinho padre.

Ao cabo de tres semanas de trabalho, as pedras escolhidas pesavam dez arrobas. Transportaram-nas aos poucos, e com grandes resguardos, para uma aldeia das abas da serra, e d'ahi, em bestas que foram da minha terra, levaram-nas por caminhos transversaes até as depositarem furtivamente na choça de moinho abandonado na garganta de um monte. Desculpa as miudezas descriptivas. Eu penso muitas vezes n'esta desgraça de meu tio, que por amor dos frades se finou. Para si não queria elle nada, que lhe sobejava muito do pouco com que vivia. Foi a ideia do convento que o matou!

—Sabes dizer-me se o Octavio Feuillet sabia a historia de teu tio João?—perguntei.

—A pergunta parece-me do padre de Barrozo!—respondeu Antonio Joaquim.

—E' que o romancista francez conta de uma illustre

velha que morreu devorada das impotentes ancias de fundar uma cathedral. Lerias tu *o Romance de um moço pobre,* e estás ahi a improvisar uma historia, que me obrigará a mentir pela primeira vez ao publico?

—Não: conto-te uma desgraça. Meu tio João e o padre de Barrozo partiram para Hespanha, na intenção de venderem nas principses cidades da Europa o seu ouro derretido. O joalheiro, a quem primeiro se dirigiram em Madrid, desenganou-os, dizendo-lhes que aquellas pedras eram boas para atirar ás matilhas de cães noctivagos que infestavam as ruas.

Os infelizes, estupefactos, reagiram contra a zombaria do ourives, e foram consultar outros. D'ahi a horas, meu tio e o padre eram presa dos gaiatos, que lhes sahiam ás esquinas pedindo-lhe uma pezeta de ouro derretido.

Fugiram espavoridos de Madrid, quando a invasão dos garotos, vingando as affrontas de 1640, não respeitavam já as victimas portuguezas na estalagem, e deixaram as dez arrobas de pedra no quarto d'onde fugiram.

O tristissimo agora é isto: meu tio João chegou a casa mentecapto. Envelhecera vinte annos nos vinte dias de ausencia. Fugia, sempre que se descuidavam em casa, para um convento de franciscanos bracarenses, ou para outros, onde ia recrutar os cem frades installadores da sua communidade. Finalmente, morreu. O padre de Barrozo era mais robusto de alma e de corpo. As suas crenças religiosas abalaram-se algum tanto por

causa de S. Cypriano, cuja impostura lhe pareceu não só despresivel, mas attentatoria da fé e piedade de um sincero christão. Em consequencia do quê, fez-se liberal, entrou nas batalhas da liberdade como capellão de um regimento; chegou a conego da patriarchal, e estava indigitado bispo, quando a misericordia divina, compadecida do bispado incerto, o levou d'esta vida.

A maxima responsabilidade da demencia de meu tio João, e da conezia do padre de Barrozo, pesa sobre a consciencia do ourives do Porto.

XI

—Vaes ouvir agora a historia de um engeitado da minha freguezia—disse o meu amigo.

—Estás dedilhando as cordas todas da lyra dos modernos romancistas e dramaturgos—observei eu.—O engeitado é uma rica exploração que ha vinte annos faz gemer os prelos e chorar a gente. Desde o Martin de Eugenio Sue até ao teu engeitado, que não sei como se chama, a sympathia, que elles conquistam, não ha filho nenhum legitimo que a mereça. Este facto demonstra a desmoralisação da epocha, se não demonstra primeiramente a esterilidade das phantasias. Os escriptores andam á competencia com as amas em irem á roda procurar expostos. Depois, pegam das creancinhas, e dão com ellas, defecadas de doença e fome, na cara da sociedade.

—Na minha historia não ha d'isso—interrompeu Antonio Joaquim.—O Luiz, de alcunha «o engeitado», foi pegureiro de cabras em minha casa, e é hoje...ia dizer-te já o que elle é contra todas as regras da narrativa. Não sei de quem era filho, nem o interesse do conto requer que se lhe inventem paes. O pequeno creára-se ao seio de uma pobre jornaleira, que, aos sete annos, o poz a servir.

Aos vinte, despediu-se de meu pai, e foi servir em casa de uma viuva, que tinha uns pequenissimos bens, que mal a sustentavam. A minha gente admoestou-o a não trocar um bom ordenado pela miseria do casalejo para onde ia, e onde nunca houvera criado. Luiz respondeu que a viuva, se não tivesse um homem que lhe grangeasse as terras, morreria á mingua.

Esta viuva tinha duas filhas em casa, e um filho no Brazil. Uma das filhas, que era bonita, casou com um lavrador rico, homem de más entranhas, que não só recusou auxiliar a sogra, mas ainda a esbulhou de uns cem mil réis, que tanto sommaria o dote da mulher. A outra filha era superabundantemente feia, mas boa de coração, quanto a irmã era descaroada e egoista.

Luiz tinha os seus ordenados juntos em mão de meu pai: cobrou-os, e comprou umas vaccas para fazer a lavoura da sua nova ama. Arroteou algumas terras que andavam descultivadas, aforou montados, e trabalhou incansavelmente. Chegado o fim do primeiro anno, a viuva não ousava offerecer-lhe ordenado: chamou-lhe filho, e offereceu-lhe a mão da sua Thereza. Pobre mãi!

sómente ella pensava que sua filha não era feia! O engeitado tambem via Thereza pelos olhos da mãi. Ambos se tinham visto de coração para coração. Haviam passado, a sós, um anno, debaixo das calmas e frios da lavoura. Tinham começado e concluido a tarefa de trezentos e cincoenta dias alegremente. A face de Thereza, aljofrada de suor, e talvez de lagrimas de gratidão, tinha-lhe parecido formosa ao desinteresseiro operario. Amavam-se. Luiz, para Thereza e sua mãi, não era o engeitado: era o amigo, o compensador do desamparo em que a deixaram filho e filha, um esquecido no Brazil e outra abastadamente casada na freguezia proxima.

Luiz acceitou a proposta de sua ama. Leram-se os pregões. Assim que a noticia d'este vilipendio chegou ao conhecimento da filha rica, ella ahi vai com o marido insultar a mãi, a irmã, e o engeitado. Ouviram silenciosamente as injurias, e Luiz as ameaças; porém, o meu santo abbade, em quem te fallo sempre que ha virtudes a historiar na minha terra, tomou a peito a defeza dos fracos, e casou-os...

Era cousa racional agourar um viver alegre e bafejado de prosperidades a estes casados, que se amavam tanto, e mourejavam sempre. Pois não foi assim.

A viuva entreveceu logo depois; as vaccas morreram da epizotia; o anno foi muito secco e de fome; o bicho comeu os batataes; a lagarta devorou as hortas; a toupeira remexeu a terra do linho; duas pipas de vinho azedaram-se: emfim, uma cadeia de infortunios, rematada pelas maleitas de Thereza, que já não podia ajudar os

esforços do marido contra a perspectiva da fome no anno futuro.

A filha rica soube o estado de sua mãi, e, para remedial-a e consolal-a, mandou-lhe dizer que pozesse fóra de casa o engeitado, que ella lhe mandaria alguma cousa.

A viuva escondera dos seus bons filhos este recado; mas Luiz, que, por linhas travessas, o soubera, disse á mulher:

—Vamos buscar nossa vida em outra parte já que não podemos valer a nossa mãi. Eu volto a servir os amos antigos, e tu irás commigo. Se Deus mudar o tempo para o anno que vem, voltaremos a grangear os bens.

A entrevada, sabedora d'isto, de anciada e afflігida, quiz saltar do seu catre, para conter o genro, que estava chorando no sobrado fóra. A velha disse que venderia uma cortinha a meu pai, ou a empenharia para remediarem-se. Foi Luiz, lavado em lagrimas, onde ao seu antigo amo, e pediu de emprestimo o pão para semear no anno futuro, e sustentar sua mulher e sogra: tudo lhe foi concedido, porque o engeitado tinha umas palavras graves e breves que valiam o mais idioneo abono.

A velhinha, que tinha assomos de pundonor, quando viu segurada a subsistencia de sua familia, comprou tres roscas de pão de ló, e mandou-as aos tres netos da sua filha rica, em resposta ao offerecimento de a não deixarem morrer de fome, expulsando ella o marido de sua filha pobre. Isto faz lembrar o caso de Martin de Freitas, cercado no castello de Coimbra, que mandou ao

inimigo uma appetitosa truta assada, quando os soldados de Affonso III cuidavam que a fome dos cercados lhe ia entregar a praça. A má filha devolveu as roscas do pão de ló, dizendo que os seus filhos não recebiam favores de engeitados.

—Comei-as vós,—disse a velha aos seus—e dai-me um pedacinho, para eu poder beber á vossa saude, meus filhos! Deus queira que os netos não paguem pela bocca da mãi.

Já vês que a entrevada, além de pundonor, tinha bom estomago para o pão de ló e para os ultrages da filha.

O anno seguinte sahiu abundantissimo dos thesouros da Providencia. As colheitas foram uberrimas. Luiz pagou a semente, que lançára á terra, e comprou outra junta de vaccas. Encarreirou outra vez no prosperado arranjo da sua vida, e botou um capotinho de castorina aos hombros de sua mulher, e ageitou por suas mãos um confortavel carrinho, em que transportava sua sogra aos campos, onde lhe entrançava com ramagens um abrigo sombrio nas horas calidas.

N'este anno teve Thereza o seu primeiro filho. O meu abbade, que não queria ninguem mal-avindo com o proximo, e de nenhum modo com parentes, lembrou-se de fazer pazes entre a má filha e a sua boa mãi, aventando o pensamento de se convidarem os ricos para serem padrinhos da creança. Accedeu alegremente Luiz, e a entrevada poz as mãos, clamando:

—Oxalá que eu ainda veja minha filha Josefa, e os meus tres netos, antes de morrer!

O abbade foi com o convite, e voltou agastado, prophetisando que Deus havia de abater os soberbos, e levantar os humildes. Josefa e seu marido repelliram furiosos o convite, conclamando que tinham vergonha de serem parentes do Luiz engeitado.

—Veremos quem Deus engeita...—respondera o abbade, sacudindo o pó dos sapatos na soleira da porta.

Ao escurecer d'este dia, mandou Deus á casa dos pobres felizes um padrinho para a creança.

Era um homem bem trajado, de meia idade, que apeou de uma liteira, e perguntou pela snr.ª Custodia Ferreira.

—Minha mãi está entrevadinha na cama—disse Thereza.

O sujeito entrou na cosinha, e perguntou se podia ir ao leito da entrevada. Thereza pegou da candeia, e foi dizer a sua mãi que estava alli um fidalgo.

—Não é fidalgo,—ajuntou o desconhecido—é seu filho.

A entrevada esqueceu-se da paralysia, e quiz saltar do catre, exclamando:

—Bemdito seja o Senhor!

O brazileiro entrou no quarto, e dobrou o joelho, beijando a mão convulsa da velha.

O abbade, chamado pelas campainhas da liteira, foi dar a casa da viuva, e assistiu á scena maviosa e commovente. Manoel Ferreira, que assim se chamava o negociante, perguntou pelas restantes pessoas da sua familia. O abbade expendeu a historia da familia nos ultimos trinta annos. Contou o casamento de Josefa, e a

ruindade de sua condição. Exaltou as virtudes de Luiz, e a doçura filial de Thereza. Não lhe esqueceu — porque ainda o resentimento o azedava — o caso feio do orgulho de Josefa, recusando fazer christã a creancinha, que Thereza estava amamentando.

Manoel Ferreira poz a mão na face do menino, e disse:

— Depois de ámanhã seremos os padrinhos d'este anjo, minha mãi.

Fez-se o baptisado com as possiveis pompas da aldeia. Era eu pequenote, e lembra-me que fui com meu pai assistir ao jantar que se deu na sala da residencia ás pessoas mais gradas da freguezia, em quanto no eirado os pobres se deliciavam no bodo que o brazileiro lhes mandou dar. Recordo-me de ouvir contar a Manoel Ferreira que passára no Brazil vinte e nove annos desgraçados de continuada peleja com os revezes; que, n'esse longo espaço, apenas duas vezes escrevera a seu pai, dizendo-lhe que era infeliz; e se abstivera de escrever, não podendo acudir á necessidade de sua familia. Acrescentou que inesperadamente enriquecera por herança de um amigo; e, sem demora, liquidára os seus haveres, e viera á patria com o coração nas ancias da duvida sobre a vida de seus paes.

A velhinha assistiu ao jantar; e, no fim, querendo imitar os brindes que meu pai, e o boticario, e o abbade fizeram ao brazileiro, propoz ella o seguinte brinde:

— A' saude de todos os meus filhos, para terem vida, e serem bons aquelles que o não tem sido.

O abbade festejou muito o honrado e santo coração

da velha; porém, o brazileiro, levando o copo aos beiços, disse:

—Eu só bebo á saude dos bons filhos.

—E de tua irmã Josefa—acudiu a mãi.

Manoel Ferreira não respondeu.

Passados dias, e brazileiro foi ver nos arrabaldes de Braga uma quinta magnifica. O proprietario cedeu-a por um preço exorbitante, dinheiro de capricho, que denunciou os grossos cabedaes do comprador. D'esta quinta fez Manoel Ferreira doação a sua irmã Thereza, e quiz que ella com seu marido e mãi se transferissem para alli. O engeitado quiz continuar no trafego da lavoura; mas o cunhado tirou a partido que elle acceitaria a prosperidade com o repouso e limpeza da vida que os seus haveres lhe permittiam. A viuva, quasi obrigada pelo filho, foi para França com elle, e voltou, passado um anno, muito melhorada, sustendo-se em muletas; mas com sobejas forças para visitar todos os dias o *Lausperenne*, e agradecer ao Supremo Bem as alegrias da sua velhice. O amor, as caricias, os extremos de ternura não conseguiram, ainda assim, dilatar a existencia d'esta ditosa mãi além dos setenta e quatro annos.

Depois da morte d'ella, o filho mandou avaliar o quinhão dos bens pertencentes a Josefa, e enviou-lhe o valor da sorte; depois mandou arrazar a casa, dizendo que não devia ficar memoria da casa onde nascera uma filha, que injuriára sua mãi velha e pobre. Dos chãos e leiras mandou fazer retalhos, e distribuil-os com pequenas e alegres choupanas aos pobres da freguezia.

A vida má que elle, nos vinte e nove annos desgraçados do Brazil, vivera por sertões, e perigosas arremettidas á fortuna adversa, minaram-lhe a saude, e anteciparam-lhe graves doenças, que o descanso não curou.

Ao pé dos cincoenta annos, perdeu esperanças de melhorar, e testou em sua irmã, e afilhado bens de fortuna consideraveis. Morreu nos braços de todos, abençoando o prazer de encostar a face morta ao coração de sua familia.

Agora verás tu, com assombro, a mudança que a fortuna operou no animo de Luiz engeitado.

—Fez-se mau?—perguntei eu.

—Nada: fez-se outra vez lavrador. Assim que o cunhado se collocou a distancia de o não censurar, despiu o casaco oppressor que lhe intallava as espaduas, e botou-se ao arado, como o faria Tantalo, se o deixassem, por fim, beber do rio e comer das fructas do seu supplicio. Andava anazado e arganaz, e engordou assim que pôde rossar dous carros de matto, e passar os calores de um estio a sachar o milho com os criados.

Como se via com muito dinheiro, e muitas firmas illustres a pedirem-lh'o para caridades de estabelecimentos pios, Luiz Ferreira, appellido que elle tomou de sua mulher, dava aos necessitados mais do que lhe pediam. O resultado d'isto, afóra os cento por um, promettidos pelo Divino Mestre, foi fazerem-no commendador. Luiz acceitou e pagou o diploma como acceitaria e pagaria a bulla da santa cruzada, ou o diploma de irmão da Ordem Terceira. Quando elle conheceu que não era um

mortal vulgar, foi ao lerem-lhe—que elle não sabia ler—os sobrescriptos das cartas, em que o intitulavam *dignissimo commendador da Ordem de Christo;* porém, como era bom christão, entendeu que pertencer á Ordem de Christo era uma boa cousa por tão pouco dinheiro. Todavia, quando umas pessoas distinctas lhe deram *excellencia,* o homem olhou para a mulher, e desatou a rir, e riu tanto, e por tanto tempo, que a boa da Thereza cuidou que o marido ia rebentar pelas cruzes, salvo tal lugar.

Deixemos o commendador a rir da excellencia, com mais sinceridade do que Aristophanes, e Erasmo, e Boileau riram da loucura do genero humano, e vamos ver se se realisou a prophecia do meu abbade, que dissera: «Deus abate os soberbos, e levanta os humildes».

XII

—João da Quintam, marido de Josefa, procedia de um Jeronymo Carvalho, que foi enforcado em Lisboa ha duzentos annos.

—Enforcado ha duzentos annos!—exclamei eu, preparando-me para ouvir a tragedia de um homem, digno de mais illustre posteridade—Então, vaes contar-me uma historia em que ha forca!... Faltava esse tom da elegia romantica. Enforcado ha duzentos annos! Provavelmente conspirou contra o throno restaurado do senhor D. João IV!...

—Não foi isso: era guarda da alfandega Jeronymo Carvalho. Roubou dos armazens fazendas, que estavam a despacho. Os negociantes roubados citaram-no a juizo, e levantaram-lhe o triangulo sobre o livro 5.º das ordenações. N'aquelle tempo era tão facil enforcar um ladrão, como é facil hoje aprezilhar-lhe uma venera na lapella da casaca. Tempos escuros em que as forcas eram uns como postes dos lampiões, com que a justiça allumiava a estrada do dever. Hoje a forca não passa de um pretexto para clamorosos discursos, e choradeiras de romances, em que o bom siso perneia estrangulado ás vezes. Eu sou dos que opinam pela necessidade da forca... Se queres, vamos discutir esta questão.

—Eu antes queria a historia, meu amigo.

—Pois como quizeres: é certo que Jeronymo Carvalho foi enforcado... (*) Tinha elle mulher e filhos, que sahiram de Lisboa, a esconderem nos sertões do Minho a sua ignominia e muito dinheiro, que pudéram sone-

(*) Esta execução parece-nos verificada nas seguintes palavras de Thomé Pinheiro ou de Antonio Vieira, *Arte de furtar*, cap. LXV: «... Furtar o que vos hão-de demandar, e fazer pagar, em que vos pez, é a maior tolice de todas, como se viu no que succedeu ao Carvalho, na semana em que componho este capitulo. Era guarda da alfandega de Lisboa, e guardava as fazendas alheias muito bem, porque as punha em sua casa, como se foram suas: foi demandado por isso; e porque não deu boa razão de si ás partes o puzeram por portas repartido: pretendeu levantar cabeça á custa alheia, e levantaram-lh'a dos hombros á sua custa...»

gar ao sequestro dos negociantes desbalisados pelo guarda de armazens. Convidada pela brandura e amenidades do local, a familia do enforcado parou nas margens do Cávado, e edificou uma choça, que meu avô ainda viu, na orla de um outeiro, chamado a *Quintam*. A viuva do Carvalho viveu ainda muitos annos com exteriores de penitente pobreza; e morrendo, deixou um filho, que aforou os montados visinhos, e fabricou melhor alojamento na assomada das suas gandras. Casou o filho do enforcado com uma cigana, foragida ás penas horriveis da ordenação do reino, e perseguida pelos quadrilheiros do corregedor de Braga. A cigana, que se acoutára á choça do filho do suppliciado, para haver de casar-se, fez publica confissão dos seus pactos com Satanaz, e entrou no gremio da igreja, fazendo figas ao demonio. D'este matrimoniamento geraram-se filhos e filhas. Cem annos depois, a casa da Quintam era uma das primeiras da comarca. O peculio de Jeronymo Carvalho desenrolava-se em fertilissimas campinas, e pradarias, e florestas.

Os bisnetos, porém, do filho do enforcado foram grandes dissipadores, e esbanjaram o principal do grande casal. Morreram estes, e ficou um clerigo herdeiro das reliquias do espedaçado thesouro do guarda de armazens. Este padre era o terror do inferno. Mulher possessa que lhe cingisse a estola, ou experimentasse o tacto das mãos demonifugas, ficava sã. Entre as suas energumenas, teve elle a dicta de limpar uma das sugidades da sevandija infernal. Era esta uma rica viuva, sem filhos,

que tão reconhecida lhe foi, que o deixou seu herdeiro. O padre Antonio da Quintam, que meu pai ainda conheceu, refez a casa desbaratada de seus avós, e chamou a si um sobrinho para lh'a deixar. Porém os presumptivos herdeiros da viuva puzeram demanda ao successor do clerigo, allegando a demencia da testadora, e as pias fraudes com que o padre lhe conturbára o espirito. Este litigio tinha oitenta annos de duração, enredado nas trapaças da jurisprudencia, quando casou Josefa Ferreira, a cunhada do Luiz engeitado. João da Quintam, sexto neto por varonia do enforcado, despresára o processo, que, desde 1830, se enterrára nas estantes do desembargo do paço; e, ao mesmo tempo, um brazileiro, apparentado com os successores da viuva, dispendia dinheiro a mãos cheias para se entreter com a demanda, por não saber em que exercitar a sua ociosidade. Ou porque a justiça estivesse com o brazileiro, ou porque o dinheiro e a actividade creassem uma justiça de proposito para elle, ou—e o mais provavel é isto—porque no tribunal da Providencia se decidisse a final o pleito, o certo é que João da Quintam perdeu a causa recomeçada em todas as instancias, e ficou esbulhado de todos os bens, sem poder salvar as bemfeitorias, absorvidas nos rendimentos de oitenta e cinco annos.

Esta queda dos soberbos, vaticinada pelo meu abbade, coincidiu com a elevação de Luiz engeitado ao degrau convisinho do fastigio humano—á commenda da Ordem de Christo!

Tinha cinco filhos o lavrador despossado repentina-

mente dos seus casaes. Chamou o mais velho, deu-lhe uma clavina, e ordenou-lhe que passasse com uma bala o peito do brazileiro vencedor do pleito.

O filho entendeu que lhe era menos penoso viver simplesmente pobre, que pobre e assassino ao mesmo tempo: resistiu ás ordens do pai, e fugiu.

Foi ter-se com a tia Thereza, e contou-lhe em lagrimas a desventura de sua familia. O commendador Luiz Ferreira assistiu á exposição do sobrinho.

—Fica em nossa casa, moço,—disse Luiz—e vae fallar com teus paes e teus irmãos, e diz-lhes que venham para aqui, onde ha pão em abundancia e graça de Deus.

— Eu irei com o moço, se tu dás licença—disse Thereza.

—Pois, se tu vaes, iremos todos—acudiu o commendador.

E sahiram todos em busca da familia pobre, que morava a distancia de tres leguas.

Quando chegaram á vista da aldeia de João da Quintam, dobrava a finados o sino da parochia da freguezia. Um lavrador, que gradava uma leira na quebrada do monte, sahiu-lhes ao caminho, e contou que o João da Quintam matára com um tiro o brazileiro de Villar, quando elle ia com os officiaes da justiça pôl-o fóra de casa. Ajuntou que o homicida se dera logo á prisão, e pedira que o deixassem despedir-se dos filhos. Era uma dôr de coração—ajuntava o informador—vel-o abraçado á mulher e ao filhinho de dous annos, que ella tinha ao peito.

Luiz Ferreira foi indo seu caminho até á casa da

Quintam. Encontrou sua cunhada no quinteiro, rodeada de povo, com a creança nos braços, e tres meninas entre dez e quinze annos, sentadas ao pé de si. Josefa lavava de lagrimas o rosto do filho. As meninas, com as mãos na cabeça, e o rosto sobre os joelhos, pareciam empedrenidas e fulminadas pela desgraça.

Luiz levantou sua cunhada por um braço, e disse-lhe:

—Venha d'ahi com as suas filhas.

A desgraçada ergueu-se, e disse ás meninas que a seguissem.

O commendador deu ao sobrinho o dinheiro que trazia, e mandou-o ir no seguimento do pai, que caminhava para a cadeia de Braga.

Quando Luiz Ferreira sahia da aldeia com a familia de seu cunhado, encontrou um cirurgião, que lhe disse:

—O homem não morre.

—Qual homem?—perguntou o commendador.

—O brazileiro—respondeu o cirurgião.

—Graças ao Altissimo!—exclamou Thereza.

Tu devias tambem exclamar alguma coisa!—me disse Antonio Joaquim—Bem se vê que tens calo no sentimento! Não ha surpreza que commova um romancista, vezado a inventar surprezas, que transcendem os limites do disparate.

—Estou pasmado; mas não exclamo—disse eu.

—O brazileiro,—continuou o meu amigo—assim que se viu ferido n'uma espadua, declarou que estava morto, e cahiu sem sentidos. Os homens da justiça levaram-no para casa com reputação de defunto, e...

—E os sinos,—ajuntei eu—que não tinham razão para serem mais entendidos em ferimentos que os officiaes de justiça, começaram espontaneamente a badalar a finados.

—Não foi tanto assim. Os sinos dobravam por uma velha que morrera na freguezia visinha; e, como ella era irmã de uma confraria da outra, tinha suffragios de uma missa, e um toque a defuntos. Tanta pergunta! E' costume teu amiudares assim as explicações aos teus leitores?!

—E', quando os sinos tocam a defuntos por pessoas que não morreram. E depois?

—Depois, o commendador deixou em sua casa a familia, e foi para Braga com sua cunhada. João da Quintam estava succumbido de remorsos e saudades. Meditava em suicidar-se, quando o commendador lhe disse que o brazileiro vivia, e o admoestou a ter esperanças em salvar-se.

O ferido esteve uns tres dias de cama com o braço ao peito, e partiu logo para Braga a instaurar o processo contra o criminoso. Pessoas da amisade do commendador diziam-lhe que não receiasse o resultado da querella, porque no jury se haviam de preparar as consciencias de feitio que as circumstancias atenuantes reduzissem a pena de prisão temporaria o delicto de seu cunhado.

O commendador, porém, recusou-se a cooperar no suborno da consciencia dos jurados; parecia-lhe impossivel e impraticavel a salvação de seu cunhado, accusado

de tentativa de morte premeditada e resistencia aos officiaes de justiça.

Pouco tempo antes do julgamento, mandou elle vestir de lucto as suas tres sobrinhas, e a cunhada, e o sobrinho mais velho, e a creancinha de dous annos e meio.

Estava o accusador em Braga, na «Hospedaria dos Dous Amigos», quando o commendador lhe entrou ao quarto, em frente da luctuosa familia, e levou as meninas pela mão a ajoelharem diante do estupefacto brazileiro. Pouco mais ou menos, foram estas as suas palavras:

—Esta gente é a familia do infeliz João da Quintam. O pobre homem tinha creado estes filhos na abundancia, e nunca pensou em ir por essas terras fóra a pedir esmola com elles. Quando se viu de todo em todo desgraçado, perdeu a razão, e a fé em Deus. O castigo do seu crime é elle ter esta familia a comer do meu pão, tendo eu sido o Luiz engeitado que elle despresou a ponto de me não querer baptisar um filho. Pois sou eu, o Luiz engeitado, e não o homem rico, quem vem pedir a vocemecê caridade e misericordia para o pai d'estas meninas, e d'esta creancinha, que lhe vai pedir o perdão de seu pai.

E, dizendo, tirou o menino dos braços da mãi, e o poz nos braços do brazileiro.

Aqui tens mais um brazileiro bom e sensivel da serie das minhas historias. O homem tinha já os olhos inundados de lagrimas, e a balbuciação da palavra mise-

ricordiosa nos labios. A creancinha, cuidando que elle era o pai, affagou-lhe as faces mui de leve com as pequeninas mãos, e proferiu, como em vagido supplicante, a palavra *papá*. Parecia tudo instincto do céu n'aquelle menino! O brazileiro, banhado de pranto, exclamou:

—Está perdoado teu pai! Vai-lhe levar a boa nova á cadeia.

—Vamos todos!—disse o jubiloso commendador, abraçando o commovido brazileiro pelos joelhos.

Sahiu, passados dias, João da Quintam do carcere, depois que o ministerio publico desistiu da accusação por parte da moral publica, e dos officiaes da justiça ultrajada. N'isto é que parece que o commendador empregou mais dinheiro que eloquencia. Em vez de mandar vestir os sobrinhos de negro, encheu elle as algibeiras de cousas de côr alegre e garrida.

Não ficou aqui a vingança de Luiz engeitado.

Entendeu-se com o brazileiro, seu amigo desde a hora em que choraram juntos. Deu-lhe em dinheiro o valor das propriedades penhoradas. Restituiu a casa da Quintam a seu cunhado; e, no momento de lhe entregar os titulos, pagas e quitação do brazileiro, disse-lhe:

—Entrego-lhe metade do que herdei do nosso cunhado. Rezem muito por alma d'elle, que nos deixou a felicidade de todos. Ensine vocemecê os seus filhos a serem humildes, e a não despresarem os engeitadinhos, que são os filhos adoptivos de Nosso Senhor.

Aqui termina a historia do Luiz Engeitado—concluiu Antonio Joaquim.

XIII

— Vaes agora ouvir a mirifica historia de um ermitão.

Dei um osculo na fronte escampada de Antonio Joaquim, e exclamei:

— E's um anjo e uma gloria nacional! Eu cogito, ha muitos annos, em dar aos meus leitores a historia de um ermitão. Não vinguei ainda o intento. Eram a minha desesperação os ermitães com virtudes, que dessem a urdidura de um volume...

— Olha que as virtudes do meu ermitão — interrompeu Antonio Joaquim — não urdem dous capitulos. E' uma historia menos edificativa do que promette o titulo; porém, foi minha mãi, que m'a contou: signal de que é boa para contar-se a toda a gente.

Não sei se sabes que a Relação do Porto, situada no mesmo local em que hoje está, cahiu ha cento e tantos annos.

Abre-se um entre-parentesis na narrativa do meu amigo para de passagem referir ao leitor, não informado, a procedencia d'aquelle quadrilatero de granito denegrido, que alli está na Porta do Olival. E, se o leitor, aborrecido de velharias, se anojar com a historia da Relação do Porto, dê um salto de olhos sobre tres columnas do folhetim, e prenda a sua attenção no ponto em que Antonio Joaquim é interrompido.

Antes do nascimento de Christo, 226 annos...— Vejam onde eu vou! pouca gente começa de tão longe n'estes tempos em que o progresso nos está empurrando a todos para diante!—226 annos, pois, antes de Christo, houve chancellaria ou convento juridico em Santarem. Ninguem ignora que os celtas e gregos fundaram, e os romanos ampliaram Santarem, que se chamou «Presidium Julium» por graça de Julio Cesar. Nas Hespanhas, a descripção do Universo, mandada fazer por Augusto, e referida por S. Lucas, foi proclamada primeiro em Santarem.

N'aquelle tempo, os governadores das provincias, durante o bom tempo, iam á guerra; e, assim que o inverno lhes esfriava o sangue bellicoso, recolhiam-se a sentenciar causas nos conventos juridicos. Depois, os mouros invadiram a Lusitania em 714, e as fórmas juridicas foram alteradas. O governador mouro nomeava para cada comarca um conde christão, que julgava consoante a legislação goda, afóra os crimes de pena ultima, que eram exclusivos dos alcaides.

Estou a ver o desfastio adoravel com que alguns centenares de leitoras deixam cahir o jornal, e murmuram no tom dos anjos agastados:

—Que impertinencia! que narcotico!

Eu queria ter a audacia dos apostolos das grandes ideias para ousar dizer a vv. exc.as que é chegada a hora em que se faz mister ao sexo das graças vestir-se da armadura da sciencia para entrar em lucta com a tyrannia do homem. Se os dons maviosos, os encantos,

e a magia dos affectos bastassem á emancipação das senhoras, emancipadas estariam todas, desde que Dalila tosqueou Sansão, e Omphale fez que Hercules fiasse na roca. Mas a desigualdade dos direitos assenta o seu arbitrio odioso na desigualdade dos dotes intellectuaes. Muitos Sansões continuam a ser tosqueados; muitas Omphales obrigam, com a violencia de um relance dengoso de olhos, enormes individuos a fiarem na roca; e, todavia, as frageis vencedoras, realezas ephemeras, continuam na submissão, no ostracismo dos grandes cargos da republica, na elegibilidade aos parlamentos. Nem sequer socias das academias! nem nas academias, cousas futeis e irrisorias, que parecem ter sido inventadas especialmente para senhoras ociosas! Já é!

A estolida argumentação dos feios impugnadores da emancipação das senhoras, como disse, apoia-se na mingoa de sciencia dos dôces seraphins, que tudo sabem do céu, e tudo desdenham do saber dos homens. E', pois, forçoso desalojar os selvagens d'este baluarte com as armas da sciencia. E' preciso que as damas, entre cousas igualmente indigestas, aprendam no folhetim o como se instituiu o convento juridico do Porto.

Vão agora ss. exc.as saber que o senhor rei D. Affonso Henriques conquistou Santarem em 15 de março de 1147, e ordenou que os anciãos nobres julgassem as causas, até que D. Sancho, o capêllo, instituiu alli Relação e casa do civel. Em 1211, D. Affonso II creou juizes ordinarios, e leis geraes: cessou então o governo das leis municipaes, inscriptas no Foral de cada terra.

Os nossos monarchas, n'aquelles tenebrosos dias, sahiam annualmente a administrar justiça aos povos, e hospedavam-se á custa dos administrados, recebendo uma contribuição chamada «o jantar de el-rei». Os advogados, como fossem salariados pela nação, não podiam receber dinheiro dos litigantes.

Requereram os povos a D. João I, em côrtes de Coimbra a 10 de abril de 1383, a trasladação da casa do civel de Santarem para Lisboa.

D. Sebastião nomeou duas Relações ambulantes, que andavam justiçando pelo reino. D. Filippe II, finalmente, mudou a casa do civel para o Porto.

A primeira junta de julgadores fez-se na casa da camara em 1583.

O mesmo Filippe, em 1584, ordenou que os desembargadores usassem becas ou garnachas, e barba larga para representarem a authoridade dos senadores romanos.

Os portuenses, n'uma petição que fizeram ao rei, conseguiram, ao que parece, commovel-o sobre objecto de maxime parte na salvação das almas. As leis d'estes reinos determinavam que os condemnados á morte tivessem antes da execução o tempo sómente necessario para se confessarem, sem outro sacramento. Sua Magestade, compadecido das almas dos justiçados, consentiu que se lhes désse o Sagrado Viatico.

Mudou-se a Relação da casa da camara para o palacio do conde de Miranda no Corpo da Guarda; e a cadeia continuou na rua Chã, já então chamada a *cadeia velha,* porque fôra reformada em 1490.

Em 1606 principiaram as obras da cadeia e Relação á Porta do Olival. Duraram dous annos. N'este espaço de tempo foi prohibido construir casas no Porto, e condemnado o operario, que se esquivasse ao trabalho do magnifico edificio. Para occorrer ás ingentes despezas, foi concedido aos condemnados a degredo remirem a pena a dinheiro.

Cento e quarenta e quatro annos depois, esta obra de dous annos, e de apparencias eternas, alluiu-se. Era n'um sabbado de Alleluia, 1.º de abril de 1752.

A Relação estabeleceu-se na praça das Hortas, onde esteve vinte annos, esperando a reedificação, começada em 1767.

O romance do meu amigo recomeça agora:

—Quando a cadeia abriu o primeiro rombo, entre os presos fugitivos e illesos, fugiu um criminoso de consideração. Era nada menos que o matador de um bispo, cujo nome e bispado ignoro, porque a historia, em respeito á christandade, não transmittiu aos vindouros o nome d'este principe da igreja. O que a tradição diz é que o bispo incerto praticára um crime de horrendo nome na lareira domestica de um fidalgo transmontano, deshonrando-o; e que o fidalgo, com a melhor espada de seus avós, soldados de Christo, o degolára no estrado do leito nupcial, ao tempo que a esposa se lançava da janella á rua, em desesperada fuga.

O defunto bispo era muito do affecto do Sebastião José de Carvalho, rei de Portugal; ao passo que Nuno de Mendonça, o bispicida, era figadal inimigo do dito

rei, como todos os fidalgos esmagados debaixo do omnipotente salto do seu sapato.

Nuno de Mendonça foi condemnado á forca. O dia do supplicio, na povoação de Villariça, estava marcado para o dia 3 de maio; mas a cadeia arrazou-se no 1.º de abril.

O criminoso, ignorante do destino da esposa, por entre selvas e penhascos foi em demanda d'ella, com a mão convulsa no cabo do punhal. Tinham sede de mais sangue aquellas nobillissimas entranhas de rico-homem atraiçoado refecemente! Indagou dos mendigos, que sahiam, ao repontar a manhã, da albergaria de sua casa, e soube que a fidalga estava, desde muito, n'um rigoroso mosteiro.

Fugiu da terra onde nascera antes que o conhecessem, apesar das barbas intonsas e alvas como a neve. E apenas tinha quarenta annos! Dous annos de carcere, dous annos de paroxismos á espera da ultima hora na ignominia da forca, dous annos de ancias de vingança sem desafogo nem esperança, fizeram do galhardo Nuno aquelle velho, que se affasta da Villariça pelas gargantas das serras.

Meu bisavô era mui devoto de S. Gens, venerado n'uma ermida que dista de minha casa tres quartos de legua.

Conta-se que, uma vez, o honrado lavrador amanhecera no cume do outeiro, onde está a ermida, e encontrára, sentado na raiz de um agigantado zambugeiro, á

porta da capella, um homem desconhecido, mal entrajado, e com semblante macerado de fome.

Fez-lhe perguntas com demonstrações de pena, e boa vontade de ser-lhe util. Nuno de Mendonça, quebrado de fraqueza, escassamente respondeu. Meu bisavô levou-o comsigo, agazalhou-o, alimentou-o, e respeitou o silencio do hospede infeliz.

Os avisos derramados pelas comarcas, depois da fuga dos presos, repetiam-se rigorosos. Os signaes de Nuno de Mendonça, como um dos principaes criminosos, eram inequivocos. O lavrador desconfiou do mysterioso silencio do hospede, sem o suspeitar o homicida do libertino mitrado.

Nuno, recuperado o vigor, disse ao hospedeiro que seguia d'alli para Castella. Meu bisavô, tocado de compaixão, observou-lhe que se não arriscasse a ser preso, porque as ordens de captura de todos os viandantes desconhecidos nas comarcas eram apertadas.

O fidalgo susteve-se: comprehendeu a magnanima delicadeza do velho; julgou-o digno de sua confiança, e contou-lhe as desgraças de sua vida. Em paga da confidencia, o lavrador dava-lhe dinheiro que lhe facilitasse a passagem para outros reinos; porém, Nuno de Mendonça sentiu-se desamparado de animo: o temor de recahir nas garras do valido de D. José I, a visão do patibulo, que o chamava para 3 de maio, prostraram-no no catre, que o hospedeiro velho lhe offerecia com a maxima segurança de sua vida.

Nuno esteve um anno e mais em casa de meu bis-

avô. Sahia nas noutes gélidas a beber o ar das serras. O seu posto habitual era na ermida de S. Gens, sobre a raiz do zambugeiro.

Decorrido este largo espaço de um tristissimo viver, o fidalgo pediu ao seu amigo que lhe construisse uma choça entre as fragas visinhas da ermida, para que a vida se lhe não escoasse na estagnação do pequeno quarto, onde passava os dias. O velho não o contrariou. Fez-lhe por sua mão, e com os seus criados, uma casinha de pedra, coberta de colmo, e argamassada no interior. Deu-lhe um catre e um banco; uma panella, e um podão para cortar lenha. Dava-lhe uma arma caçadeira, e uma cadella de coelhos; Nuno dispensou estes ultimos dons, e pediu uma tunica de estamenha e um rosario.

Devemos suppor que a solidão, povoada de horriveis phantasmas, em que o fidalgo viveu, lhe acrisolou a piedade, e o afervorou em crenças na justiça divina. Póde ser que a larva do bispo ensanguentado lhe perturbasse as breves horas do repouso; e o desgraçado, enfraquecida a razão pelos incessantes rebates do infortunio, e terror da forca, se convertesse ás demazias da religiosidade.

O certo é que Nuno de Mendonça vestiu a estamenha, e sentou-se na testada da choça á espera que a pomba dos antigos anachoretas lhe deixasse cahir da região aeria o cibo nutriente.

Meu bisavô, porém, antecipava-se, todos os dias, aos cuidados da pomba, mandando-lhe alimentos para o

jantar, e indo pessoalmente á noutinha levar-lhe a ceia, e passar com elle algumas horas. O povo das visinhanças descobriu a existencia do homem das barbas brancas, e denominou-o logo o ermitão de S. Gens. Começaram a ir procural-o pessoas que soffriam da alma e do corpo. Aos infelizes contava elle a historia dos desgraçados, que conhecera, e despedia-os consolados; aos doentes applicava-lhes o conselho de pedirem a Deus que os curasse, se a vontade divina lhes não concedia a vida para grandes tribulações. Este proceder, que, na mente popular, devia ser o descredito de qualquer ermitão, grangeou o renome de Nuno de Mendonça. Pessoas distinctas das cercanias quizeram conhecer o homem, que fallava a linguagem, que o povo nem sempre entende, mas sempre admira. Meu bisavô teve medo d'esta popularidade, bem que houvessem volvidos tres annos, depois da fuga da cadeia arrazada. Pediu-lhe, portanto, que se esquivasse a práticas com o povo, ou mudasse de terra.

Felizmente que as justiças das provincias se haviam relaxado na pesquiza dos presos, depois do terramoto de 1755. As providencias do marquez de Pombal todas eram absorvidas na reedificação de Lisboa. Nuno de Mendonça, o ermitão de S. Gens, confiado no descuido dos quadrilheiros, deixou a choça, e foi caminho de sua terra, na intenção de arranjar dinheiro para passar-se a França, e acabar os seus dias n'um mosteiro.

XIV

Tomando o fio da historia do ermitão, continuou assim o meu amigo:

—Nuno de Mendonça encontrou as armas de sua casa cobertas de crepe. A esposa tinha fallecido, mezes antes, n'um mosteiro de Galliza, tão compungida de suas culpas, que edificou mais com sua morte do que poderiam fazel-o tres senhoras de vida santa. A contricção do crime é a mais expressiva e tocante homenagem ás consciencias puras. Os remorsos da vida peccaminosa valem mais como exemplo que a serena prática das virtudes. A gente repara mais nas lagrimas da penitencia que nas alegrias da alma innocente... Parece que te enfadam estas maximas!...

—Não: eu gósto muito de maximas;—respondi—porém, quando as narrativas me interessam a curiosidade, antes quero ouvir as maximas no fim da historia. No emtanto, se...

—Pois sim: eu vou direito ao ponto, visto que não é licito imitar-te na manha com que tu, nos teus romances, insartas axiomas, quando a imaginação te emperra.

—Agradecido... Não se póde ser Laroche-foucauld sem ter-se a phantasia pêrra!... Tu e os leitores da tua laia é que afogam os embriões dos escriptores aphorismaticos em Portugal. Pois sabe tu que a eternidade

de muitos livros é o estylo sentencioso que lh'a dá. Os romances vão a pique, ás vinte e quatro horas de navegação, porque não levam lastro de sentenças. Entre nós, ha um exemplo da duração de um renome, devido á gravidade das maximas: são os romances do conselheiro Rodrigues de Bastos. E', todavia, necessario que o escriptor seja maior de oitenta annos para que os leitores lhe relevem o tom pedagogico dos axiomas...

—Agora, o estafador da paciencia estás sendo tu—atalhou Antonio Joaquim.—Afogando, com o devido respeito, os teus embriões aphorismaticos, direi que Nuno de Mendonça encontrou as portas de sua casa fechadas. Como não havia descendencia, fallecida a reclusa penitente, os servos da infeliz familia foram entregar as chaves aos irmãos de seu amo, que residiam em Bragança.

Nuno, desconhecido na sua propria terra, colheu informações, e foi caminho de Bragança. Pelo alto silencio da noute, bateu á porta dos seus, deu-se a conhecer, e achou-se nos braços de Christovão de Mendonça, seu irmão, padre da Companhia, o qual havia sahido de Lisboa, da casa professa de S. Roque, para urdir com os jesuitas do Porto não sei que redes contra o conde de Oeiras. A resguardo de criados, celebraram os irmãos com jubilos e lagrimas o apparecimento de Nuno, que julgavam morto, ou vagabundo por paizes remotos. O jesuita, que trouxera por companheiro o padre Thimotheo de Oliveira, mais tarde desterrado pelo marquez de Pombal,—como amigo do padre Malagrida, que mor-

reu queimado por ordem do mesmo sublime despota— o jesuita, digo, entendeu-se com o seu companheiro; e, no dia seguinte, vestiram uma roupeta a Nuno de Mendonça, compozeram-lhe a cara monasticamente, e sahiram de noute, montados em possantes mulas, com destino a Lisboa.

O condemnado á forca entrou com seu irmão na casa de S. Roque, onde esteve até 1759, com um pseudonimo para as pessoas suspeitas á Companhia. Nuno de Mendonça inscreveu-se na conjuração contra o rei D. José. O duque de Aveiro, cabeça dos conjurados, presava-o muito, e tinha-o em sua mais intima confidencia, posto que resistisse ao alvitre do conjurado, que se offereceu para expurgar a nação portugueza do dragão purpurado. Escuso dizer-te que o dragão vinha a ser, em linguagem heraldica, o marquez de Pombal.

Os romancistas de casa e de fóra, quando vestem phantasticamente a regicida tentativa de 1759, aventam que os ciumes do conde de Athouguia respiraram pelos bacamartes disparados contra a carruagem do rei. Estou auctorisado por meu bisavô, que só ouvi nas palavras evangelicas de meu avô e de meu pai, a declarar a ti e á historia que a honra marital do conde de Athouguia não foi levemente inquinada por D. José I. A razão ou sem-razão da tentativa regicida está de sobra explicada no rancor da conculcada nobreza ao valido do rei. A Companhia de Jesus bandeou-se com a nobreza, porque o marquez a molestou, com mais arbitrio que justiça, na influencia que ella exercitava nas colonias. O

clero, revestido da suprema grandeza pela inhabilidade e tardia devoção do rei D. João V, estranhou as cohibições e reprimendas do reinado successor. O marquez tinha por si o braço do povo, e o braço propriamente seu, que era, digamol-o sem estranheza, braço para suster mais formidavel Atlas, carregado com o peso das iras do clero e da nobreza.

Tu sabes e sabe toda a gente o mallôgro da tentativa, e a justiça barbara que soffreram os fidalgos no terreiro de Belem, e os jesuitas complicados, uns no desterro, outros nas masmorras, e aquelle pobre do Malagrida na fogueira.

Um dos conjurados, que desfechou contra a carruagem do rei, foi Nuno de Mendonça. Os outros nunca elle os declarou; mas havemos de suppor que um familiar do duque de Aveiro, por nome Polycarpo das Neves,—presumo que era este o nome e appellido—foi o segundo que disparou infaustamente.

O que eu sei é que fugiram juntos; e com tão incrivel felicidade, que vieram dar ao Minho a casa de meu bisavô.

Nuno de Mendonça foi habitar a choça desamparada nas visinhanças da capella de S. Gens. Polycarpo entrajou-se de trabalhador nos campos, e foi cavar entre outros obreiros nas terras de minha casa. Passarem ao estrangeiro era-lhes impossivel. Todos os dias eram presos nas fronteiras os viandantes menos suspeitos. A cabeça de Polycarpo estava a preço de quatro mil cruzados: pela cabeça de Nuno de Mendonça ninguem dava

nada. Este nome tinha morrido na memoria de homens. O marquez de Pombal, depois de devassar na casa jesuita de S. Roque, apenas soubera que desapparecera um familiar chamado Nolasco. Este Nolasco deu noutes de febril insomnia á omnipotente cabeça do valido.

Entretanto, o fidalgo da Villariça, devorando-se de odio e ancias afflictivas no seu ascetico antro de S. Gens, attrahiu novamente o povo das freguezias subjacentes á montanha. Dizia-se que elle havia chegado da terra santa, e de Roma, onde beijára a mão de Clemente XIV, e talvez se gosou da sua antecipada canonisação pela bocca do dispensador das coroas immarcessiveis da gloria eterna.

Polycarpo sahia de noute com meu bisavô ao tôpo da serra, e contavam ao ermitão as noticias chegadas da capital.

Uma noute, lhe levaram a nova do supplicio do duque de Aveiro.

—E a duqueza?—perguntou Nuno.

—Foi tambem degolada.

—Pobre santa!—exclamou o fidalgo—Morreu innocentissima!... Eu nunca ousei na sua presença fallar contra o rei!

E rompeu em altos gritos, pedindo á misericordia divina que lhe aligeirasse a demorada agonia de sua vida.

Eu não sei se a fronte do Senhor se inclinou clemente á prece do homicida, que mandára um bispo á região onde ha o estridor de dentes, e quizera mandar provavelmente um rei á mesma região. O certo é que Nuno de

Mendonça, poucos dias depois do supplicio dos seus conjurados, morreu nos braços de um clerigo da minha aldeia, com odor de santidade não ouso asseverar-t'o; consta-me, porém, que se finou com o mau cheiro de todos os defuntos, cujo coração e mais entranhas se esphacellaram, corroidas pelas herpes, durante dez annos de desgraça sem intercadencia.

Aqui tens a historia do ermitão. Queres agora saber que fim teve Polycarpo das Neves, o ecónomo da casa dos Mascarenhas. Julgavam-no filho natural de um fidalgo da casa de Aveiro, onde se educára e ganhára illimitada confiança. Estava a enriquecer-se, quando se deu a catastrophe: esperava, abatido o marquez de Pombal, arredondar bens de fortuna que o elevassem ás grandezas do seu nascimento, reconhecido irmão do duque.

Todos os seus haveres foram confiscados: não tinha onde cahir morto; mas o que mais o molestava era não ter onde cahir vivo sem medo que algum curioso, por escassez de recursos, lhe tirasse a cabeça para avender pelos quatro mil cruzados offerecidos.

Meu bisavô conhecia nos Padrões da Teixeira, perto de Mezão-frio, um seu antigo criado, que alli abrira taverna. Foi ter-se com o homem, e comprou-lhe o estabelecimento, com a condição de arranjal-o em local mais lucrativo do Minho. Polycarpo das Neves senhoreou-se da taverna dos Padrões da Teixeira, e ampliou-a, construindo uma alpendrada para recolher as arreatas dos almocreves. Passados annos, casou, tendo elle quarenta

de idade, com uma rapariga de uma aldeia do Marão. Teve um filho, que assistiu á morte do pai, e, só na derradeira hora, soube do moribundo qual era do seu nome, e como viera parar áquellas serranias. Divulgou-se a noticia, quando o filho e viuva já não tinham que temer a acção da justiça. O marquez de Pombal e D. José I já se haviam combinado, na presença de Deus, em perdoar a Polycarpo das Neves.

Eu conheço dous netos d'este homem de ferro, que trabalhou quarenta annos para deixar um filho abastado. Um d'elles abracei eu hontem em Villa Real, onde é delegado do procurador regio, um valente, e gentil, e pundonoroso rapaz, que tu havias de conhecer, ha doze annos, no Porto, com uns formosos olhos azues, e um espesso bigode louro: chama-se elle Valentim de Mascarenhas.

—Conheço: tambem hontem o abracei—disse eu.—Sou-lhe immensamente grato, porque fez o favor de me não prender...

—Pois tu estás em risco de ser preso?—interrompeu-me Antonio Joaquim grandemente espantado.

—Estou em risco de ser preso... palavra de honra!

—Porquê? qual crime é o teu?

—Regicidio! Se ainda existe a choça de Nuno de Mendonça, permitte que eu me faça ermitão de S. Gens, tirando a partido que tu serás a pomba alimentadora d'este anachoreta, que te beija desde já as candidas azas.

E, dizendo, beijei o segundo cabeção do capote de Antonio Joaquim, e apeamos na estalagem de Penafiel.

XV

Estavamos jantando e admirando a rijeza e elasterio da fibra das gallinhas de Penafiel, quando entrou á saia um sujeito, que abraçou Antonio Joaquim arrebatadamente. O meu amigo apresentou-me ao snr. Miguel de Barros, pessoa de trinta e poucos annos mais, galhardo typo de fidalgo provinciano. Conversamos a respeito de creanças, porque Miguel de Barros não fallava senão em meninos, com a effusão de um philantropo inaugurador de creches, ou com a ternura de um pai inclinado aos cincoenta annos. De feito, o nosso commensal era pai, e dava ares de estremecer como estremecem as mães seus filhos. Findo o jantar, separamo-nos. Miguel ia para Rezende, sua terra, e nós embarcamos na liteira, cuja commodidade já me ia parecendo uma cousa problematica, depois de quinze horas de trajecto na superficie escabrosa do globo.

—Este Miguel de Barros,—disse eu a Antonio Joaquim—se não tivesse meninos, havia de conversar agradavelmente na cultura da abobora e do feijão frade...

—Cala-te ahi, selvagem!—atalhou o meu amigo— Se tu soubesses que as creancinhas foram os archanjos redemptores da alma e coração derrancados d'este homem!...

—Então é cousa de historia o amor do teu amigo aos meninos?

— E', e verás. Miguel de Barros foi o homem que eu conheci mais precoce em desmoralisar-se. Aos vinte annos, dispunha de sua plena liberdade, de seus instinctos maus, e de muito dinheiro, que elle escondera da vigilancia do tutor, quando lhe morreu a mãi. Foi para Lisboa lapidar o brilhante bruto da sua bruta educação, e veio de lá aos vinte e quatro annos, assim que o dinheiro se lhe acabou, e o conselho de familia lhe restringiu as pensões.

Sem Deus, sem lei, sem minima ideia de deveres, agora entrego á tua imaginação, e conjectura tu o que faria um rapaz de insinuante aspecto, lustrado com o polimento dos salões da capital, bem fallante, affeminado quanto convinha nas frivolidades gratas ás damas de todo o mundo, e nomeadamente ás damas da terra d'elle. Lido em historias de amores aventurosos, tomou para modêlo de sua alegre juventude os personagens mais sympathicos, e quiz, á força de poesia, intercalada de prosa, inflorar as suas patricias, fazendo-as tambem personagens, chamando Elviras umas, Ophellias outras, outras, Desdemonas, Virginias algumas, e pelos modos achou de tudo, ou tudo compoz com a sua prosa e poesia.

Este lavor de composição difficil nas condições que se acha o progresso moroso das nossas provincias, custou-lhe alguns dissabores na sua terra. Cá por fóra, n'estes sertões, ha paes de familias que não deram fé ainda do clarão que se fez no mundo, e duvidam obtemperar aos evangelisadores da ideia nova. Ha ahi retrógrado que te quebrará a cabeça, se tu fizeres saber á familia

d'elle que o mundo agora marcha mais depressa que no seculo passado. Não sei quantos retrógrados d'esta ralé topou Miguel de Barros. O que está além da menor duvida é que o rapaz, vezado em todas as artes e manhas da boa sociedade, soffreu o commum fadario de todos os adiantados da civilisação: foi martyr: partiram-lhe a cabeça mais de uma vez, e obrigaram-no a mudar de terra.

Tem Miguel de Barros uma quinta em Santo Thyrso. Ahi nos conhecemos ha dez annos.

O moço, a despeito das cicatrizes da cabeça, não pôde arrancar do seio a vibora da poesia que o andava ferretoando na entranha mais nobre, sem offensa da outra, á qual presta homenagem o coração, desde que alvorece a aurora do juizo. Não mudou de vida: achou-se em novo terreno, e quiz experimentar a cultivação das suas flores d'alma. Abriu os diques á enchente extravasante da sua poesia, levou alguns corações na torrente, e elle propriamente se ia afogando n'ella. Não sei se Miguel ganhou medo da estatua de algum commendador, arremedo do pai da Ignez de D. João. Desconfio que não foi bem uma estatua: algumas razões tenho para conjecturar que um lavrador o ameaçou de lhe abrir a sepultura no quinteiro, onde o surprehendera, uma tarde, recebendo um raminho de manjaricão e alfazema da mão nada mimosa de uma rapariguinha mais que muito innocente e captiva dos requebros do fidalgo. Se assim foi, está explicada a mudança de Miguel de Barros para Braga.

Esqueci-me de instaurar em Braga a alçada das minhas averiguações: todas as hypotheses, porém, me induzem a crer que Miguel de Barros não fez por lá cousas que desmentissem os seus precedentes. Braga é um clima doce, uma natureza opulenta, um retalho de paraizo, um ninho de verdura para se amarem as aves, que teem alli uma primavera eterna.

Não obstante, como em toda a parte ha milhafres, que não deixam amarem-se socegadamente as arvéolas e os cochichos, Miguel de Barros desferiu as azas para outras regiões.

Foi dar ao Porto com o seu coração alanceado das injustiças da humanidade, e especialmente das injustiças dos paes de familias. No Porto não se deu bem. Achou que a terra, sobre não ter poesia, tinha uns nevoeiros nocivos á saude do seu apparelho respiratorio. Quer fosse isto, quer fosse não o comprehenderem as estrellas que elle apostrophava em linguagem symbolica, o certo é que, ao cabo de vagamundear dous annos entre o Marco de Canavezes, e Santo Thyrso, e Braga, deliberou voltar ao ponto de partida, e tomar conta de sua casa, e do juizo necessario para viver com a cabeça inteira.

O juizo, objecto em que toda a gente falla como cousa de facil conseguimento, não vem assim depressa, e a proposito das nossas resoluções. Eu tenho pena de todos os doudos, d'aquelles doudos até que o não são por voto das sciencias medicas. Ainda não conheci um extravagante que voluntariamente o seja, e conheço de-

zenas de doudos, que se lastimam sinceramente de não poderem caminhar na estrada lisa, onde me encontram.

Miguel de Barros sahira mal-sorteado do universal repositorio do juizo, se é que ha um lugar onde a humanidade recebe a faisca intellectiva, vulgar e indevidamente chamada *senso commum*, a cousa menos commum d'este mundo. Estava elle em sua casa fazendo e refazendo titulos de arrendamentos das quintas, gizando obras, planeando reconstrucções, e cogitando até nas vantagens do casamento, como base inconcussa de um solido juizo. N'estes pensamentos honestissimos, surprehendeu-o a apparição de uma moça campezina, graciosa como as andorinhas, e innocente como as flores, com que ella se toucava, ás escondidas da gente, sumida nas ramagens das selvas.

Entro agora na segunda parte da historia de Miguel de Barros.

A moça, que o surprehendera, tinha tão lindos olhos, que nem os abysmos ousavam mostrar-se-lhes em sua fealdade.

Amou-o ella, como a flor ama o raio do sol que ha-de abrazal-a, e fenecel-a.

Disseram-lhe que fugisse ao condão fatidico d'aquelle homem, que havia de ir á presença do Senhor na torrente de lagrimas, que elle fizera chorar. A moça ouvia triste o que lhe diziam, e parecia responder com o silencio: «Eu não quero que as minhas lagrimas entrem na torrente que hão-de leval-o á presença do Senhor.»

Angelica—é assim que ella se chama—estava um

dia com uma creancinha nos braços. Esta creancinha nascera duas horas antes. Era d'ella. As lagrimas da mãi cobriam-lhe a face.

—Não posso deixal-a ir, meu Deus!—exclamava ella —Antes a vergonha! antes tudo, que deixal-a ir!... Se elle visse éste menino tão lindo!... Se alguem lh'o mostrasse, elle não o deixava ir para a roda!

A' beira de Angelica estavam duas mulheres: uma, com a face escondida no regaço, soluçava: era a avó do menino, que ella tivera nos braços, e não queria mais ver. A outra era uma visinha piedosa, que havia de levar o recem-nascido á roda.

Foi esta quem respondeu ás exclamações de Angelica:

—Se tu queres, rapariga, o menino levo-lh'o eu ao fidalgo.

—Leve!—clamou a mãi, entregando-lh'o, depois que lhe enxugou o rosto.

Ao nascer do sol, Miguel de Barros abria o gradeamento da matilha dos cães para ir á caça com outros mancebos das circumvisinhanças.

Os cães latiam ruidosamente no souto contiguo á casa, e arremettiam contra uma mulher, que gritava.

Miguel assobiou á canzoada, e perguntou á mulher o que fazia alli.

—Esperava v. exc.ª—disse ella.

—Que quer você?—peguntou Miguel.

—Uma palavra em particular.

—Que traz ahi?

Esta pergunta era já um toque do anginho, que lhe

fallava d'entre as mantilhas de alvissimo linho em que a mãi o envolvera.

—E' o seu menino.

—O quê?!

—Esta florinha do céu! Ora veja, fidalgo, veja como é lindo!

Miguel fitou os olhos na creança adormecida e tocou-lhe com o dedo indicador na face esquerda.

N'este relanço, chegaram os companheiros com as suas matilhas, conclamando:

—Vamos, que os cães estrinçam-se uns aos outros.

Miguel não desfitava os olhos do menino.

—Para onde vai d'aqui?—perguntou elle á mulher.

—Vou leval-o á roda! esta creaturinha tão bonita... Ora veja v. exc.ª quem terá coração de a não querer? Se eu não fosse tão pobre, ficava com elle... E, ainda assim pobre, se Deus me ajudasse, eu, ainda que pedisse esmola, bem o queria para mim... Pois ha quem possa engeitar um menino assim!... A mãi lá ficou a chorar, que é uma dôr de alma ouvil-a!...

—Leve o filho á mãi—disse Miguel de Barros, e acrescentou:—Lá vou já.

E, voltando-se aos amigos, que o esperavam, disse:

—Vão indo, e não esperem por mim.

Depois... que quadros bellos resaltam ás vezes do seio mesmo do infortunio!

Quanto daria eu para ver Miguel de Barros, vinte e quatro horas depois, ao lado de uma cadeira estofada, em que Angelica era transportada da sua pobre casa

para a melhor alcova da casa do fidalgo! E vel-o a elle chorar porque a creancinha, ao quarto dia de vida, amanheceu pallida mortalmente, porque sua mãi não pudéra alimental-o durante a noute!... O ancioso estremecimento com que elle proprio se foi em demanda de uma ama, que lhe aleitasse o filho!... Vel-o passear de noute nos salões para adormental-o nos braços!... O tremor melindroso com que o pai o aconchegava, receiando que o menino lhe escorregasse por entre as mãos!...

Queres agora saber o ultimo lance d'este magnifico espectaculo?

E' Miguel de Barros, seis mezes depois, casar com a formosa mãi de seu filho, e presal-a, pelo tempo adiante, com um tamanho coração, que, a meu ver, são as mãos do anginho que lh'o estão enchendo sempre de ternura.

Isto foi ha oito annos.

Miguel de Barros tem hoje seis filhos. E' um pai, que me faz inveja a mim, sendo eu tão amante das minhas creancinhas. Como queres tu que elle falle n'outro assumpto? Os meninos são os archanjos do seu resgate, e não lhe dão tempo a sentir o travor do tedio da vida.

XVI

—Conta-me agora tu uma historia—disse Antonio Joaquim.

—Eu costumo vendel-as—respondi com o grave e

sisudo desinteresse da arte.—Contava-te um conto bonito, se me désses este brilhante, que me vai cegando como o resplendor de Jehovah ao povo escolhido.

—Esta pedra—observou o meu amigo, mostrando-me o annel—tambem tem historia. Pertenceu aos brilhantes de minha prima Adrianna.

—Ouçamos, portanto, a historia dos brilhantes de tua prima Adrianna.

—E' sentimental!... Regosija-te! Minha prima nasceu no Porto. Ficou orphã aos dez annos, e quasi pobre. Os brilhantes de sua mãi, e pouco mais, que pôde salvar-se na honrada fallencia do pai, foi o que lhe deram, quando ella, aos dezeseis annos, sahiu do Recolhimento de S. Lazaro para casar-se com um velho, antigo socio de sua casa. Disseram-lhe que era a suprema demonstração de juizo casar com o socio de seu pai, porque era velho, e porque era rico: como velho, amal-a-ia como os novos já não amam; como rico, deixal-a-ia rica e nova para depois poder escolher marido. Adrianna, ouvidas estas razões de senhoras idosas e experimentadas, soffocou as do coração, e deu-se ao amor e á riqueza do velho, com a tacita condicional de desejar incessantemente que elle morresse para casar com o novo. A sociedade desculpa esta desmoralisação.

O marido ultrapassou as promessas de um amor infinito. Amava-a até á ferocidade de um molosso que espia a caverna, onde se lhe escondeu a corça. Ninguem lh'a via: expediente unico de sua invenção para que ella não visse ninguem. Não a levava ao theatro nacio-

nal, porque as comedias eram attentatorias dos sãos costumes. Não a levava a bailes, por que era feia descompostura a da senhora casada, que se entregava ás furias acrobaticas de um saltarilho. Se não houvesse missa de alva, o marido seria capaz de renegar a religião de seus paes para não levar a esposa á missa. Minha pobre prima, ao romper da manhã dos dias santificados, embiocava-se na mantilha, e seguia o marido, que, ainda assim, a espionava do alto da gola do capote em que embarricava a cara. Se elle via na igreja do Carmo, duas vezes, um mesmo homem, no domingo seguinte mudava para a Trindade, e d'aqui por motivo identico, para S. Nicolau, embora os sujeitos suspeitosos estivessem em devoto extase diante dos altares, e a luz do templo não permittisse taes madrugadas de amor a corações mundanos.

Adrianna era uma ingenua e excellente menina. A paciencia, com que ella recebeu este sequestro dos minimos prazeres da vida, santifical-a-ia, se uma companheira de Recolhimento, auspiciosamente casada com um discreto marido, a não incitasse á rebellião contra a tyrannia marital. Raras vezes se fallavam; mas correspondiam-se semanalmente. E' bem de ver que minha prima contrabandeava esta correspondencia nas barreiras conjugaes, desde que o previsto esposo lhe observou que não gostava de taes cartinhas, bem que as primeiras fossem innocentissimas. Depois da prohibição, Adrianna desafogou-se em queixumes á sua amiga; referiu pelo miudo a desconsolação das suas arrastadas

horas; o supplicio da sua soledade e orphandade de coração; a inveja que lhe faziam as suas criadas propriamente; o desejo qne tinha de morrer... Palavra, porém, denunciadora de quebra da dignidade, nem uma só escreveu minha prima, posto que a sua amiga se não esquivasse a derramar-lhe uma luz infernal no coração em trevas.

Francisco Elisiario, que assim se chamava o marido de Adrianna, não estudára o sexo feminino, como costumam estudal-o uns certos sabios, que se enganam todos os dias, e apenas ganham dos seus estudos saberem que são enganados, como outros que nunca estudaram materia tão incomprehensivel. O melhor mestre, em sciencia tão abstracta, é o amor. Amor do tamanho e da esperteza d'esse, que Francisco Elisiario encofrava nos seios d'alma, poderás tu adjudical-o aos heroes e aos poetas; mas eu, na pequena área das minhas relações com a humanidade, apenas conheci amores enormes e duradouros nos Elisiarios. As paixões dos heroes, celebradas pelos seculos, chamem-se elles Petrarchas ou Camões, ficam esculpturadas em medalhões, pendurados nos frontaes da historia; porém, a critica, se, uma bella manhã, acorda sincera e justa, reduz a proporções humanas os corações dos semi-deuses, e demonstra-nos, em face das confissões dos proprios heroes, que Petrarcha, sem embargo de chorar em sonetos uma Laura, senhora de são juizo, e sem embargo tambem das ordens sacras, deixou numerosos filhos, e acabou a vida alegremente entre elles. Luiz de Camões, que bons

authores fazem morrer de saudade de Catharina e de compaixão do ninho seu paterno, não morreu d'isso, nem de miseria, como outros dizem: morreu de enfermidade, cachexia talvez, antecipada pelos desregramentos da vida no oriente. Em quanto á celebridade dos seus infaustos amores com a formosa dama da rainha, meu amigo, deves saber que são muitas as damas incensadas nos seus sonetos, e tão baixos alguns dos seus amores, que elle mesmo se confessa envergonhado de ter amado uma negra. Aqui tens o que são as paixões dos grandes poetas que hão-de avassallar o espanto das gerações por essa eternidade fóra... Eu creio geralmente no amor dos Franciscos Elisiarios, e com particularidade no amor do marido de minha prima. Não creio na solidez de nenhum outro amor, nem na perspicacia dos que estudam as mulheres, e cuidam que ha uma orthopedia com que os aleijões da alma se endireitam.

Francisco Elisiario adivinhou que Adrianna prestava attento ouvido aos induzimentos de algum demonio de má natureza. Poz-se de atalaia, e surprehendeu uma criada com uma carta. Quiz arrancar-lh'a do seio a ferro frio, visto que a honestidade de seus costumes lhe não consentia appossar-se d'ella a mão desarmada, em local de tamanho melindre e intangivel pudicicia. A criada, tremente de horror, entregou a carta, que, pouco mais ou menos, rezava assim:

«...Estive hontem no theatro lyrico. Que deliciosa musica a do «Trovador», minha querida Adrianna!...

Lembraste-me sempre: foste o meu pensamento triste n'aquellas horas alegres! Tu, tão nova e tão linda, ahi fechada, a ouvir resonar o monstro!... Que vida a tua! que mocidade sacrificada ao ouro amaldiçoado e pesado como a tampa de uma sepultura!... E o que é, sobretudo, atroz é teu marido ter uma saude, que afflige a gente! Estás casada ha tres annos, e não me disseste uma só vez que teu marido estivesse pallido!... Morrem os anjos, padecem os homens de bom coração, como meu esposo, e esse laparoto vive no goso da mais boçal saude!...» etc.

Eliziario foi â beira da mulher com esta carta, e ululou por largo espaço. Adrianna redarguiu-lhe, quando a paciencia a desamparou, e elle, allucinado pela ameaça da separação, chegou a levantar uma cadeira para derrubar o aprumo da mulher.

No dia seguinte, minha prima fugiu para casa da sua amiga, e de lá escreveu a minha mãi, pedindo-lhe que a levasse para si, até arranjar convento onde acolher-se.

Foi minha mãi ao Porto, e conduziu Adrianna para casa, com a clausula de se não deter muitos dias fóra do convento, para que as linguas más lhe não empeçonhassem a acção da fuga.

Francisco Elisiario, no emtanto, empregou alguns meios judiciarios para reconduzir a mulher; mas, Adrianna, protegida pelo esposo da sua amiga, achou traças de sophismar a lei protectora dos maridos.

Poucos dias se demorou comnosco minha prima. Houve-se com austeridade minha mãi, recusando-se a dar

asylo permanente á uma senhora casada, que ia intentar uma acção mal fundamentada de divorcio, contra a vontade do marido.

Elisiario havia dotado a mulher com trinta contos de réis. Adrianna, além de meios bastantes á sua decente sustentação n'um convento, pedia as suas joias, avaliadas em quatro mil cruzados, e mais nada pedia.

Estava Adrianna recolhida em Vairão. Vivia mais satisfeita. Tinha por si a pureza da consciencia. Ninguem a visitava que incutisse suspeitas. De quinze em quinze dias, iamos vel-a minha mãi, minha mulher, e eu. Porém, o marido, dementado pela ira, em que degenerára o amor, allegava que sua mulher lhe fugira para desatar os vinculos sagrados, que acceitára no altar. Esta phrase, que tem por si os calorosos applausos da moral publica, era estylo de jurisconsulto; que Francisco Elisiario não era homem de phrases, nem defenderia a these da santidade dos vinculos conjugaes. E', todavia, certo que o ciume lhe queimava as entranhas, o figado especialmente, viscera que elle trouxera doente das regiões africanas. O homem concebeu a lerda suspeita de que era eu o concorrente ao coração de Adrianna, pobre menina, que apenas sentia coração na enchente de lagrimas, que lhe extravasava ás faces esmaiadas.

Um dia, apparece em minha casa um homem redondo e escarlate, com dous olhos coruscantes, e uma capa de borracha. Era Francisco Elisiario, que vinha pedir a minha mãi contas de sua esposa. A pasmada senhora, quando viu, pela primeira vez, o marido de sua sobri-

nha, comprehendeu a flagellação da infeliz Adrianna, em tres annos de conformidade, e pavor de uma creatura tão desusada! Não obstante, como elle, em linguagem humana, dizia que queria sua mulher, minha mãi ordenou-me que acompanhasse eu a Vairão o snr. Elisiario, e o fizesse escutar por minha prima.

Consegui que Adrianna o escutasse. Consta-me que Elisiario, assim que entrou os penetraes da grade, como quizesse ajoelhar-se ante a pallida e formosa esposa, ficou de cocoras, em consequencia de não poder com o gravame do figado e do baço e das entranhas circumjacentes. Esta postura, toda natural, e não imitada dos galãs theatraes, commoveu Adrianna, que o mandou erguer-se em tom de mavioso compadecimento. Expoz Elisiario as suas angustias, e rematou pedindo á esposa que voltasse a tomar conta do governo da casa, que andava á matroca.

Esta palavra «matroca» destoou nos ouvidos de Adrianna. Doeu-se ella de se ver meramente necessaria para a governação da casa.

—Sente a falta de uma criada, não é assim?—perguntou a esposa—Não lhe faltará quem administre a sua casa com mais zelo. O que eu lhe peço, snr. Elisiario, é as joias que eram de minha santa mãi. Se entende que o sustentar-me é esmola, dispenso-o d'esse encargo: os meus parentes me darão as sobras da sua meza.

O marido desandou do tom supplicativo para o da insolencia. Declarou que não dava nada á esposa infiel que o não amava. O epitheto *infiel* exacerbou a chaga

e o rancor. Elisiario, provocado a explicar a significação da palavra, respondeu que a esposa, que consentia chamarem-lhe monstro ao marido, era mais que perfida. Esta razão, que me não parece de todo tola, foi a derradeira que minha prima lhe ouviu. Ergueu-se ella então fumegante de pundonor, e sahiu da grade.

Francisco Elisiario sahiu ao terreiro do convento, e disse-me:

—Muito bem!

—Conciliaram-se?—perguntei eu com sincero interesse.

—Não, senhor... Tomou conta d'ella o diabo; mas o senhor, se cuida que a minha fortuna lhe ha-de ir ás mãos d'ella, está enganado... nem ás suas...—ajuntou elle, comprimindo entre os punhos as proeminencias adiposas do abdomen.

Eu fitei-o com assombro, por me não parecer cousa facil enforcar aquelle homem sem um patibulo *ad hoc,* um patibulo especial para a estrangulação d'aquelle espheroide.

XVII

Antonio Joaquim atou assim o fio do conto:

—Francisco Elisiario cavalgou, sacudiu as pernas contra os ilhaes expiatorios do macho, e foi em direitura ao Porto. Voltei ao palratorio para expandir o meu es-

panto, e encontrei minha prima medianamente consternada, e melhor disposta a gracejar do meu resentimento que a lastimar-se dos offensivos ciumes do esposo. Referiu-me o essencial do dialogo com elle, e concluiu encarregando-me de recommendar a minha mãi que não se affligisse com o receio de tel-a ás súas sopas; que ella, acostumada ao trabalho e á paciencia, se alimentaria com recursos proprios, independente de favores constrangidos. Adrianna, como vês, levára a mal que minha mãi lhe remettesse a Vairão o esposo, e uma carta de religiosas admoestações em ordem a concilial-os.

Fui d'alli para casa, grandemente commovido do infortunio de minha prima, bem que ella o dissimulasse com o falso sorriso da pobreza honesta. Pobre rapariga! nem a felicidade do coração, que é a moeda verdadeira fabricada pelos anjos; nem a felicidade da cabeça, que é a moeda falsa fabricada pelos homens! Ver-se ella assim, tão moça, e tão bem sorteada de graças, sequestrada ao mundo, com encantadoras reminiscencias d'elle, e esperanças de achar o que o mundo não tivera para ella: uma alma, que parece ser cousa tão facil de encontrar quanto é averiguado e certo que ha pessoas que teem duas almas, tres, e mais, á sua disposição! Adrianna reclusa n'um convento, n'um sepulcro, povoado de mumias movediças, monjas que já haviam mandado para o céo os espiritos, e se haviam cá ficado em corpo a expurgar na pobreza algumas venialidades que não tinham que ver com as almas! Como havia de gastar a vida n'aquelle devorar-se continuado a mulher de vinte annos,

incapaz de pedir á sociedade um lugar no banquete das suas alegrias faceis, talvez criminosas, mas exemplificadas por muitas mulheres sem desculpa!

Fiz estas e outras reflexões a minha mãi, que chorou copiosamente, promettendo ir buscar Adrianna ao convento, e despresar a maledicencia do mundo, appellando do juizo falso dos homens para o tribunal divino. Porém, antes d'este expediente louvavel, foi ella mesma a Vairão, no intento de reduzir a sobrinha a sacrificar alguns annos de sua mocidade a uma velhice repousada. Pediu-lhe que escrevesse ao marido em termos brandos, convidando-o á reconciliação, e tirando a partido que elle a não teria encerrada como esposa indigna de confiança.

Adrianna obedeceu: é que já tinha obedecido á razão que lhe fallava pela fechadura do cofre de Francisco Elisiario. Desculpemol-a, desculpem-na as mulheres, que teem mais poesia no seio que todos os sonetos de Petrarcha; desculpem-na estas virgens de olhos humidos, que passam á beira dos esterquilinios d'este mundo, e por milagre não cahem, levando os olhos postos no azul do firmamento! Desculpem-na, finalmente, as almas experimentadas que sabem o que é a razão a fallar pela fechadura de um cofre cujas entranhas são cem contos, embora sobre o cofre esteja sentado; como sobre a pipa, um Sileno, que, ao rir-se do mundo, rasga de orelha a orelha uma bocca, semelhante á do inferno, absorvente de todas as intenções generosas, de toda a poesia dou-

rada, de todas as louras e angelicas visualidades do melhor coração!

— Está desculpada! — atalhei eu — Declaro-te em nome do globo, que tem a honra de nos possuir, que está desculpada tua prima. Escreveu ella, portanto, ao marido...

— Escreveu. Acompanhei ao Porto minha mãi que foi a portadora da carta, que desgraçadamente, era uma carta com estylo, carta da cabeça, phraseada com repugnancia do coração, carta que tanto podia ser santa como immoral—santa porque offerecia o pescoço ao jugo, immoral porque mentia por amor da riqueza.

Não a entendeu Francisco Elisiario, nem minha mãi entendia o melhor d'ella, quando o marido de Adrianna lhe pedia explicações do palavriado.

—Isto não se percebe!—bradou elle—Minha mulher diz aqui...

E leu:

—«Dou-te a minha alma; dou-te a minha vida; mas quero ar, quero a liberdade da respiração». Eu já a prohibi de respirar alguma vez?!—perguntou iracundo elle—Sua sobrinha disse-lhe que eu a não deixava tomar ar?!

—Não, snr. Francisco;—respondeu minha mãi—Adrianna quer dizer, acho eu, que precisa de mais liberdade, e mais confiança da parte do senhor.

—Vem barrada!—exclamou o esposo em linguagem pittoresca—Faz favor de me olhar para a testa? Vê lá algum *T*?

—Não, senhor.

—Pois então, minha amiga, não sei que lhe faça. Liberdade é o governo da casa de seu marido. Comedias e bailes é o que ella quer? As comedias são a perdição do genero humano; e os bailes são laços que o demonio põe ás creaturas do sexo fragil. Eu sei historias a este respeito, minha senhora, que é da gente amarrar as mãos na cabeça!... Sabe a senhora que mais? Eu fiz uma grande rapaziada em casar com sua sobrinha. E' o que me diz toda a gente.

—Rapaziada!—atalhou minha mãi com indiscreta franqueza—O que o snr. Francisco fez aos sessenta annos foi uma rapaziada muito serôdia... Tinha já idade para reflectir...

—Acha-me muito velho?!—atalhou elle raivoso—Pois olhe que eu podia escolher, e casei por caridade... Um homem que tem cem contos...

—Casa por caridade...

—E' como diz, e acabou-se! Em fim, eu responderei á carta de minha mulher, depois de pensar no caso. Vou consultar o meu socio.

—Não consulte, snr. Francisco—disse minha mãi, erguendo-se para sahir—Sua mulher tem pão em minha casa, e virtude em si propria para merecer que Deus lhe faça sentir a vocemecê o remorso de a ter calumniado.

Presumo que Francisco Elisiario ficou um tanto movido; mas quiz ir consultar o socio. Conheces o snr. Euzebio Luiz Trofa?

—Conheço e respeito esse sujeito. E' um homem honesto: dil-o toda a gente entendida em homens honestos.

—Sem te querer desmentir a ti e a toda a gente, peço venia para referir-te sobre que cimentos assenta a honestidade do snr. Euzebio Luiz Trofa, Castôr do Pollux-Elisiario. A figura d'elle é tambem de Castôr, amphibio, que pertence aos mammiferos da familia dos roedores (*Castor-Euzebius* de Linnêo).

Francisco Elisiario arrebanhou um bom capital por ser esperto...

—Fez elle muito bem—interrompi eu—Eu considero honrada a intelligencia universal por aquelles que a empregam em enriquecer-se. No abatimento da minha pobreza estupida ainda me resta o olho penetrante da consciencia para ver e admirar a perspicacia dos homens que se locupletam, e mais ainda dos locupletados que conservam, com applauso publico, o rotulo da sua honestidade. Isto é que é saber, isto é que é a prova do grande alcance do intellecto humano!... Vais contar-me agora com enormes phrases a historia de Euzebio Luiz, cuidando que me obrigas a fazer caretas de estranho espanto. O homem decapitou algum amigo millionario? Envenenou tres familias que o deixaram herdeiro?

—Nada, não: casou-se com a mãi de um seu amigo defunto, herdeira de muitos contos...

—Então isso é peccado, que prove a esperteza de Euzebio Luiz Trofa!? Pareces-me... A gratidão, a que

me obriga o favor de ir de liteira, tolhe-me de te dizer que me pareces archy-tolo!

—Espera, que a immoralidade do casamento está no prologo. Na villa dos Arcos havia uma pobre jornaleira, que, ha cousa de quatorze annos, andava a britar cascalho na estrada do Porto a Braga. Era uma suja e lázara creatura de cincoenta e tantos annos, encorreada dos ardores do sol, e esmoucada e desnocada de pés e mãos pelo pesado trabalho de carregar e martelar pedra.

A mulher mandára para o Brazil um filho, que mal soubera nome de seu pai, e conseguiu facilmente esquecer o nome da mãi. Este sujeito, quando liquidava uns cem contos de réis com que tencionava regressar á Europa, morreu sem disposições. A herança foi depositada no consulado portuguez, á espera de averiguações.

Euzebio Luiz, natural dos Arcos, conhecia a procedencia do defuncto, e assim o declarou no consulado. Vieram para Portugal os competentes avisos, e Euzebio sahiu no paquete em que elles vieram.

Chegou aos Arcos, e indagou habilmente da existencia da mãi do fallecido. De paragem em paragem, foi dar com ella a britar pedra no viaducto de Arnôso. Chamou-a de parte, disse-lhe que lhe conhecera o filho no Brazil, e tinha ordem de procurar e soccorrer a mãi do seu amigo, tirando-a desde logo da má situação em que a encontrasse. Dito isto, levou-a comsigo para Braga, vestiu-a modesta e limpamente, sentou-a com elle á meza farta e houve-se com todo o cuidado para que alguma indigestão a não apanhasse.

Passados tres dias sahiu com ella para o Porto.

A este tempo, mais de seis pessoas procuravam nos Arcos a tia Antonia Pires, mãi do fallecido João Pires de Almeida, e sahiam dos Arcos a procural-a na estrada. O engenheiro conductor via-se abarbado para responder a todos os interrogatorios dos negociadores da herança, que se escondiam uns dos outros. Euzebio Luiz Trofa leu annuncios em que Antonia Pires era avisada para se não deixar lograr por um tal meliante, que a fôra buscar ao viaducto de Arnôso. No governo civil do Porto já estavam instrucções para descobrir a mulher raptada; e providencias dadas para inutilisar a fraude e dolo de algum contracto, que viesse a descobrir-se. Euzebio pediu conselho ao seu amigo Francisco Elisiario.

Resposta do homem honesto:

—O que deve você fazer desde já, é casar com ella; e depois que lhe mordam na sombra.

Antonia Pires ficou estarrecida, quando Euzebio lhe offereceu a grande e gorda mão, e, para vestido de casamento, um corte de seda amarella, e um chapeu verde com fitas vermelhas, e uns adornos de parreira com dous cachos de uvas ferraes, e um passarinho entre a folhagem, que dava ares de ser uma calhandra.

Encantou-a tudo isto á tia Antonia Pires, que tantas vezes amassára com lagrimas as côdeas do seu pão.

O casamento celebrou-se em Cedofeita com dispensa de proclamas, e voltaram de carruagem, elles e os padrinhos, e foram jantar ao Reimão.

D'ahi a dias, Euzebio deu parte a sua esposa que lhe

havia morrido o filho. Antonia chorou, como todas as mães; e, depois que soube a perdoavel astucia do marido, que lhe queria de alma, chorou ainda por ter enriquecido contra vontade do filho ingrato.

Euzebio deixou a mulher no Porto entregue aos cuidados do seu amigo Elisiario, e foi no proximo paquete levantar a herança do enteado. Aqui tens um spécimen da biographia de Euzebio Luiz Trofa.

—Não encontro immoralidade nenhuma n'esse facto, Antonio Joaquim!—observei eu—Se Euzebio Luiz não cazasse com a snr.ª D. Antoninha Pires, senhora muito do seu respeito, cazava eu, e não sei se cazarias tu, n'um paiz em que a bigamia fosse permittida. Eu tenho a honra de conhecer a snr.ª D. Antonia, de a ter visto muitas noutes no theatro de S. João, a chorar, quando o tyranno nos dramas quer fazer em postas as victimas ingenuas. Estas lagrimas denotam sensibilidade e intelligencia. Em quanto á figura, se não arrebata, repulsiva tambem não é. Os marabus, as fitas, as flores, os broches, e a auréola ideal que doura todas as testas cotadas em cem contos de réis, não te direi que a formoseiam, mas, plastica e estheticamente fallando, imprimem-lhe, não sei como, um não sei quê, que se chama sympathia. Eu não sei realmente com que direito censuras tu em Euzebio Luiz o que por ahi anda tolerado e louvado em sujeitos, que mófam dos Euzebios. O homem negociou com o coração da mulher? Cazou com ella justamente porque era rica? Olhem que admiração!... Quantos argonautas conheço eu que conquis-

taram o velo de ouro atravez de mares mais lamacentos!... Quantos mancebos, que pareciam andar queimados da sede do ideal, eu tenho visto abaixarem a cabeça ás fontes sujas de uma sordida cupidez! E cuidas tu que a irrisão publica os mortifica? Valha-te Deus! A irrisão publica deixou de os mortificar desde que elles patinharam no lameiral commum, e provaram que as leis do espirito tanto alçam a gente á idealidade, quanto as leis inviolaveis da materia nos pucham para a doce e suave estupidez de possuir cem contos de réis. A sentimentalidade, a poesia, este quê subtil e puro intellecto, que nos etherisa e mette pelo céu dentro, é o que nos ficou do Adão primitivo, antes do lapso; é uma reminiscencia da primeira cabana, que o Creador construiu para o homem no centro da creação, reinado d'elle; porém, depois do tombo que soffreu a humanidade, é preciso que todos vão cahindo no lodaçal, onde fermenta esta cousa podre chamada dinheiro. Tu não tens visto o poeta Lamartine a conversar entre nuvens com os anjos? Pois saberás que elle hontem desceu de lá, para pedir, cá em baixo, dinheiro á França. Não ouves em Portugal, e em toda a parte do mundo, onde ha escriptores, os grandes poetas, os interpretes das avesinhas, e das relvas, e das brizas, a gritarem que se faça uma lei de propriedade litteraria, propriedade de uma ode á lua, e de outra ode ao sol, e de umas quadras a uma menina com tres estrellas? Não ouves esta gritaria a pedir dinheiro? Como justificas tu, pois, o teu espanto se homens taes, como Euzebio, apanham

um cento de contos pelo mais honesto e licito dos meios? Que dizes tu do principe de Polignac, matrimoniado com a filha do capitalista Mirés? Quem é que zomba de enlaces d'esta natureza tão frequentes em Portugal, e precedidos de episodios muito mais irrisorios que o casamento de s. exc.ª a snr.ª D. Antonia Pires?

—Estou obstruido!—exclamou Antonio Joaquim—Tens á tua disposição torrentes de palavras, que são cataplasmas emolientes no meu espirito. A liteira embrutece-te, meu amigo! Se queres, salta fóra, e toma ar.

—Vou bem, vou bruto, menos que o necessario para ser ditoso; mas estas reformas operam-se lentamente. Vamos ao conto.

XVIII

—A mim logo me disseram no Porto—continuou o meu amigo—que Euzebio Luiz Trofa era sugeito de pestilenciaes entranhas, e voto pesado no espirito, ou nos lombos de Francisco Elisiario, á falta de espirito. Sem embargo, assim que eu soube quem era a segunda consciencia do marido de minha prima, fui ter com o ricasso, a fim de prevenil-o a favor da reclusa de Vairão. Eu sabia que ia tel-as com um homem esperto, esperto máo, da velhacaria da maldade, que é grau supremo da esperteza humana. N'aquelle tempo, a minha energia

moral ia de par com a santa valentia dos antigos apostolos, que prégavam aos principes barbaros a lei de Christo, civilisador das almas...

—E agora mesmo—atalhei eu—pareces-me apostolo! A proposito do snr. Trofa, acho que consomes estylo de mais! Onde tu ias prégar, Antonio!...

—Pois vaes ficar admirado da minha palavra omnipotente, e do local escolhido para o discurso. Disseram-me que Euzebio Luiz e sua esposa estavam no theatro de S. João assistindo pela duodecima vez á representação da *Degolação dos innocentes,* tragedia de commover por tal sorte os animos, que todas as pessoas que a viam ficavam melhores. Entrei no camarote, no lance em que Herodes ordena que se degollem todos os meninos da Judêa, e cahe o panno sobre a hedionda carnagem, que vai fazer-se entre scenas. A snr.ª D. Antonia Pires, n'esta occasião, ensopava o seu lenço em lagrimas; e Euzebio Luiz com o dedo polegar da mão direita, e o outro dedo polegar da mão esquerda esfregava os dous olhos, como se as lagrimas lhes fizessem comichão. Isto via eu pelo resquicio da porta do camarote, e entrei, antes que as torneiras da sensibilidade, abertas por Herodes, desandassem. Fiz as cortezias preparatorias, e invoquei a inspiração. Euzebio, á primeira, cuidou que eu era actor que lhe ia offerecer um bilhete para o meu beneficio, e disse logo:

—Se leva a *Degolação dos innocentes,* fico com o camarote.

—Não sou actor,—disse eu com gesto abatido e voz

cava,—sou o enviado de uma alma que soffre, de uma creatura que padece, tão innocente como os meninos que o impio Herodes acaba de mandar degolar!

D. Antonia abriu a bocca, e o marido fechou a d'elle. Observei esta plastica, e raciocinei que o mesmo identico sentimento produzia effeitos contrarios nas articulações maxillares dos dous conjuges; e d'esta operação mechanica inferi que a bocca das duas pessoas era o orgão indicativo das sensações da alma d'ellas, facto importante, se não unico, para averiguações, que podem vir a restabelecer a suspeita de que não ha alma nenhuma, nem essencia nenhuma incorporea, e que a séde das sensações está nos queixos.

Assim que D. Antonia começou a fechar a bocca, e Euzebio a abrir a sua, segundo a natureza de cada um, aproveitei habilmente os dous minutos da surpreza, e disse lamentosamente:

—A infeliz, que soffre, é Adrianna, malfadada esposa de Francisco Elisiario, homem honrado, mas injusto; coração de um anjo, mas anjo decahido da sua grandeza. Sim!—prosegui eu, com cada olho em cada um dos ouvintes suspensos—Sim! Adrianna, n'este momento, bem podia, como a snr.ª D. Antonia, estar gozando o doce prazer de assistir á innocencia degolada, prazer innocente que os Herodes do nosso tempo perseguem tyrannamente. Que mal fez ao mundo, que mal fez a seu marido a nobre Adrianna, para, na flor dos annos, estar entre ferros de um convento, saudosa do

esposo, apezar... sim, apezar, digo eu, de elle a ter querido sepultar viva!

—Isso não me consta!—interrompeu Euzebio, severisando o rosto em defeza do seu amigo—O meu socio Francisco Elisiario era incapaz d'isso... Sepultal-a viva!... O senhor, quem quer que seja, está enganado. O meu amigo teve umas testilhas com a mulher, quiz dar-lhe com uma cadeira; mas não lhe chegou. E' o que foi. Isso de matal-a viva, é pêta!

—Peço licença para me explicar, snr. Euzebio Luiz—volvi eu—Sepultar viva uma mulher é... sabe o senhor o que é? sabe v. exc.ª o que é, snr.ª D. Antonia? Oh! V. exc.ª decerto não sabe, porque Deus lhe deparou um marido, que é a bondade em pessoa, e o coração mais generoso que dar-se póde em peito de marido! Um marido que a conduz ao jardim de S. Lazaro e ás Fontainhas; um marido que lhe tem proporcionado as saborosas merendas do Reimão; um marido que a traz ao theatro; e finalmente, um marido que lhe está adivinhando as vontades para lhe encher de flores o caminho da vida. Quem tem um marido como a snr.ª D. Antonia?

—Graças a Deus!—atalhou ella abalada e enternecida a prantos—Tenho um marido como ha poucos.

—Eu não conheço outro—acudi eu.

—São favores!—murmurou Euzebio; e continuou flauteando uma vez de vinagrinho, e sacudindo os bagos de rapé do peitilho da camiza com certeiros piparotes—; mas olhe o snr. que o meu amigo Francis-

co Elisiario tambem não é mau marido—ajunctou elle.

—Eu creio que não é; porém, um injusto ciume prejudica a sua bondade, e a ventura de sua esposa. Pois v. s.ª, snr. Euzebio, casado com Adrianna, fechal-a-hia em casa, privando-a de todos os honestos prazeres d'esta vida? Quereria que ella chorasse em silenciosa solidão saudades dos paes que tanto lhe queriam? Deixal-a-hia eutregue á sua propria dor, devorando-se na impossibilidade de conversar com as suas amigas, de ir ás festas de igreja, de visitar os altares na semana santa, de ir espairecer um ou outro domingo ao campo, de ver a *Degolação dos innocentes,* ou o *Santo Antonio, thaumaturgo?* v. s.ª faria isto a sua mulher?

—Eu, não!

—Pois ahi tem o que é sepultar viva uma mulher snr. Euzebio! Aqui tem o que fez o seu socio á candida e innocente esposa que, por desventura de ambos, lhe confiou mocidade, belleza, virtude, esperanças, tudo, snr. Euzebio e snr.ª D. Antonia, tudo!

N'este ponto, D. Antonia encheu a mão direita com o lenço, e pespegou-o no olho direito, como quem assenta uma ventosa. O marido carregava os dedos de vinagrinho, e sobre-sorvia pitadas como se quizesse entupir os conductores das lagrimas, que lhe repuxavam do intimo seio.

Ergueu-se o panno, para apparecerem no sanguinario tablado os carnifices do tetrarcha da Judea. Fiz menção de retirar-me; porém, Euzebio, com agradavel sombra, atalhou-me a sahida, dizendo-me:

—Eu quero fallar mais alguma coisa com o senhor: deixe-se estar até ao fim da comedia, se lhe não faz desarranjo.

Assisti ao acto final da «Degolação». Algumas vezes, quando a tolice da tragedia era capital, cuidei que me andava uma lamina no pescoço a cortar as carnes. A linguagem portugueza e o senso commum não choravam menos que as mães dos meninos descabeçados; mas quem chorava mais que as mães judias e que a grammatica de nossos christianissimos avós, era a snr. D. Antonia.

Em verdade te digo que não ha virtudes onde falta coração susceptivel de compadecer-se com as desventuras fantasticas. Deus me livre das almas requeimadas que observam os espectaculos tragicos com o olhar desdenhoso da arte! Eu folgo, e já folguei de te dizer que minha mulher chora quando lê os teus romances. Se ella se risse da salgalhada de lamurias que tu escreves, e discutisse a verosimilhança das angustias dos teus personagens, acautellava-me d'ella. No camarote, visinho de D. Antonia, estavam quatro meninas vestidas de branco e rosa: pareciam seraphins, que obtiveram licença do Senhor para descerem do céo ao theatro de S. João, afim de verem como os seus irmãosinhos innocentes foram degolados ha mil oito centos e cincoenta e tantos annos. Pois estas meninas, a cada phrase espumante de lagrimas que estoirava no palco, fungavam umas risadas que chamavam a attenção dos camarotes proximos. Se olhavam para D. Antonia, e a viam com

os olhos vermelhos de chorar, ajuntavam as caras em grupo, e espirravam para não romperem o peito contra os espartilhos. Estas quatro meninas deviam ter na plateia quatro apaixonados admiradores do seu espirito, que se estavam glorificando de serem amados por mulheres de critica, mulheres superiores á altura das parvoiçadas do drama. Tenho pena de as não conhecer de nome para te perguntar agora se aquelles quatro seraphins deram a felicidade domestica aos maridos. O' meu amigo, a mulher, sinceramente mulher, é a que tem coração para estremar o pensamento doloroso das fórmas grutescas com que o vestem os espiritos incultos. Que tem que ver com as composturas da arte a alma singela a quem bastam as mil tristezas sem artificio que a natureza lhe revela?...

—E o Euzebio Luiz que te disse depois?—atalhei eu, antes que o leitor me atalhasse a mim.

—Euzebio—respondeu Antonio Joaquim—disse-me que o fosse procurar no dia seguinte, ao seu escriptorio, por volta do meio dia.

Minha mãi alegrou-se com as minhas esperanças e quiz á fina força conhecer a snr.ª D. Antonia Pires, assim que lhe eu disse que ella chorava copiosamente. Entendi que o aproximarem-se as duas lagrimosas pessoas, era assegurar o bom exito da minha empreza, começada por um disparate, que só a boa fortuna dos tolos podia tirar a limpo.

Quando entrei no escriptorio pedi a Euzebio licença para apresentar minha mãi á snr.ª D. Antonia.

Agora vais tu ver que eu não sou inteiramente destituido de engenho para tecer um inrêdo de romance.

Preparo-te uma surpreza! Se eu fosse um narrador vulgar, esta minha historia haviam de cuidar os teus leitores, alguma vez, que m'a contou um d'estes dous machos, sem com isso o macho novelleiro honrar a sua avó, que tambem palavreou historias, debaixo das pernas de Balaão.

XIX

Euzebio mandára comnosco um caixeiro para nos introduzir á sala, onde a snr.ª D. Antonia havia de vir receber os cumprimentos.

Como a senhora se deteve alguns minutos, o que sempre acontece ás damas que se não alinham nem infeitam para governarem sua caza, minha mãi achou curta a demora para admirar-se das pompas e galanterias, que adornavam a sala do snr. Euzebio Luiz Trofa.

Eu tambem estava entretido a examinar um pretinho de barro que mostrava a lingua de papelão vermelho, e esbugalháva os olhos de vidro. Este pretinho, cotado em dezoito vintens, estava entre duas ricas jarras chinezas, com flores do Constantino.

Sobre o pedestal de um chronometro, cujo vertice era a estatua de Wellington, vi um cãosinho de vidro com uma alcofinha na bôca, e uma cigarreira de missanga com as iniciaes de Euzebio Luiz.

Nas étagères acharoadas dos angulos da sala brilhavam os mais bem imaginados brinquedos de creanças, gatos que miavam, galinhas que cacarejavam no centro dos pintainhos, tudo por mólas, e esquadrões de cavalleria de chumbo postos em ordem de batalha contra outros esquadrões.

Minha mãi achava isto lindissimo, e eu estava de pachorra para passar alli algumas horas apraziveis na exposição do bom gosto de um homem rico.

Não me ha-de esquecer que o tapete era de penugem aveludada, que parecia uma alfombra de sestiarem princezas mouras, em quanto que no limiar da porta e soleiras das janellas os estrados eram capachos de palha, avaliados proximamente em 110 réis cada um.

N'um pano da parede estavam os dous retratos em corpo inteiro de Euzebio Luiz, e sua senhora, primorosos traslados do exacto e mimoso pincel do Rezende: n'outro pano, resaltavam as côres vivas de um quadro de fructos, em que sobresahia á primeira luz o escarlate apetitoso de uma melancia aberta em talhadas, e um açafate de pecegos, que ressumavam o seu doce suco.

N'outro pano pendiam de cordões de seda, rematados em borlas franjadas de ouro, dez paineis da historia do filho prodigo, não de cazaca preta, como o vestiu a imaginação de um trolha francez, mas de vestes patriarchaes, em conformidade com a epocha biblica do edificativo caso.

No outro pano do grande quadrado da sala, estavam as janellas guarnecidas de cortinados damascados de

diversas côres, explendidos, alterosos, lardeados de braçadeiras de esmalte. Ora, como te disse, os debruns d'estas cortinas cahiam sobre capachos de palha.

Eu começava a rir-me, quando a snr.ª D. Antonia entrou na sala. Minha mãi levantou-se a custo da estofada cadeira, em que se afundira, e estendeu a mão á esperançosa protectora de sua sobrinha. D. Antonia pára, firma-se muito no rosto de minha mãi, e murmura:

—A senhora...

—Sou a tia de Adrianna, que venho pedir a v. exc.ª o favor de interceder com o snr. Francisco Elisiario, não para perdoar a sua mulher alguma culpa, que ella está innocente como os anjos do ceu; mas sim para que elle a tracte com o amor que ella merece, e a não obrigue á desgraçada escravidão com que não podem as esposas de vinte annos.

—Mas a senhora—tornou D. Antonia agitada e lagrimosa—como se chama?

—Eu sou Maria Carlota.

—Da casa de Rebordãos?

—Sim, minha senhora...—acudiu minha mãi—pois v. exc.ª conhece a minha familia?!

—Este é o senhor seu filho Antoninho?—tornou D. Antonia.

—E' sim, minha senhora.

A esposa de Euzebio Luiz correu para mim, apertou-me ao seio, e exclamou:

—O meu Antoninho!

N'isto, e n'esta postura nos surprehendeu o marido.

— O marido não ficou mais espantado do que eu! — observei ao meu veridico amigo Antonio Joaquim — Desabafa-me d'esta anciedade! Eu cuido que estás inventando com a mais desastrosa phantasia, se te não sahes naturalmente dos braços de D. Antonia! Parece-me que a natureza não se repetiu ainda em semelhante disparate!

— Pois vais ficar de novo surprehendido com a simplicissima naturalidade d'este encontro. D. Antonia, lavada em lagrimas, sentou-se, e disse ao marido, com intercadencias de soluços:

— Eu já te contei, Euzebio, a minha triste vida toda. Lembras-te d'aquella senhora, que pagou a quem criasse o meu filho para eu criar o d'ella, quando me vi desamparada? Aqui tens o menino que eu criei a meu seio.

Minha mãi correu a abraçar-se em D. Antonia, assim com uns ares de estremunhada ao acordar-se de um alegre sonho. Euzebio Luiz manifestou o mais genuino semblante de bom homem. Eu, bastante commovido com o lance das duas velhas abraçadas, tinha arrepios de sangue e de cabellos. Aos meus olhos, em que por vezes a poesia do ceu antepõe o seu prisma, ambas ellas se me figuraram n'uma só, pela identificação dos beneficios maternaes; uma dera-me ao mundo; a outra dera-me o seu sangue.

Agora, em poucas palavras, te direi que Antonia Pires fôra casada com um mau homem que a deixára mãi de uma creança de dez dias, e desappareceu dos Arcos.

Antonia foi dar a Braga, com o filho ao seio, no intento de engeital-o, assim que se lhe offerecesse aleitar um filho alheio. N'este tempo, recommendára minha mãi o ajuste de uma ama para me crear. Foi Antonia no dia em que eu nasci para minha casa, e levava ainda o filho, que tinha vinte e dous dias, resolvida a engeital-o. Minha mãi viu a creancinha, e viu-lhe no rósto as lagrimas da mãi. Compadeceu-se de ambos, e augmentou ao salario da minha ama para ella poder pagar a creação do seu filho. Quando eu já estava apartado e robusto, o marido de Antonia voltou á terra, e tirou inculcas da residencia da mulher. Apresentou-se a minha mãi com authoridade de marido, e levou comsigo Antonia. Minha mãi nunca mais teve novas da minha ama, até áquella hora em que a reconheceu sentada no veludo acolchoado da sua othomana.

A continuação da historia tambem se te diz em breves termos.

O marido de Antonia morreu, quando o filho tinha seis annos. A mãi, com as economias de seu trabalho e beneficios de um compadre, mandou o filho para o Brazil. O filho enriqueceu, e morreu ingrato aos sacrificios da mãi. Já sabes que pesada vida tinha a pobre mulher, quando Euzebio Luiz Trofa a foi buscar ao viaducto de Arnôso.

D. Antonia fez que nos fechassem as portas da sua casa para mais não sahirmos d'ella. Ao fim de tres dias, e de algumas conferencias do negociante com o seu socio, partimos todos para Vairão. Francisco Elisiario ia

commovido e alegre, pedia-me perdão de me haver tractado grosseiramente, beijava as mãos de minha mãi, e promettia ser um digno marido de sua sobrinha.

Adrianna sahiu do convento, confiada n'estas palavras de D. Antonia:—A menina de hoje em diante vai ter mãi, que hade guardal-a dos rigores de seu marido. Eu sou uma velha amiga de divertir-me: a minha filha hade ir onde eu fôr, e onde quizer passar as suas horas com satisfação.

Voltamos ao Porto. No outro dia da chegada, degolavam-se os innocentes no theatro de S. João. Fomos á execução. Minha mãi chorou mais que D. Antonia; e Francisco Eliziario interrompeu por vezes o espectaculo, exprobrando a patifaria de Herodes, em apostrophes muito mais eloquentes que as do author da peça.

Minha prima não chorou nem riu, porque esteve sempre entretida a examinar os vestidos e toucados das senhoras que a examinavam a ella, com um sorriso zombeteiro. Adrianna apresentara-se no theatro vestida e penteada como se estivesse preparada um anno, á espera d'aquella noute.

No dia seguinte, deu Euzebio Luiz um jantar dançante. Desde as cinco da tarde até ás duas da manhã os opulentos salões, abertos pela primeira vez, estiveram animadissimos. Foi tal a profusão do serviço, que eu, escrevendo a primeira local em minha vida, entendi que devia escrever proffusão com dous ff, para crear uma distincção, que não encontrei creada no diccionario de synonimos. Não sei se foste tu, ou outro jornalista que

então me observou que não era licito alterar a orthographia para favorecer um amigo, e que a abundancia dos licores não devia levar os meus instinctos revolucionarios até á etimologia das palavras. Eu não desafiei o sandeu que me provocou, porque estava sentindo a felicidade que perdôa aos tolos grammaticaes. Era a felicidade de minha prima que me deliciava o coração.

Francisco Eliziario tambem deu um jantar dançante. Adrianna appareceu no baile recamada das joias de sua mãi, e de outras que o marido lhe offerecera como penhor de alliança eterna. A' meia noute d'aquelle festivo dia, minha prima desprezilhou do peitilho do vestido um bello brilhante, e, em presença de seu marido, disse-me:

—Meu primo, acceita-me esta pedra, como lembrança da alma reconhecida da mulher que te agradece a felicidade de seu marido.

Acceitei a pedra, que aqui vês.

Terminou a historia.

Francisco Elisiario é um marido que póde affoitamente dizer, no meio da mais degenerada sociedade concebida pela tua imaginação, que a sua honra está guardada no immaculado coração de sua esposa, como os incensos sagrados a Deus na urna de ouro em mãos do levita. E, todavia, Adrianna vai a todos os bailes, a todos os espectaculos, á convivencia de todas as suas amigas, exceptuada uma que lhe classificou de monstro o marido, se ainda te lembras do principio d'esta historia.

XX

—E' chegada a occasião de te eu contar uma historia, se bem que sinceramente me doe o privar-me, entretanto, de ouvir-te—disse eu, no tom cortesão de qualquer dos estofadores da «Corte na aldéa» de Rodrigues Lobo—A historia dos brilhantes de tua prima suggere-me uma recordação de certo acontecimento que me fez rir muito, e que eu de certo não sei reproduzir com graça. O caso passou-se em Lisboa, ha quinze annos.

Um meu amigo, chamado José Cabral, rapaz mui galanteador e galanteado, rendia os seus affectos a uma secular recolhida n'um convento dos mais elegantes de Lisboa. Era uma senhora de meia idade, ou da idade-media como José Cabral esturdiamente emendava, quando, com a zombaria, cuidava rebater as facecias de quem o carpisse nos seus amores aos quarenta annos de D. Paula Manoel Chichorro. Esta dama tinha sangue nobilissimo nas veias, e um patrimonio regular; mas de cabeça era desconcertada algum tanto, por amor da mania, vinte e cinco annos inveterada, de fazer-se eterna nos versos de um poeta, como a Marilia do Gonzaga, e a Elvira do poeta das «Meditações».

N'este proposito, deixou-se cortejar de varios poetas, alguns dos quaes, desde 1834 até 1844, lhe consagraram e publicaram versos, que deviam dar-lhe a eternidade á illustre dama, se fossem lidos. Aquelles annos

correram tumultuosos de commoções politicas. Qualquer florinha de poesia era desarreigada pelas borrascas da prosa das finanças, e atirada aos quatro ventos, que sacodem as ventarolas da humanidade. Assim se explica, sem desdouro dos bardos, cantores de D. Paula Chichorro, o passar-se-lhe a década mais florida de graças, sem que o mundo soubesse quem lhe preludiava a eternidade em redondilha maior.

Inclinada já aos quarenta annos, a reclusa, apesar de desmerecida e avelhada, insistiu em querer perpetuar-se mediante o honesto expediente das musas.

José Cabral, aparentado com uma freira do convento de D. Paula, era um poeta enviado pelo destino, á ultima hora, onde um coração ancioso o chamava. Algumas damas galhofeiras avisaram o sujeito da mania da fidalga, e elle tomou á sua conta construir-lhe um nicho no templo da memoria. Dedicou-lhe as primeiras trovas, menos más de forma e conceito. As mesmas trovas tinha consagrado elle a outras muitas senhoras, que judiciosamente desistiram de serem eternisadas por José Cabral. O poeta, que principiara brincando, e por comprazer com as divertidas senhoras do convento, achou-se illaqueado nas tramas de um amor grave e reflexivo. D. Paula tinha uns dezoito contos, e nascimento illustre, e graças não despeciendas. Lembrou-se o menestrel de fazer-se marido d'ella, mas a nobre senhora não queria marido, queria um cantor, um immortalisador, um incenso que vaporasse pela eternidade dentro em honra d'ella.

Escreveu José Cabral uma ode ao natalicio de Paula. A dama brindou-o n'este dia com um annel de ouro, em que scintillava engastado um bello brilhante; e, ao mesmo tempo, respondeu em prosa-poetica a esta poesia prosaica de uma estrophe da dita ode:

....

O' Paula! amor infindo, amor que prende
Minha alma a ti e ao ceu,
Aspiremos o aroma que recende
Das aras de Hymeneu.

....

A prosa da dama foi assim:

—Diz um author esclarecido que o casamento é a sepultura do amor. Não baixemos do ideal, que é a vida. Amem-se as nossas almas com o amor sublime, que resiste ao fastio e ao tempo. Sejam as nossas nupcias como o enlace de duas brizas, e como o fulgor de duas estrellas que se encontram no azul do firmamento.

Desde este dia, José Cabral, sem desistir das nupcias aerias com a espiritual senhora, reatou o fio quebrado de outros amores honestos com uma Dona Esther Barjona, judia, filha de um Salomão, e representante de muitos judeus ricos da rua dos Algibebes.

Esther, no intervalo da quebra do galanteio, affeiçoara-se a um sargento-aspirante, alumno da polytechnica, filho de um official general; não obstante, a requesta de José Cabral, seu primeiro affecto, não foi

mal recebida. O que ella fez foi entreter-se com os dois galans, por não ter confiança em nenhum. O poeta de Paula gostava de apparentar fausto, e os seus haveres eram menos de medianos. Não lhe faltavam espiritos generosos; mas a desfortuna enfreava-o, e retinha-o, quando elle se queria ostentar dadivoso e liberal. Esther fez annos, e José Cabral queria brindal-a com uma digna prenda: deu-lhe o annel do brilhante, que recebêra de Paula.

Dias depois, o sargento-aspirante encontrou a bella israelita em casa de uma familia da relação de ambos: viu-lhe o annel, suspeitou da procedencia d'elle, amuou-se, e sacudiu as melenas com vertiginoso impeto. A judia, para o convencer da innocente possessão do annel, tirou-o do dedo, e disse-lhe:

—Ahi tens: estou justificada.

O academico dignou-se acceitar a justificação e o annel, que ficou sendo o penhor symbolico da nova alliança.

Perguntou Paula ao poeta:

—Que é do annel que te dei?

—Raras vezes o trago, disse o poeta, porque ando a tomar banhos na barcaça, e já me escorregou do dedo. Desde que isto me aconteceu, nunca o levo ao banho.

Perguntou José Cabral a Esther Barjona porque não trazia o annel?

—E' porque preciso dizer a minha mãi d'onde me veio este precioso objecto.

D'ahi a tempos, Esther encontrou o sargento-aspirante, olhou-lhe para as mãos e disse:

—Que fizeste ao annel?!

—Mandei fazer um semelhante para te dar a ti, e gravar as nossas iniciaes no reverso do aro.

D. Paula viu uma vez no dedo de uma senhora um annel de ouro, primorosamente feito de tres roscas, representando uma cobra.

Os olhos da serpente eram dous rubis, e as escamas brilhavam em pequenos diamantes. Gostou muito da cobra, como symbolo da amisade, e escreveu ao ourives Nascimento, pedindo-lhe a remessa dos anneis modernos. O ourives remetteu anneis de differentes feitios e pedras. Paula deu um ai, e perdeu a côr quando os examinava. Reconhecêra o annel que dera ao poeta.

Conteve-se, como senhora e fidalga que era. Comprou o annel, que fôra seu, e despediu o ourives. Depois escreveu assim ao bardo:

«As mulheres, quando um projecto as preoccupa, não podem dilatal-o para o dia seguinte. Desejo ardentemente possuir um annel igual ao que te dei, porque tenho um brilhante do mesmo quilate. Manda-m'o pela portadora, se aqui não pódes hoje vir, meu amado poeta.

«*Paula.*»

Resposta:

«—Ahi vou ámanhã, meu amor celeste: não confio o annel de ninguem: seria profanação o tacto de mãos estranhas. Hoje não vou, porque estou em uso de digi-

tallis por causa das palpitações do coração. Este amor ha-de matar-me!...»

D. Paula Manoel Chichorro riu-se, e murmurou com o mais fino dos sorrisos:

—Os poetas!...

Carta de José Cabral a D. Esther Barjona:

«Minha estrella! Nunca observaste que faltam as nossas iniciaes no annel, que te dei?! Eu quizera que tu m'as requisitasses, bem travadas, bem inlaçadas, bem intimas umas n'outras, como emblemas de nossas almas!... O teu amor não tem estas espirituaes bagatellas, que são o testemunho das paixões grandiosas... Manda-me o annel, para t'o devolver com este sacramento da nossa eterna união.»

Resposta:

«A mamã está no meu quarto: não posso ir onde tenho a tua querida prenda. A'manhã t'a envio, com a saudade mais calorosa da tua Esther.»

Carta de Esther ao sargento-aspirante:

«Meu Raul. Minha mãi pergunta-me pelo annel, que te dei, e ella me dera. Manda-m'o para lh'o mostrar, e depois t'o entregarei segunda-feira em casa das Mousinhos. Tua cega adorada—E.»

Resposta:

«Vou buscal-o a casa do ourives, e lá t'o mando pelo aguadeiro. Adeus, minha luz, meu talisman!»

Eis aqui tres pessoas realmente afflictas!

José Cabral espera; Esther espera; Raul não espera ninguem. Lembra-se ir resgatar o annel, que vendeu ao Nascimento por cento e cincoenta mil réis. Reune os seus capitaes e perfaz a quantia de tres pintos e dous vintens. Sossobra-o a vergonha, por que a sua familia vai a todas as casas do conhecimento de Esther. Recorre ao pai, conta-lhe o succedido, maldiz os amigos que o levaram a uma casa de jogo, onde perdeu a honra e o annel. O general é um velho austero. Condemna o filho a expiar a villania com o opprobrio de não poder remedial-a. Obriga-o a ir para Extremoz ligar-se ao regimento, e vai elle ao ourives para resgatar o annel. O ourives sollicita de D. Paula o obsequio de ceder o brilhante. A senhora cuida que salva assim a dignidade do poeta, que ella presume ter sido o vendedor, e entrega o annel. O general visita a familia da judia; e, com subtil disfarce, a occultas da mãi, deixa cahir o annel no regaço da menina.

Esther remette-o sem detença a José Cabral, que vai de corrida ao convento.

Dizem-lhe que D. Paula está n'uma grade com visitas. E' o ourives, que foi agradecer á senhora a cedencia do annel, e lhe está referindo a pratica que tivera com o general Sarmento, que fôra restituil-o nobremente á namorada do filho, a qual o tirára a sua mãi para lh'o presentear. D. Paula não entende esta embrulhada. As regiões onde pairava o seu espirito, eram puras de semelhantes falcatruas. Crê que o ourives está inventando

uma historia sem pés nem cabeça. Insta pelos pormenores do conto, e comprehende tudo. Então é avisada de que o poeta espera as suas ordens no pateo do mosteiro. O ourives despede-se, e José Cabral é recebido na grade.

D. Paula reconhece o seu annel, e pergunta-lhe com um sorriso affectuoso:

—Será necessario mandal-o purificar e lustrar com agua benta?

—Porquê?!... inquire o poeta.

—Por ter andado no dêdo de uma judia! Não acha, meu mimoso poeta?

José Cabral impallidece, leva a mão ao lado esquerdo, e diz:

—Ceus! que aleivosia!...

D. Paula pergunta-lhe se vem munido de digitalis.

O infeliz vê-se ridiculo, e exclama:

—A snr.ª zomba das minhas palpitações?

Então, a mulher de fidalgos espiritos immortalisa-se em minha opinião, dando um engenhoso piparote no annel, que atravessou o espaço intermedio ás grades, e veio rolar aos pés do seu vate amarello.

E disse com adoravel hombridade:

—As castellãs dos bellos tempos da cavalieria costumavam pagar com sorrisos ou com dinheiro as trovas dos provençaes, que as cantavam. Eu, que pertenço ao passado pelo espirito, pago com esse objecto valioso as suas endeixas, meu inspirado menestrel; e, se tambem

quer o sorriso das castellãs menos esquivas, em vez do sorriso, dou-lhe uma gargalhada.

Casquinou o mais acerbo e affrontoso frouxo de riso, e sahiu da grade; porém, ao fechar sobre si a porta, sentiu que o annel lhe batia no cachaço. Quando voltou o rosto abraseado contra o poeta, ainda o viu a disparar-lhe, como azagaia hervada, esta injuria:

—V. exc.ª é uma velha ridicula! Hei-de empalal-a nas minhas trovas, e mandal-a de presente ás gargalhadas da prosperidade!

Quando voltei, dez annos depois, a Lisboa, José Cabral era chefe de uma repartição, e tinha carta de conselho. Fallei-lhe no annel de D. Paula. Referiu-me elle que a illustre senhora, depois da grosseria com que fôra castigada, cahira em si, e renunciára á immortalidade dos versos, fazendo-se amar por um conego que em poesia só tinha lido as poesias eroticas de Manoel Maria Barbosa du Bocage.

D. Esther Barjona estava casada com um primo, rabino da sinagoga de Amsterdão. E elle narrador tinha casado com a sisuda filha de um bacalhoeiro, por cuja influencia era chefe de repartição, e esperava ser ministro.

Observa tu agora—conclui eu—que este annel de D. Paula foi a causa irrisoria de quatro pessoas entrarem n'um caminho de vida séria. O poeta viu-se ridi-

culo, e aproou o espirito ao porto romançoso de um casamento reparador.

Esther casou com o judeu que seus paes lhe destinavam, e deu ao mundo mais uma duzia de judeusinhos.

Raul está hoje major de cavalleria, e nunca mais jogou desde que vendeu o annel para pagar as dividas.

D. Paula Chichorro recebe os gosmentos requebros do conego, especie de entulho, que ella atravessou á porta do templo da memoria, para nunca sentir a tentação de lá entrar.

E, se não fosse o annel? Calcula tu as complicadas tolices, e perfidias, e desordens que podiam ter-se encapellado sobre estas quatro existencias, desviadas do seu próspero destino!

XXI

Antonio Joaquim fez-me o favor de achar engraçada a minha historia, e perguntou-me quanto devia, visto que a minha profissão era vender historias. Conspiraram poderosos sentimentos de gratidão para que eu, com o desprendimento do philosopho que regeitou os thesouros de Xerxes, lhe dissesse que não era nada. Sem embargo da minha recusa, Antonio Joaquim deu-me um cigarro, e perguntou-me se os editores em Portugal eram mais liberaes do que elle. Pude convencel-o de que os editores em Portugal eram as hostias immoladas espon-

taneamente nas aras das lettras patrias, e que eu, á minha parte, havia arruinado uns poucos, e os meus collegas o resto, de theor e modo que, volvidos alguns annos, os poetas e romancistas, se não podessem viver repletos e intouridos das suas phantasias, haviam de ir ás praças, á imitação de Homero, narrar os seus poemas e romances ás multidões, que, em paga, lhes enramariam as frontes de acacias e cylindras.

Como este periodo estirado me tirasse a respiração, e a liteira parasse na estalagem de Baltar, apeamos.

Quando o vapor levar a civilisação a Baltar, hade vir gente pallida de Lisboa retingir as faces com o chorume da vitella, que se come alli. Se os Ganimedes, que servem á meza suja, não viessem da cosinha como de um deposito de guano, a gente cuidaria que estava comendo os sobejos de algum banquete olympico. Dirieis que as vitellas de Baltar se geraram das divindades pagans, se Jupiter, quando se fez boi para transportar Europa, a fizesse vacca a ella, e se multiplicassem em bezerros, o que era justo que fizessem tão parvos deuses para servirem de alguma cousa á gente, que lhes dá exemplos de moralidade não se fazendo bicho para arrebatar ninguem. Lembrasse-se Jupiter de cá vir hoje transformado tão a capricho, que eu aposto que soffria uma pega de cara no toural de Aveiro, onde os touros são de uma brandura e meiguice tal, que todos parecem deuses enamorados das gentis varinas, representantes da belleza phenicia. Isto parece-me erudição de mais a proposito da vitella de Baltar.

Estavamos a cear quando Antonio Joaquim me disse que, no quarto fronteiro a mim, se havia passado, dez annos antes, uma scena calamitosa.

—Dous cadaveres sahiram d'alli!...—ajuntou elle

Ouvido isto, comecei a vêr cadaveres pendurados na parede como enormes cavallas escaladas; a vitella trescalava-me a carne humana; as canecas pareciam-me craneos, e o vinho vaporava um fartum de sangue, e escumava liquidos intestinaes.

—*Dous cadaveres!*... Esta casa dá titulos para os romances de Frederico Soulié...—murmurei eu, voltando os olhos pavidos do moço da casa, que se me afigurou um bandido acostumado a reduzir os hospedes a vitella assada. Concluida a ceia, á luz de caverna, que bruxuleava, como devia de ser

> .... *na seva meza de Thiestes,*
> *Quando os filhos por mão de Athreu comia,*

Antonio Joaquim vestiu de horror o semblante, esbugalhou os olhos empedrados de pavor, e disse no tom soturno dos scelerados, que aterram a gente no theatro com historias medonhas, o seguinte:

—Era por uma noute de agosto.

Um cavalleiro apeou do seu frizão á porta d'esta estalagem, e offereceu a mão para receber o pé de uma aéria dama, que saltou de uma hacanea aos braços do garboso cavalleiro.

Ao transporem o limiar da porta, a dama, encostando a face ao hombro do cavalleiro, murmurou:

—Que linda noute, que ar tão puro, que lua tão de prata vamos trocar pelo fetido, e escuridade d'esta lobrega taverna!

—E' mister que repouses, Maria—disse meigamente o caricioso esposo da tão poetica viandante—Descansemos duas horas; e, ao primeiro alvor, cavalgaremos, saudados pelas avesinhas, que nos darão em trillos a orchestra da magnifica partitura da natureza, composta pelo sublime maestro que fez as harmonias dos bosques e as harmonias das espheras...

—Que estylo!—interrompi eu atordoado com o rufo e repique d'este palavriado—Que estylo, santo nome de Jesus! O horror local fez-te perder a portugueza e minhota simplicidade da tua linguagem! Pois, em verdade, essa gente fallava assim?!...

—Fallava peor do que isto, por que eram dous esposos que se adoravam. Tu finges ignorar que duas pessoas, que se amam, só começam a dizerem cousas ajuizadas desde que se aborrecem. A linguagem do amor vem e vai-se com elle; deve existir um serafim, que compoz o vocabulario de amantes, e fecha o livro, assim que o seu companheiro—o anjo do coração—apaga a lampada de oiro, á luz da qual os ditosos amadores soletravam as phrases. Estas, porém, se ficaram gravadas na memoria dos homens, ficam sendo materia de riso. Ah! o cavalleiro e a dama, que apearam no quinteiro d'esta estalagem, fallavam assim porque se amavam

como as terras abrazadas do sol d'agosto amam a nuvem, que se lhes desentranha em refrigerante chuveiro.

—Pareces-me elles a fallar, amigo Antonio Joaquim! Se fizesses favor de me dizer como se converteram em dous cadaveres essas eloquentes pessoas...

—Lá vou!... Queres que eu comece pelo fim, homem? Subiram elles para este sobrado em que estamos, e, logo que entraram pediram...

—Vitella assada.

—Está claro.

—E quando começavam a cear, um corujão deu um berro n'aquelles pinhaes d'alem. Maria deixou cahir o garfo, e exclamou:

—Agouro!

E o cavalleiro poz-lhe a mão na face pallida, e disse-lhe:

—Come, querida, come vitella, e deixa berrar as corujas.

N'isto, um pendulo de parede soou onze horas, lentas, pesadas, e fanhosas como o gemer da sineta que nos cemiterios chama os esqueletos a enchugarem as mortalhas á viração da noite alta.

—Fazes-me frio e medo, Antonio!—exclamei—Tu queres que a vitella me dê volta no estomago! Estou injoado com o descriptivo cadaveroso da tua historia! Amenisa-te, se é possivel!

—O cavalleiro sentiu um calafrio no espinhaço, e disse ao servente da ceia:—Dá-me um quarto limpo com uma cama decente.

—E' este—respondeu o creado, indicando o quarto, que tens defronte.

Os dous esposos recolheram áquella sinistra alcova. O corujão grasnou de novo no esgalho ressêco de um sobro. O céu, de subito, velou-se de nuvens acossadas em turbilhões pelo vento septentrional. O fulgor da lua fechou-se no bojo negro da borrasca. Os euros silvavam nas vigas d'este tecto. Lá fóra a ramagem varejada pela chuva torrencial rangia e gemia, rouca e formidavel, como milhares de homens partidos pela espinha dorsal!

—Que imagem!—observei eu—Tambem me sinto quebrar pela espinha dorsal ás garras da tua rethorica. Tens vislumbres de Victor Hugo! Isso faz-me lembrar a torre da igreja, que parecia uma verruma a furar o céu. Ha muita gente que escreve como tu conversas. Estou em crer que esse estylo é a vitella de Baltar que o dá. Muita gente, pelos modos, aqui vem comer! Eu mesmo, que escrevo espalmadamente, estou a sentir em mim a dura necessidade de fallar como tu. Conta-me agora, amigo de alma, que negruras intimas coaram ao interior da alcova em que os dous viajeiros exhalaram os supremos alentos.

—Eram duas horas da manhã—continuou Antonio Joaquim.—A essa hora, quem pozesse o ouvido nos resquicios d'aquella porta, ouviria um gemer unisono de duas vozes, um arrancar da vida em ancias estertorosas. Depois... vamos deitar—disse abruptamente o meu amigo.

—Deitar?! e a historia?

—A'manhã.

—E' impossivel! Eu não me vou deitar sem saber de que morreram.

—A'manhã. Tens-me interrompido com ironias: hei-de castigar-te com a anciedade.

—Antonio Joaquim! isso é atroz e estranho a toda a graça. Diz-me, ao menos, se foi a vitella que os matou! Morreram envenenados? apunhalaram-se reciprocamente por ciumes? Matou-a elle e suicidou-se depois?

—Não respondo até ámanhã. Não te cances.... Escolhe uma das alcovas, e vamos deitar. Queres o quarto dos dous cadaveres?

—Quero!—bradei eu com exemplar intrepidez—quero compenetrar-me dos miasmas cadavericos d'aquelle antro! Até ámanhã.

Entrei com uma candeia na alcova, e deitei-me fatigado de alma e espirito, apagando a luz.

Vinte minutos depois, sentei-me de salto no leito, sacudindo dos hombros os griphos encravados de uma legião de demonios.

—Ha horrores ignotos n'este quarto!—exclamei eu, e accendi a luz.

Olhei sobre mim, e em roda de mim: eram grosas de esquadrões de percevejos, que irrompiam em caravanas das cavernas do catre, e das luras do tabique. Saltei ao soalho com os cabellos hirtos e os nervos em vibrações catalepticas. Peguei das botas á Frederica, e dei morte a milhares d'aquellas alimárias, que renasciam umas de outras, como tantas hydras de Lerna. Fez-se um fetido

homicida na alcova. Abri as janellas, e bebi o ar balsamico dos pinhaes. Voltei á carnificina, sacudi os lençoes á viração da madrugada, e tornei a reclinar o corpo lasso no catre ensanguentado, conservando a candeia accesa.

D'ahi a instantes, as hordas resaltando das tocas, acardumavam-se nas paredes, e formavam concilios em temerosa quietação; depois abriam fileiras, e subiam ao tecto. E eu, sentado no cavalete de torturas, examinava, com a luneta, estas infandas evoluções, e via-os despenharem-se do tecto sobre mim a prumo, ás centurias, feroses de fome e sede de vingança. E eu voltava de novo a carregal-os com as botas, e elles fugiam com uma velocidade insultadora. Pela primeira vez em minha vida eu vi percevejos com azás, a esvoaçarem n'aquelle ambiente empestado do sangue d'elles. Referi a varios naturalistas este facto, e ninguem acreditou na existencia dos percevejos alados de Baltar. Hontem abri um livro do zoólogo *dr. Charbonnier,* e tive occasião de ver que este hemiptéro tem azas rudimentares, e não duvida o sabio absolutamente que o percevejo as tenha completas. Deus traga este naturalista a Baltar para honra e gloria da sciencia!

Eu senti então um incendio febril, e tonturas de cabeça, vertigens mortaes a cada nova ferroada. Já me falleciam forças para brandir as botas contra a parede. Sentei-me no taboado, e chorei como Mario nas lagôas de Minturnes. Aqui tenho um livro de sciencia a explicar-me aquellas angustias. E' o doutor Charbonnier que

sahe em defeza da sinceridade d'esta narrativa: «Ha individuos tão irritaveis em quem a mordedura dos persevejos produz tão viva excitação que os torna febricitantes.»

Eu pensei que podia morrer de tão ignobil desastre. A candeia apagára-se á mingua de oleo. As alimárias, protegidas pelas trevas, atacavam-me no meu refugio. Ergui-me de golpe, e não sei que gementes rugidos de delirio e desesperação atirei á face da providencia, que creára o percevejo. Quiz fugir pela porta; mas perdêra o tino. Raspava com as unhas nas paredes, e estripava chusmas de infames. Rugia, estrincando os dentes; e quebrava a minha furia com gemidos.

N'isto ouvi passos na salêta, que se dirigiram á minha porta.

—Que tens?—disse uma voz.

Era Antonio Joaquim.

—E's tu?—cxclamei—Salva-me com uma luz, que eu sinto-me morrer!

E gemi.

—Assim gemeram ha dez annos os dous infelizes, cuja historia te contei—disse elle em solemne diapasão—Agora comprehendes como elles morreram ahi? Da morte que te ameaça a ti, desgraçado! Já sabes o final da historia? O garboso cavalleiro e a gentil dama ahi acabaram estripados, comidos em corpo e quasi em alma pelos persevejos.

—Abre-me a porta por piedade — rebrami eu — que apenas tenho vida para conhecer que estou morto!

Antonio Joaquim entrou com a sua candeia, e disse-me:

—Venho salvar-te, porque és necessario á regularidade e perfeição do cosmos. Eu e minha mulher, quando aqui pernoutamos ha dez annos, fomos as victimas e os personagens da historia, que se acha confirmada com o teu sangue.

—Ah! tu é que eras o garboao cavalleiro?—disse eu entre lacrimoso e alegre—Que modestia de narrador!... Mas disseste que d'este quarto haviam sahido dous cadaveres...

—E sahiram—replicou Antonio Joaquim.

—Como? não intendo!...

—O que d'aqui sahiu foram duas almas cerceadas. O sangue, que é a vida, tinha aqui ficado nas goelas d'esta alcateia de feras. Que eramos nós sem sangue? Dous cadaveres com um pouco de espirito para nunca mais nos deitarmos em camas da taverna de Baltar.

XXII

Um d'estes dias, como eu estivesse accendendo um phosphoro da fabrica de galliza, reparei nas figuras da caixinha. Era um camponez, embebendo n'um lenço as lagrimas do olho direito; e, com o braço esquerdo estendido cariciosamente a um boi, dizia em hespanhol: *Em vez de hijos tengo un buey, que me dá grandes sa-*

tisfacciones. A satyrica referencia que os nossos visinhos dão a este distico não a sei. O que se vê menos mal desenhado é um sujeito, commovido a prantos, affagando um boi, que, á mingua de filhos, lhe dá muita satisfação. Isto, que não é nada sério, nem era possivel sel-o n'uma caixa de phosphoros gallegos, a mim tocou-me n'alma com singular melancolia, porque me trouxe á lembrança uma historia, que Antonio Joaquim me contou, depois que almoçamos em Vallongo.

A liteira passou por entre uma grossa manada de bois, que vinha para o Porto, com destino a Inglaterra. Os corpulentos e nedios ruminantes caminhavam tristes, relanceando sobre a ruidosa locomotiva os seus magnificos e languidos olhos. Se as duas pessoas, que iam na liteira, fossem gente pensadora, calculadora, e versada em economias politicas e outras sciencias attinentes á prosperidade das nações, entrariam a discorrer sobre a conveniencia de mandarmos aos inglezes os bois gordos, e comermos os bois magros por alto preço. Recordariamos espantados a estupidez de nossos paes que comiam bois gordos muito em conta, e elles mesmos andavam gordos, e tinham muito dinheiro, sem mandar bois para Inglaterra. Da censura á ignorancia de nossos paes, passariamos ao elogio dos nossos sabios contemporaneos, e dos magarefes, que aproveitam mais que os agricultores, e que os sabios; e, depois de largo e fundo discursar a proposito de bois gordos, adormeceriamos ambos ahi pelas alturas de Rio Tinto, e sonhariamos com as vaccas magras do sonho de Pharaó, sonho de fome, que, a

meu ver, não foi acertadamente interpretado por Joseph. O rei do Egypto sonhava com os açougues de Portugal no seculo XIX.

—Que magnifica boiada!—disse eu—O boi é o quadrupede que mais se parece com um philosopho. Vê tu o passo mesurado, grave, e cadente de um boi! O olhar meditativo! a sisudeza do aspeito! o ar revelativo de um complicado trabalho intellectual que se está elaborando n'aquella enorme cabeça! Ha grandes philosophos inquestionavelmente menos sérios e cogitativos que o boi! De certo sabes, amigo Antonio Joaquim, a importancia social, legendaria, symbolica, e mythica do boi na antiguidade.

—Não sei isso bem;—disse modestamente o meu amigo—o que eu sei d'este prestadio animal é que a humanidade o come ha muitos seculos, e que nos jantares de Cressus e Luculus appareciam bois inteiros assados, e creio que no convento de Mafra tambem se assavam inteiros os bois.

—Principiando um pouco depois do diluvio,—tornei eu—saberás que os bois, entre os egypcios, os phenicios, e indostanicos...

—Eram bois—atalhou Antonio Joaquim.—A consideração, que me mereces ha muitos annos, e a franqueza com que me tractas, anima-me a pedir-te que me não digas nada da importancia do boi na Phenicia, no Egypto, e no Indostão. As liteiras são locomotivas proprias e talhadas para esses e analogos discursos; porém, já que, até agora, pudémos aligeirar as horas sem carre-

garmos o espirito de erudição litteralmente bovina, pedia-te que me ouvisses uma historinha de bois em que entra uma paixão das que levam a vida a pique, e uma formosa moça das que a natureza faz com o toque da sua vara mais prodigiosa de magias.

—E' uma historia sentenciosa e séria como a dos persevejos de Baltar?—perguntei.

—Não. E' triste, e merecia ser bem contada.

A loura Theresinha da Gingeira era uma rapariga minha visinha, filha de um bom lavrador. Tinha vinte annos alegres como as alvoradas dos passarinhos. As faces puniceavam-se-lhe como as ginjas que sobre a janella do seu quarto lhe pendiam em festões da corpulenta arvore, que dava o nome á casa do lavrador.

Thereza, quando tinha doze annos, herdou de sua madrinha dous novilhos. O pai deixou-lh'os crear como propriedade d'ella, bem que a mãi os quizesse logo vender, e empregar o producto em ouro para as orelhas da filha. Thereza conseguiu a bem-querença do pai aos seus bezerrinhos, e deu-se toda a cuidar d'elles com muito contentamento. Quando elles, já saciados de pasto, se deitavam nos prados a ruminar, Thereza sentava-se entre elles, anediava-os, acariciava-os, e adormecia com a cabeça apoiada nos molles flancos dos immoveis almalhos, que a remiravam com ternos olhos. Se mugiam, Thereza cuidava que os seus novilhos chamavam pelas mães; e, compadecida, redobrava caricias, e lá se ia ás praderias a colher abadas das ervagens, que elles escolhiam e mais saboreavam nos almargeaes. Quando elles,

já touros, mugiam com mais estrondo, Therezinha cuidava ainda que eram saudades das mães, e affagava-os, dizendo-lhes branduras com tanto sentimento, que os boizinhos pareciam attentados a escutal-a. Não eram já saudades o mugir dos lustruosos e irrequietos touros: era uma voz do brado ingente formado por todas as vozes de todos os seres, que vivem debaixo do céu. Buffon, o interprete do touro, diz que o seu mugido é amor: *Le taureau ne mugit que d'amour*. Da vacca não diz elle o mesmo: é medo e terror o que lhe desentranha os berros prolongados...

—Se não queres—interrompi eu—que discorra ácerca da importancia que tiveram na Phenicia, no Egypto, e no Indostão, os bois, dispensa-me de saber a razão por que berram as vaccas. Esses conhecimentos linguisticos podem interessar aos vaqueiros, e aos professores de philologia.

—Pois tens razão, que eu, se me não atalhas, ia ensinar-te um vocabulario muito mais intelligivel que as raizes das linguas afghan, pehlvi, e indostanica. Fica na tua ignorancia, e vamos aos tourinhos de Thereza.

Chorou amargamente a moça quando os seus bezerros, ao terceiro anno de idade, foram submettidos ao jugo. Pediu ella que a deixassem guial-os no ensino. Os touros obedeciam á voz d'ella, e não obedeciam á aguilhada do lavrador, que lhe insanguentava os ilhaes. Thereza podia lavar aquelle sangue com o seu pranto.

A' primeira vez que os junjiram ao cabeçalho de um carro de lenha por uma ladeira ingreme, os bois gemiam,

fitando na sua amiga os olhos bassos e mortiços como se os desvidrassem as lagrimas. A moça, no dia seguinte, não enguliu bocado, e passou as horas de sesta na córte dos bezerros a refrigeral-os com o pendão do milho, colhido na frescura da manhã. O lavrador fez-se de fel e vinagre com a tolice da rapariga, e chegou a ameaçal-a de vender os touros na primeira feira, para acabar com as «invencionices» como elle chamava á compaixão da filha. Thereza prometteu nunca mais queixar-se, com a promessa de lhe não venderem os seus boizinhos.

O que ella fazia era esconder bons bocados para os mimosêar á hora do descanço. Dava-lhes farinha na agua, batatas cozidas, abadas de espigas, tudo que por baixo de mão podia carrejar para um recanto da córte.

Aos seis annos de idade a junta de bois do meu visinho era a mais chibante e guapa das dez freguezias em roda. Não lhe faltava um só dos signaes que revelam a perfeição de um boi: cabeça curta, pontas negras, testa ampla, orelhas grandes, aveludadas e unidas na raiz, olhos rasgados e escuros, focinho grosso, ventas bem abertas, beiços cor de azeviche, pescoço carnudo, espaduas anchas, papada até aos joelhos, rins largos, flancos salientes de polpas musculares, membros reforçados, lombo direito, cauda pendente e farta de cabello, couro flexivel e espesso, pello sedoso, macio e encaracolado na testa.

—E' a descripção mais completa que tenho ouvido de um boi!—observei eu—Parece incrivel que tu, assim conhecedor e enthusiasta da parte plastica e esculptu-

ral do boi, me não tenhas permittido que eu te contasse a importancia do boi no Egypto...

—Na Phenicia, e no Indostão—acudiu elle com um sorriso de ignorancia philauciosa—Pois não sei que mais te possa dizer da admiravel junta de bois, que continuavam a ser os affectos de Thereza. O lavrador, se a feira cahia em dia sanctificado, punha-lhes as cabeçadas ricas de frocos escarlates, e lá ia com a sua junta desbancar as melhores concorrentes. Se lh'os punham a preço, pedia duzentos mil réis por dizer alguma cousa; e Thereza fazia-se de mil cores, receando que o comprador offerecesse algumas poucas moedas menos, de modo que o pai cedesse á tentação. Os dias de feira para a pobre moça eram dias de inenarravel flagellação.

Tinham os bois assumido a sua maxima corpulencia. Orçavam por nove annos, e pezariam, cada um, trinta boas arrobas.

O pai de Thereza foi convidado a comprar uma bouça, que partia com terras d'elle. A bouça estava a preço de quarenta moedas, e o lavrador não as tinha. Os bois haviam medrado muito, e pouco trabalhavam já, de pesados e inertes que se iam fazendo de dia para dia. Pensou em vendel-os; reflectiu alguns minutos na afflicção da filha; a mulher disse-lhe que não fosse basbaque, e fizesse o seu negocio. De feito, o cruel vendeu os bois a occultas da moça, recebeu o signal, e ficou de receber o restante no Porto, onde elle havia de conduzir os bois ao embarque.

Soou logo na freguezia a nova da venda. Nunca se

haviam vendido bois por tão alto preço. Era a questão do dia nos sarãos, nos adros das egrejas, e nas safras. Thereza, ao sahir da missa, ouviu palavras que lhe assaltaram o coração como frechas dilacerantes. Eram de um velho que lhe dizia: — Quarenta moedas de ouro! Vê lá tu, rapariga, no que deu a herança de tua madrinha! Teu pai bem póde dar-te um cordão de dois arrateis! — Não que elle, — disse um invejoso — vendeu os bois para comprar a bouça, e á filha não é capaz de lhe dar umas socas!

Thereza já não ouviu as derradeiras palavras. Prorompeu n'um alto choro, que parecia finar-se de angustia. Accercaram-n'a mulheres sahidas da igreja, e a mãi entre estas. Umas riam, outras choravam, sabida a causa de tamanha lamuria. Mas a mãi para dispersar o ajuntamento, levantou a filha de repellão, deu-lhe um murro nas costas, e fel-a apertar o pé diante de si.

Thereza chegou a casa, foi á córte dos bois vendidos, e abafou os gritos no pescoço d'elles em que se abraçava com vertiginosa anciedade. Levaram-n'a d'alli a empurrões, e obrigaram-n'a a tomar de sobre a meza a tigella do seu caldo. Os soluços resistiram á violencia da deglutição. A attribulada moça pediu de joelhos que a deixassem ir para a sua cama, que estava a morrer de frio.

Quando isto me contaram, pedi ao lavrador que deixasse ser visitada sua filha pelo cirurgião de minha casa. O alarve riu-se, e disse: «O remedio era desfazer a venda, e deixar morrer os bois em casa» — E vocemecê an-

tes quer que lhe morra a filha?—repliquei. O lavrador espirrou-me uma cascalhada alvar no rosto, e exclamou: «O snr. não me parece homem de estudos! Já se viu n'este mundo morrer alguem p'ra môr de uns bois?»

Thereza tinha ataques febris todos os dias, e seccaram-se-lhe a este fogo as lagrimas. O lavrador consentiu que o cirurgião lhe visse a filha, e já não se riu quando o facultativo lhe disse: «Eu creio poder asseverar-lhe que sua filha morre»—De quê?! perguntou o pai. «De saudades dos seus bois.»—E então não ha cura nenhuma?—retorquiu elle. «Ha. Deixe estar os bois: espere que sua filha tenha marido, ou affeição que a distraia dos bois que ella creou, e, depois, venda-os.»

O lavrador não tinha outra filha. Consultou a mulher, a qual, abalada pelo susto do marido, sentiu em si um estremecimento de coração maternal. Foram á cama da doente, e disseram-lhe que já estava desfeito o contracto. Foi orvalho do céu, que choveu sobre a flor queimada. Purpurearam-se-lhe as faces; accelerou-se-lhe o pulso com a febre suavissima da alegria. Quiz logo erguer-se, amparada ás mãos dos pais, que beijava soffregamente. Não tinha forças; mas o jubilo deu-lh'as milagrosas. Desceu á córte, e rompeu em vehementes e amoraveis apostrophes aos bois, que a farejavam, e lhe afumegavam as faces e mãos. Presenciei este lance, e não pude suster as lagrimas.

Reviçaram as graças peregrinas de Thereza em poucos dias.

Este caso deu-se ha quatro annos. Os bois tem hoje

quatorze. O lavrador espera que a filha se incline a outros affectos mais racionaes para vender aos inglezes a carne rija d'aquelles dous ditosos quadrupedes. Suspeito, porém, que elles hão-de morrer velhos, encostando a rugosa cabeça no regaço de Thereza. Quando isto acontecer, póde ser que o coração da minha formosa visinha se dedique a algum outro animal menos domestico, e menos agradecido.

—A tua visinha—disse eu—emquanto a mim, se não é fabulosa como a Pasiphae, tem instinctos e coração de vacca! Perdoa-me, se não choro enternecido com a tua historia. E' certo que as lendas antigas contam casos, que tem sua referencia, mais ou menos mythologica, symbolica, e...

—Vaes-me contar a importancia dos bois no Egypto, na Phenicia, e no Indostão?... Peço licença aos teus leitores para te mandar bugiar... Não entendeste o coração da pobre Thereza!... Tu só entendes o amor ao boi, desfeito em bifes ou almondegas!

XXIII

Estavamos em S. Roque da Lameira, na graciosa e abandonada alameda, sob-posta ao muramento das trincheiras de 1832.

Antonio Joaquim apontou com o dedo uma casa destelhada, rota, e destroçada de balas, entestando com o monte.

—Alli morreu meu tio Carlos Leite ha vinte e oito annos, em 30 de setembro, horas depois do desesperado assalto ás linhas do Porto em dia de S. Miguel—disse Antonio Joaquim, e proseguiu:

Meu tio era coronel no exercito sitiante. Não sei se os humanissimos sentimentos da liberdade impelliam o espirito de Carlos Leite a sympathisar com a causa briosa dos cercados: póde ser que meu tio pensasse como philosopho, como socialista, como christão da eschola de Jesus Christo: pensaria; mas vai grande stadio do pensamento ao acto. A disciplina do soldado prevaleceu á aspiração do philosopho. Meu tio militava á sombra das bandeiras que jurára.

Desde 1826 até 1830, Carlos Leite residiu no Porto commandando um regimento. Era tenente coronel aos quarenta e cinco annos, e amava, desde os vinte, uma senhora, que elle vira entrar, aos quinze annos, violentada, em um dos conventos do Porto, onde professou aos dezesseis.

As duas almas, que se haviam encontrado uma só vez, na ante-vespera da entrada de Marianna no convento, não pôde a celebração tremenda dos sponsaes divinos desunil-as. Meu tio havia-se compromettido em casamento com uma parenta bella e rica; e não mais respondeu ás cartas da noiva, nem sentiu o gravame da sua quebra de palavra.

Era homem affeito aos gozos da sociedade, galã e prazenteiro, bemquisto e amado; e, de repente, desprendeu-se de todas as allianças com o mundo dos felizes—ou

que apparentam sel-o,—e refugiou-se em solidão, apenas pertuibada pelas obrigações militares.

Umas pessoas lastimavam-o, e outras compadeciam-se. A sociedade ri-se dos amores frivolos, e ri-se tambem dos amores que teem o ar sério de enorme soffrimento. Do homem que possue um coração para cada mulher, e uma paixão em cada semana, que diz a sociedade? «é um pateta!» Se elle anda a penar pela mesma mulher metade de sua vida, a sociedade que diz? «é uma lastima!» Não achas que é assim?

—E' assim; e fazemos nós muito bem, nós, a sociedade.—Respondi com a empáfia philosophica de um dos sete sabios da Grecia, com o abdomen bem arredondado das comezanas historiadas por Plutarcho nos seus *Tractados de Moral.*

(Observação entre parenthesis: os sabios da Grecia discutiam os fundos mysterios da natureza com o estomago repleto. A preoccupação medicinal de nos abstermos de trabalhos de espirito, por espaço de tres horas depois de jantar, faz que já se não criem sabios do chorume e pôlpa dos gregos. O bom intendimento claramente diz que, emquanto os alimentos se esmóem, a porção material da fabrica humana está empenhada n'esse cosimento; e então é que o intellecto se acha de todo desembaraçado para cogitar. Os grandes livros, que os frades escreveram, são eternos pregoeiros d'isto. Aquelles robustos pensadores, se tão sómente pensassem e escrevessem com o estomago esvasiado, não teriam pensado nem escripto nunca.)

—Fazemos nós muito bem—repeti—por que a boa razão, mãi ou filha do senso commum de alguns particulares, diz que o homem muito dado a feminilidades, e amador por officio, é uma besta-féra. Faz-se mister que a sociedade o domestique á força de o metter a riso, e vestil-o de histrião de galanices aos olhos das mulheres incautas. O escarneo desunha as presas dos *leões*. Ora, como a policia não tem alçada sobre estes scelerados, é necessario desauthoral-os dos seus foros de homens escorreitos: e d'isto procede correrem fado com reputação de nescios os que arranjam uma fonte de Vaucluse em cada rua, e se fazem Petrarchas de esquina. A sociedade reprova igualmente o extremo opposto. Rimos tambem dos que se amiseram e descabellam, por que a sua dama os desdenha desamoravelmente, ou por que as contingencias da vida os estorvam de se inlaçarem com as pombas que os anjos lhes mandaram, e as boizes dos homens lhes prenderam, ao pousarem-se ellas n'este sólo amaldiçoado, onde o dinheiro é visgo para as aves dos viveiros celestiaes. Não se consentem sandeus em amor, por que o amor que a sociedade absolve é o amor discreto. Menos se consentem os lagrimeiros babosos, por que o amor honesto é o amor alegre. Respondi.

—O pouco que entendi da resposta—reflexionou Antonio Joaquim—habilita-me a suppor que Salomão já contava comtigo, quando disse que o numero dos tolos era infinito. E' um sabio a julgar outro sabio. Agora, vamos á historia, que d'aqui a pouco estás salvo da liteira e de mim.

— Estás enganado! — acudi eu — Provavelmente irei comtigo em quanto farejar no bojo da tua memoria um romance inedito. Sou o teu vampiro, Antonio Joaquim! Hei-de sugar-te seis volumes da alma. Seis volumes, que serão as seis columnas do teu suppedaneo no templo dos immortaes!... Que fez depois teu tio? Dizias tu que umas pessoas tinham dó d'elle, e outras riam-se.

— Carlos Leite, quando os expedicionarios das ilhas desembarcaram no Mindello, estava aqui no Porto. A guarnição retirou desconsideradamente e accossada pelo terror panico. Meu tio não pôde despedir-se de Marianna pessoalmente. Deixou-lhe um bilhete com estas palavras: «Não nos veremos mais. Eu desejo morrer. Vem ahi dias em que a morte se ha-de facilitar aos amigos, e alcançar os desaffeiçoados que lhe fugirem. Até á eternidade, Marianna». Carlos Leite desejava morrer porque não poderá desraizar o coração do terreno em que lh'o cultivára sua mãi, senhora de costumes antigos.

O homem, com apparencias por demasia mundanas, contradissera a fama de suas leviandades juvenis, amando com alma casta a mulher formosa, maneatada ás columnas do altar. Nunca se lhe deteve no coração afogueado o pensamento de disputar á violencia paternal a docil victima de especulações de familia, offertada sacrilegamente a Deus, como se o Creador amantissimo de suas creaturas podesse ser enganado e lisongeado com os corações, que lhe atiram espedaçados ao seu sanctuario!

Carlos Leite de sobra conhecia que o Altissimo não

seria o escandalisado, se a freira fugisse do seu carcere, e rasgasse as vestes monasticas, a alva de condemnada a um lento patibulo. Sabia-o, e via-o á luz deste seculo, que já então lampejava furtivamente nos espiritos, a despeito da vigilancia dos tonsurados, e das baionetas, circumspostas em sentinellas ás trevas do altar e do throno. Com tudo a religiosidade do infortunio de Marianna fez d'aquelle homem um sublime padecente, um amparo á alma desfallecida, um desgraçado que se atormentava espontaneamente para que ella se consolasse com dar a outrem metade das suas agonias. Aqui tens por que meu tio queria morrer. Já o desalento o ia cegando para as visões d'além-tumulo. Os annos pezavam-lhe. Esperanças de felicidade, aqui, onde ella se intende e comprehende, nenhumas. Esperar do ceu!... Oh! que nectario inleio e ancear deve ser esse! mas meu tio, bem que religioso, era menos ascetico, muito menos que os poetas, por via de regra, gente boa, que se illude para se não parecer com a outra gente. Que é isto de aprazarmos as mulheres, que nos fogem d'este mundo, para as bem-aventuranças do outro?... Eu estou persuadido que as venturas do ceu são d'outro quilate. Mulheres e homens no céu, meu amigo! Sexos na presença de Deus!.. Parece-me que seria insustentavel por um trimestre a boa ordem do reino eterno!..

—Olha que a tua linguagem vai destoando do som funeral da narrativa—observei ao meu amigo—Ha tanto tempo que teu tio sahiu do Porto... Tenho empenha-

das todas as faculdades do meu espirito em saber o que fez a freira depois.

—Quando os liberaes entraram no Porto, algumas religiosas assustadas com a perspectiva de desacato aos conventos, sahiram, e recolheram-se a casa dos seus parentes. Marianna, receando que seu pai lhe censurasse a deliberação, por suspeital-a criminosa, foi procurar o abrigo de parentes nas cercanias de Paço de-Souza. Carlos Leite estava em Ponte Ferreira, quando ella passou, em companhia de suas criadas. Apertou-lhe a mão, susteve-a sem alento nos braços, disse-lhe breves palavras em tom paternal, e mandou soldados acompanhal-a a casa de seus parentes. Desconfio que o intento da religiosa era assistir á primeira batalha, e procurar a morte onde o seu amigo esperava encontral-a.

Meu tio recebeu algumas vezes noticias de Marianna, e escreveu-lhe cartas que possuo. Creio que nenhum official superior do exercito de D. Miguel anteviu como elle o exito da lucta. Em uma das cartas, diz elle: «Nós defendemos o rei; os cercados defendem a vida. Nós somos oitenta mil confiados na justiça da causa; elles são quinze mil confiados na salvação do proprio esforço. Os nossos frades já nos fallam da protecção de Deus e dos santos. Os cercados animam-se uns aos outros, e não se atém á coadjuvação de S. Jorge ou S. Thiago. Necessariamente hão-de vencer elles». E depois de algumas linhas, ajuntava: «Eu não verei a derrota nem a victoria».

Formado o cêrco, o regimento de Carlos Leite avisinhou-se das linhas. As batalhas dos primeiros mezes, como se collige de uma balbuciante historia que ahi temos, foram pouco para heroismos. Não devemos crer sem reserva o que nos contam os veteranos, que, de uma e outra parte, conservam as cicatrizes e a memoria d'esses dias infaustos. Meu tio almejava uma grande e decisiva peleja. Foi dos que se alegraram com o programma do assalto geral ás linhas em dia de S. Miguel.

Encontrou, finalmente, a sua desejada bala. Cahiu do cavallo debaixo da bateria do Bomfim. Era mortal o ferimento. Os soldados transportaram-o á loja da casa que te mostrei. Requisitaram-se da ambulancia os unguentos para o curativo da ferida, que sangrava debaixo da clavicula direita. Meu tio fez um gesto negativo, e murmurou: «Não me atormentem mais». Depois, chamou á puridade um sargento da sua confiança, e disse-lhe:—Tome conta dos papeis da minha bagagem, e mande-lh'os. Se eu podesse, escrevia-lhe com o meu sangue duas linhas... Para quê?... Uma dor inutil...

Proferidas estas palavras, entrou na loja uma mulher trajada de aldeã, em altos clamores. Era a religiosa. Ajoelhou-se á beira de Carlos Leite. Cahiu de sobre os joelhos com a face nas lages. Meu tio levantou-a; e, no esforço que fez para a estreitar ao seio, perdeu o alento, e alli morreu.

Marianna não voltou mais ao mosteiro, nem ao abrigo da familia. Sei que a recolheram uns fabricantes de S. Roque da Lameira, julgando-a filha de lavradores.

O sargento, encarregado de entregar-lhe os papeis de meu tio, morreu poucas horas depois do seu commandante. A bagagem foi enviada para casa de minha mãe pelo camarada de meu tio.

Dous mezes volvidos, Marianna, acompanhada pelo camarada de Carlos Leite, ao cahir de uma noute tempestuosa, foi dar a minha casa. O soldado chamou minha mãe de parte, e disse-lhe: «Esta senhora é a freira que o meu commandante amou dez annos.» — Pois se é, disse minha mãe, eu amal-a-hei toda a vida.

Marianna entrou na nossa familia. Eu chamava-lhe tia; minha mãe chamava-lhe irmã. Este santo parentesco durou vinte mezes. Lembra-me que ella tinha uma formosura de cadaver, antes d'azulado o rosto pelas manchas da putrefacção. O sorriso, com que agradecia os nossos carinhos, fazia tristeza. No outono de 1835, ao cahirem as primeiras folhas, inclinou a santa do amor e da saudade ao seio de minha mãe a fronte branca e fria de marmore, e expirou, balbuciando: «Vou vêl-o!»

XXIV

Parou a liteira na rua da Boa-Vista á porta de Francisco Elisiario, em cuja casa Antonio Joaquim costumava hospedar-se. Despedi-me do meu amigo. Eu chorava com dores nos ossos; mas aproveitei estas lagrimas, attri-

buindo-as a um exaltado sentimento de gratidão. Compromettemo-nos em nos ajuntarmos no dia seguinte para, em suave quietação, nos deliciarmos conversando sobre cousas e pessoas do nosso passado. Recolhi-me desancado á minha hospedaria, no intuito de me fazer apalpar por um algebrista. Graças ás poções alcalinas, e fumigatorios, ao outro dia haviam desapparecido os vestigios das vinte horas de liteira.

O meu primeiro cuidado foi substanciar no meu livro do *Ha-de-haver* apontamentos das historias que o meu dadivoso amigo me contou. A este livro de arcabouços de romances chamo eu do *Ha-de-haver,* porque alli estão como embrionarias as quantias, que hei-de receber do publico, nome trivial e um tanto plebeu, que, em mais fidalga linguagem, quer dizer a porção luminosa do paiz para quem, e em honra da qual, os operarios do espirito estão de continuo lustrando e facetando os seus avellorios. Estes «creditos» o que teem de mau é abortarem ás vezes, por isso mesmo que são embriões. A não ser isto, quem possue um livro d'este *Ha-de-haver,* em Portugal, tem mais que o necessario para se fazer conhecido do seu aguadeiro, e ser socio do Instituto de Coimbra. Para além d'isto começa a immortalidade.

No dia seguinte recebi a visita do meu amigo. Contou-me que em casa de Francisco Elisiario até os moveis riam de jubilo. Adrianna, a esposa ditosa do marido regenerado, déra á luz um menino robusto como um elephante. Communicou-se-me a alegria d'aquella boa

gente, e tambem me ri. Todos os chamados bens supremos d'esta vida são mesquinhas e transitorias fruições, em confronto dos ineffaveis enlevos da paternidade, melhor provada e definida do que ella está na lei romana, e, pelos modos, no direito escripto e consuetudinario portuguez.

Antonio Joaquim mandou buscar sua esposa, e mãi, e os filhos mais velhos para assistirem ao baptisado do menino. Felicito-me de ter cumprimentado estas duas senhoras, que se disputavam em doce competencia o coração do meu amigo. A mão caprichosa da natureza, já agora, quando quer fazer mulheres assim, esconde-se nas florestas do Minho, e n'outras florestas: o ponto está em que a santa ignorancia embale no berço as creaturas, e vá com ellas pela vida além, até lhes entregar, á beira da sepultura, a chave dos enigmas da outra existencia. Nas cidades, a natureza não póde vencer a arte. As esposas e as mães teem outra casta de merecimentos que as realçam grandemente, e as aformoseiam como matizes da sociedade: falta-lhes, porém, o dom divinisador da ignorancia.

Passados os dias da festa de Adrianna, o meu amigo, com o rosto quebrado de tristeza, entrou ao meu quarto, e disse-me:

—Que é dos rapazes do Porto que, ha doze annos, foram a aurea juventude d'esta terra? Onde estão os alegres conversadores do meu quarto na hospedaria franceza? Entrei nos botequins, e não conheci ninguem. Morreram?

— E' possivel que morressem. Uma duzia de annos é um cataclismo. Em quatro mil trezentos e tantos dias, a torrente de uma geração vaza-se nos boqueirões dos cemiterios. Estranhas um successo naturalissimo, Antonio!

O meu amigo sahiu mais triste de minha casa, como quem volta as costas a um espirito futil, indigno de entender a saudade dos mortos esquecidos.

No outro dia, encontrei-o no «Passeio das Virtudes». Estava com elle um seu amigo da primavera de ambos. Era... — E' um preito aos grandes desgraçados mortos não lhes lembrar o nome aos vivos, que apenas attentam os ouvidos para saberem os nomes dos felizes.

Antonio Joaquim escutava-o com semblante de dor e espanto. Aproximei-me, e escutei tambem. O essencial do seu discurso, não interrompido e precipitado, soava como isto:

— Perseguem-me os astros. Ha uma conjuração de céu, terra, e mar contra mim. Os inimigos aerios tem corpos lucidos como faúlas crispadas das forjas do inferno. São as potencias, que obedecem ao meu inimigo implacavel. Quando a guerra á minha pobre cabeça vem do nascente, ou do meio dia, tenho o ethna dentro do craneo. Não póde viçar flor nenhuma de esperança em volta das chammas da minha cabeça. Estrondeam-me no tympano as potencias como se a humanidade arrastasse grilhões sobre um pavimento de bronze. Isto é infernal, meu amigo! Tu não sabes quanto eu padeço!

Antonio Joaquim relanceou-me os olhos cheios de

lagrimas, e contemplou depois o casaco, e as calças, e o chapeu enlameados, rotos, e indigentes do seu amigo.

O desgraçado tinha enlouquecido um anno antes.

—A ultima vez que vi este homem, disse-me depois Antonio Joaquim, foi ha seis annos, no baile do conde de***. Que gracioso e galhardo mancebo elle era então! As mulheres poderiam amal-o; mas, nós os rapazes adoravamos-lhe a satyra eloquente, a phrase de dous gumes, a sentimental ironia das suas revelações amorosas. Dizia-se que a filha do conde de*** lhe queria apaixonadamente. Esperava-se que elle quizesse aristocratisar os seus bens de fortuna, enlaçando-se á familia que muito podia n'aquelle tempo. Perguntei-lh'o, quando almoçavamos depois do baile: disse-me que os seus amores serios eram uma menina de doze annos, linda como o sorriso da creancinha de um mez adormecida, risonha como os anjos que levam a Deus a alma pura de uma virgem. Acrescentou que amava a menina de doze annos desde que a vira aos nove, dançando, entre creanças, toucada de flores brancas, sorrindo a todos com labios e olhos, olhos em que Deus ou satanaz influira o iman, que tanto póde levantar a alma ao céu, como despenhal-a á voragem. Seria esta mulher que fechou a alma do pobre moço no reconcavo das trevas infinitas?

—Não sei: porém, desconfio que a razão lhe fugiu com a «fortuna», gallicismo atroz que busca os seus predilectos na lama, e lhes converte a lama em coxins de pennas; ao passo que empurra com o pé ao lamaçal

os berços d'oiro em que abriram os olhos os predestinados como o teu amigo. Eu tambem o conheci na opulencia da razão e na opulencia do ouro. Não lhe sei d'um crime, nem sequer d'uma falta. Todos os desafortunados e desgovernados se consideravam eguaes perante a bolsa d'elle. Emprestava dinheiro com juro de gratidão; mas perdoava logo o capital e o juro: assim mesmo os perdoados ficavam descontentes, por entenderem que este modo de desquitar devedores era não querer emprestar mais com tamanha uzura. Assim que empobreceu, o teu amigo distinguiu-me entre os seus conhecidos; e assim que endoudeceu fez-me o favor de me procurar. Aquellas visualidades que o atormentam, e que tu não podeste formular no teu espirito, são as medonhas chymeras, que andam á volta da monstruosa chymera chamada POBREZA. Todo homem pobre, perdida a razão, deve ver aquillo, e ouvir aquelles estrondos. Os pobres, que não perdem o juizo, se não escutam Deus, devem ver cousas peores ainda. Os pobres, que tem sete filhos, veem sete rostos amarellos de fome. A mãi, que lhes não póde injectar no sangue d'elles o sangue dessorado das suas arterias, vê sete espectros, que lhe dizem: «porque nos has tu dado a vida, mulher viciosa e mãi descaroada?» Aqui tens que as visões dos pobres com juizo são mais pavorosas. E' justo chorar o destino d'aquelle moço que ambos conhecemos nas condições mais bem sorteadas e prosperadas; mas eu choral-o-ia mais do centro da alma, se elle tivesse luz de razão para se ver pobre, e andrajoso, e esqualido.

A'manhã o teu amigo morre. [1] A congestão vai afogar-lhe a haspide que lhe morde o cerebro. Acaba-se tudo: é a demencia que o resgata. E, se não fosse a demencia, e a coragem do suicidio lhe faltasse, havias de vêl-o envelhecer ralado de amarguras e opprobrios.

—Más doutrinas!—atalhou o meu cordato amigo—Pois a pobreza é opprobrio e ralação de amarguras?

—Não: a pobreza é um incanto d'olhos e de razão: a pobreza não é opprobrio; é uma incessante glorificação de honras. Um casaco surrado e no fio, aos olhos d'esta christã sociedade, tem o valor estimativo d'umas lapelas arreiadas de veneras e fitas. O homem pobre, se quer hombrear com os poderosos, não tem mais que mostrar o seu brasão—as botas rotas. Se és pobre, quebra a tua escudela de Deogenes na cara de quem te aprouver, que a baixella dos ricos está ás tuas ordens: não tens mais que mandar dizer pelo guarda-portão que está no pateo um pobre virtuoso, que prefere pedir o que a humanidade lhe deve, a tomal-o por suas mãos onde se lhe occasionar melhor e mais segura opportunidade.

—E o trabalho? A virtude do pobre que é senão o trabalho?—atalhou Antonio Joaquim.

—O trabalho, é verdade; é virtude, assim como é virtude comer, e dormir, e não andar descalço, e gosar outras commodidades individuaes e relativas. Em quanto a mim o trabalho é necessidade: chamar-lhe virtude sôa poeticamente. Convenho comtigo e com Rousseau:

---

[1] Morreu, um anno depois, em Rilhafolles.

«*Tout homme oisif est un fripon.*» Espero provar-te pela vida fóra, se ainda o não provei, que eu acceitei de bom animo e boa sombra a minha condemnação ao trabalho. Quando eu repousar a cabeça no regaço da dependencia, meu amigo, devo estar a declinal-a da dependencia para o seio caridoso da morte. Já vês que não me inspira a perguiça esta cousa que se te apresenta com ares de these absurda.

—Mas é que eu ainda não sei o que tu queres provar!—interrompeu Antonio Joaquim—Isso que tu dizes, se é these, não me parece mais bem tecida que as visões do meu pobre amigo.

—O que eu quero dizer, com referencia ao teu pobre amigo, é que muitos na posição desafortunada em que elle ficou, depois de perder os bens, e antes de perder a razão, muitos, repito, na situação d'elle, em quanto buscam e não acham trabalho proprio de suas forças, gastam o vigor moral, a probidade que os estimula, a vontade energica de se nobilitarem na pobreza. Consumidas estas poderosas faculdades n'um esforço inutil contra a organisação das cousas...

—Mas o que chamas tu organisação das cousas?

—E' o ministro da justiça que não fez o teu amigo delegado.

E' o ministro da fazenda que o não fez verificador da alfandega.

E' o ministro da marinha que o não fez secretario de um governo do Ultramar.

E' o ministro do reino que o não quiz para dirigir uma fabrica de deputados não sei em que bairro.

E o teu amigo era bacharel formado, intelligente, e sem mancha na sua vida de rapaz.

Aqui tens o que eu chamo organisação das cousas.

O que querias tu que elle se fizesse? Albardeiro? Cabelleireiro? Accendedor de lampiões? Peço á tua razão illustrada uma resposta.

—Se elle tinha intelligencia—disse Antonio Joaquim—fizesse-se escriptor.

Ouvido isto, bemzi-me, puz os olhos no céu, e disse:

—A providencia divina houve por bem indoudecel-o pelos processos ordinarios da loucura vulgar, antes de lhe incutir a loucura extraordinaria de fazer-se escriptor em Portugal. Que paradoxo! A intelligencia do teu amigo não lhe abriu as portas do funccionalismo publico? Não: pois bem; faça-se d'essa intelligencia alguma cousa! Um escriptor—o derradeiro mester em que póde ser aproveitado esse raio luminoso do coração de Deus!...

O' meu amigo, o maximo favor que um portuguez póde receber do céu, é indoudecer, na vespera de fazer-se escriptor publico!

XXV

Passados alguns dias, por volta de nove horas da noute, recebi a visita do meu Antonio Joaquim.

O benigno acaso honorificára-me, n'aquelle tempo, com uma posição insociavel, analoga á de Xavier de Maistre, quando viajou á roda do seu quarto. O sublime philosopho escreveu então o mais desenfastiado e gracioso livrinho d'este mundo. Bem haja a policia de Turim, que circumscreveu os horisontes do author do «Leproso» ás quatro paredes de uma camara, em cujo ambiente as ideias de ouro ondulavam como a poeira lampejante sob um raio de sol. A humanidade não teria aquelle livro da saudade, do coração, e do conforto, se a culpa do escriptor o não forçasse á reclusão.

Eu tambem circumvagava os olhos pelas paredes do meu quarto. As minhas alfaias, como ottomanas e poltronas, convidavam a uma prudente quietação, estranha á tentativa de viajar. Qualquer d'estes moveis demandava a immobilidade para conservar apparencias de adorno. Se os mettesse a caminho, igualarme-ia a *de Maistre* na queda, sem ser preciso distrahir-me.

As cortinas do meu quarto não eram as inspirativas cassas branca e rosa do gentil narrador: eram transparentes-opacos de fabrica nacional, que desfiguravam a luz em escureza de carcere. Os quadros impendentes de

quatro pregos eram o retrato de quatro pessoas infelizes: uma mulher sentada no cairel de um abysmo, sondando-lhe a profundeza para despenhar-se. O segundo era dois noivos de oito mezes fechados na sepultura antes de verem florir a primeira primavera debaixo do céu, em que elles se tinham abraçado para caminharem, longa vida, á luz da mesma estrella. O terceiro quadro era um artista, vencido na lucta com a miseria, dando o seu unico bocado de alimento a um cão, o só amigo seu. e certo para a hora suprema da agonia, figurada no ultimo quadro. Com estes incentivos chora-se; mas não se viaja.

Fica declarado que eu não pudéra acompanhar o meu amigo, nem procural-o, no decurso de alguns dias e noutes. Estava preso, com o meu quarto por homenagem de duas semanas.

Pareceu-me mais que muito contristado Antonio Joaquim. Reparando no ar desacostumado da sua tristeza, disse-lhe:

—O Porto faz-te mal, meu amigo. Tira-te d'aqui, se não tens urgencia de estar. Presumo que te nauseiam ulceras, que a tua pathologia social desconhecia. Vai para a tua aldeia, Antonio. Desgraças, reduz-te a conhecel-as pelos romances, que apenas te desbaratam o tempo. Que tens tu? é o espectaculo do teu amigo da mocidade louco e encodeado da lama das ruas em que dorme?

—E' tudo.

—D'onde vens? E de casaca?

—Do cemiterio. Assisti hontem a um enterro, e hoje a outro.

—Hoje sei eu que era Antonio Coelho Louzada o sepultado. E hontem?

—Era José Francisco Fernandes.

—Não conheci.

—Nem eu: fui sem convite encostar-me no escuro da capella do cemiterio do Prado, porque vi fileiras de carruagens marchando funeralmente para alli. Deviam de ser trezentas as pessoas, que alumiavam o tranzito do caixão a um pomposo jazigo.

Perguntei quem tinha sido n'este engano do mundo aquelle defunto, que tão chorado de amigos se ia pela eternidade dentro, e por uma porta de tão bello marmore. Disseram-me que era o snr. José Francisco Fernandes.

Como no prestito conheci o meu honrado parente Francisco Elisiario, assim que elle apagou a tocha, e alimpou as ultimas lagrimas, avisinhei-me d'elle, e pedi-lhe que me dissesse alguma cousa do seu finado amigo.

Francisco Elisiario respondeu:

—Tomára o snr. o que elle deixou a maior de cento e oitenta contos!

—Eu não lhe pergunto quanto elle deixou: queria saber quem era.

Olhou-me com ar de bondade, que tolera perguntas parvoas, e disse:

—Era o José Francisco Fernandes.

—Homem de bem? honrado? bemfeitor da humanidade?

—Acho que era honrado, de boas contas, e não me consta que fizesse mal a ninguem.

—E bem?

—Eu sei cá, homem!—tornou o marido de minha prima—Se fez bem, lá o achará no outro mundo; e, se não, lá se avenha.

—Mas o primo Elisiario parece que estava limpando as lagrimas...

—Podéra não!—acudiu elle, exprimindo-se com pausas lugubres—Se lhe parece! estar a gente alli ao pé da cova, e lembrar-se que, tanto faz ter como não ter, havemos de ir todos áquillo!

—Ah! então o primo não chorava pelo seu amigo; chorava por si...

—Não que isto de morrer é um negocio serio, meu caro Antonio.

—Negocio é que eu não acho que seja, a não ser para os herdeiros do snr. Fernandes. Com que então diz-me o senhor que toda esta gente, que ahi vem, acaba de prestar o derradeiro acto de acatamento a um cadaver que era hontem capitalista...

—E d'aqui vamos dar os pesames a um sobrinho que pilhou a herança. Quem havia de esperar que o tal sujeitorio havia de herdar! Era um valdevinos, que andava por ahi de charuto na bocca, e luneta, e chapéu á bollina. O tio pôl-o fóra de casa ha dous annos, e mandou-o á vida. Ninguem fazia caso d'elle.

—Ah! estas pessoas que vão agora dar ao herdeiro os sentimentos não faziam caso d'elle?

—Podéra! Um troca-tintas!

—As tintas é que elle agora trocou perfeitamente. Era preto, e fez-se louro.

—Não percebo o que diz o senhor—observou meu primo.

—Disse eu que o sobrinho do defuncto Fernandes, que Deus haja...

—Amen—atalhou Elisiario revirando um olho á lua. E eu ajuntei:

—Como ficou herdeiro do tio herdou-lhe tambem os trezentos amigos que aqui vão!... O mundo é feio, primo Francisco!

—Ora se é, primo Antonio! Isto de morrer a gente, quando principia a gosar a fortuna que fez, custa a tragar! Eu, cada vez que vou a um enterro, fico a scismar toda a noite, e accordo achacado.

N'isto, o marido de Adrianna espirrou, e disse:

—Acho que me constipei! Fiz boa asneira em cá vir com este frio! Deixasse-me eu estar em casa... E' a ultima vez que caio n'esta. Quando eu morrer, que não vá ninguem ao meu enterro!

O mundo é triste! continuei eu a dizer á minha consciencia, e de abstraido que ia, perdi-me de Francisco Elisiario, e fui revelar a minha mulher e minha mãi a tristeza que me confrangia a alma.

Aqui trago um jornal de hoje em que vem noticiado

o enterro do amigo dos trezentos cavalheiros de hontem á noite:

«*Necrologia.* — Deram-se hontem á terra os restos «mortaes do snr. José Francisco Fernandes, cidadão «probo, e estimado geralmente. Homens assim, quando «vão deste mundo, deixam na terra um lugar vasio, e «sinceras lagrimas da humanidade. Bem se viu quão «grande era o numero dos seus amigos pela concorren-«cia á volta do seu cadaver. O corpo do benemerito ci-«dadão foi encerrado no magnifico jazigo que o illustre «finado mandára erigir. Cumprido o triste dever, os ami-«gos do chorado José Francisco Fernandes, foram aper-«tar pesarosamente a mão do nosso particular amigo «Antonio Eleuterio Bernabé Fernandes sobrinho, e di-«gnissimo herdeiro do defuncto. Esperamos, e todos es-«peram, que o snr. Bernabé lhe succeda tambem nas «virtudes. Morreu um homem de bem, e deixou outro «no seu lugar. *Requiem eternum dona eis, domine, et* «*lux perpetua luciat eis.*»

O author da noticia, como vês, pede, em latim, a Deus que dê descanço eterno ao defuncto e ao herdeiro. E eu peço tambem a Deus, em portuguez, que dê eterno descanço a todos. Agora fallar-te-hei do enterro de hoje.

Eu tinha lido do portuense Antonio Coelho Louzada uns graciosos romancinhos na «Peninsula» e no «Commercio do Porto». Li revistas semanaes tão chistosas como delicadas no «Nacional». Li um magnifico estudo do seculo XVI, n'um romance intitulado «A rua es-

cura». Li outro romance denominado «Na consciencia», que me disseram ser a resposta a um que tu havias publicado com o titulo: «Onde está a felicidade?» Li mais um romance incompleto, chamado «Os Tripeiros», que era a gloriosa legenda [1] que tão sublimemente explica o epytheto, que alguns palermas cuidam soar indecorosamente para os netos da valente raça de portuenses, devotados ás conquistas d'alem-mar. Tudo lêra e muito d'alma me affeiçoei ao escriptor, que sobredourava os dotes d'alto espirito com a virtude da independencia nobre, e da honra n'uma quasi pobreza.

Como hontem li a noticia da morte de Louzada, fui hoje ao cemiterio para lhe contemplar a fronte onde se apagou a lampada, cuja flamma elle entreteve com o oleo de suas lagrimas, talvez! Fui, e vi á vontade, por que em redor do seu esquife eram poucos os contempladores. E elle, por entre as palpebras meio fechadas, parecia contal-os, e coar ás cinzas do coração o bafejo vivificante das almas que lhe davam a sua saudade n'um suspiro, n'um como soluço tremulo. Alli sim: verdadeiros amigos estavam alli á beira d'aquelle esquife pobre, atirado ao vallo commum, perdido para sempre entre as ossadas dos pobres. Eu lembrei-me então que seria um grandioso pensamento o d'aquelle que atirasse sobre a sepultura rasa de Antonio Coelho Louzada um dos seus livros, e dissesse: *Ahi está um epitaphio!*

---

[1] No tempo, em que o meu amigo fallava estas cousas, ainda não era tudo *legendas* n'este mundo.

Sahi do cemiterio. Os mancebos—todos o eram—que sahiram comigo, vinham taciturnos, e recolhidos. Alguns pararam á porta da casa d'onde sahira o morto e entraram; outros perpassavam, dizendo: «E' ao Porto que nós damos os pezames de ter perdido uma das suas primeiras intelligencias, e de todas a mais esperançosa em livros gloriosos para a sua terra querida.»

Entrei n'um botequim, e apropriei-me d'este jornal, com o proposito de te mostrar a noticia do enterro do Louzada, a qual te peço que confrontes com a do argentario, que se lhe antecipou vinte e quatro horas na presença de Deus.

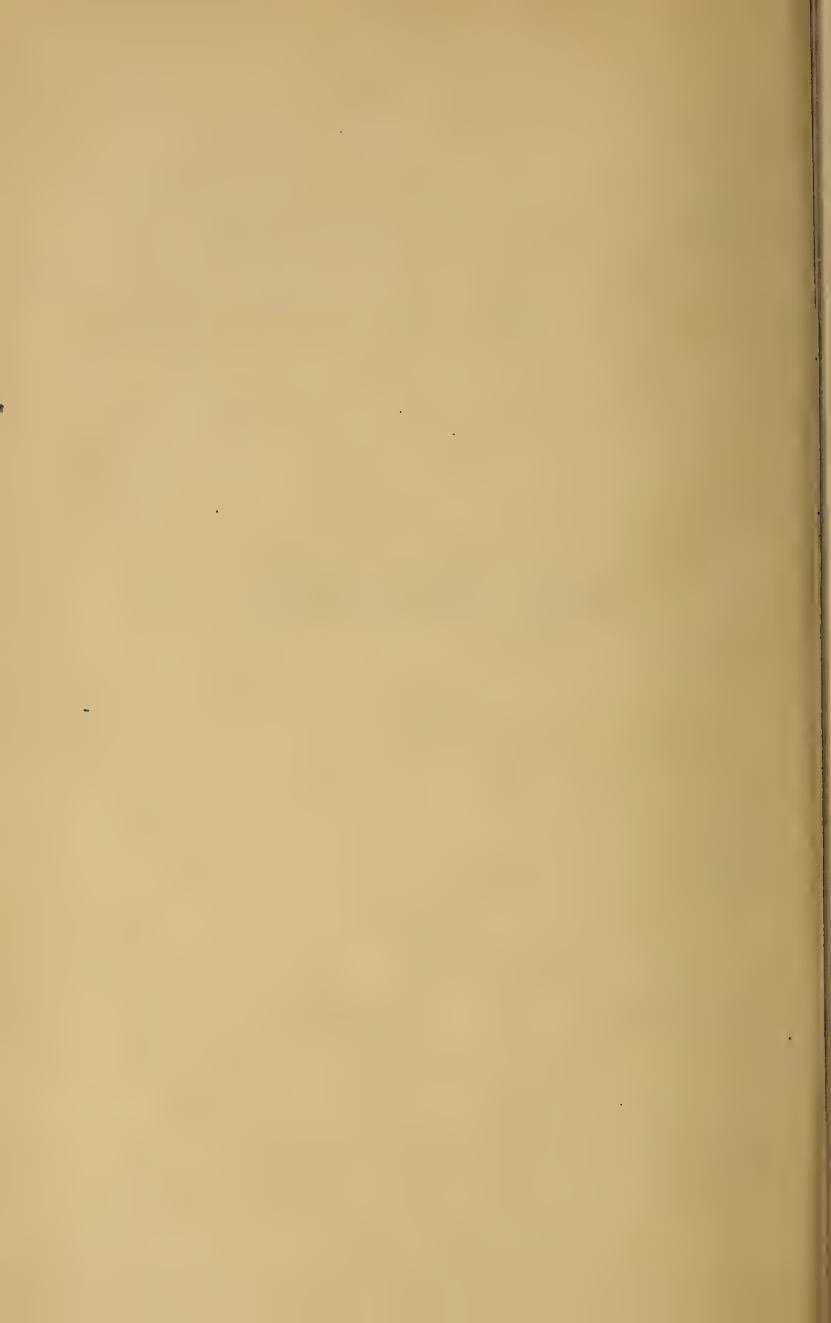
Aqui está. Eu leio:

«*Obito.*—Hontem morreu o snr. Antonio Coelho Lou-
«zada, que escreveu algumas obras de merecimento. Foi
«arrebatado no vigor dos annos. Lamentamos a perda
«do escriptor, que era bemquisto de todos que o conhe-
«ciam, e deveu pouco á fortuna».

Bem se vê que esta local só podia ser escripta a respeito de um morto, que deveu pouco á fortuna. Quando morre alguem que lhe deve muito, as pennas funebres, molhadas em essencia de lagrimas, encarregam-se de saldar as contas com a credora fortuna, nas pessoas dos herdeiros do defuncto, que ficam sendo os sacerdotes da deusa propicia.

Pensei n'isto, e vim caminho do teu quarto, por me

parecer que eras muito affeiçoado ao Louzada. Lá mesmo imaginei que a tua saudade ia abraçar-se ao cadaver do amigo, e que entre as gotas do orvalho, que ao romper da manhã lhe hão de humedecer a terra, uma d'ellas será a lagrima que te vejo na fece.

EPILOGO

EPILOGO

Hontem, 27 de outubro d'este anno 1864, quando eu, á conta da pequenez do livro, cuidava em alinhavar outra historia, que o meu amigo provavelmente me não contou, annunciou-se-me um sujeito de botas d'agua e cobrejão.

Era Antonio Joaquim.

Haviam decorrido cinco annos sem nos vermos.

—Como estás nutrido!—exclamou elle.

—E' a gordura da felicidade!—disse eu, apalpando os perigalhos da barba para me convencer da minha nutrição.—E tu? que nediez! que elephante de força e de saude! E's o emblema do Minho em carne; em osso não digo, porque tu deixaste de pertencer aos animaes vertebrados: és um mollusco intelligente, Antonio! Como ficou a tua familia? os teus rapazes? Os teus socios da arca santa em que marêas sobre este cataclismo de corrupção universal?

—Estão todos bons. A unica pessoa corrompida da arca sou eu.

—Tu!?

—Eu, sim, desde que involuntariamente dei direito a que o meu nome se leia em vinte e tantos folhetins do *Commercio do Porto.* A pureza da minha vida e costumes quem m'a dava era a obscuridade. Em quanto o mundo me desconhecesse, sabia eu que o meu esconderijo seria defezo á curiosidade malevola e pestilencial; porém, desde que me fizeste viver e discorrer, e parvoejar, como qualquer socio d'este funesto club, chamado a sociedade, a minha pessoa, o *eu* subjectivo, deixou de ser *eu*, e passou a ser *tu*. Quero dizer que anniquilaste a minha individualidade typica: consubstanciaste-me na materia universa; e contaminaste-me da peste geral.

Foste ingrato a quem te deu liteira para vinte horas! Estampaste o testemunho da tua ingratidão, e não haverá para ti, d'hora em diante, pessoa generosa que te faça um favor, com o risco certo de ficar sendo authora dos teus livros. Pelo que vejo, todos os infelizes que conversam comtigo são teus collaboradores, de mais a mais, gratuitos. Em França não é assim. Balzac pagava os enredos das suas historias, e todo o escriptor de boa fé reparte dos seus lucros com quem os auxilia.

—Vens portanto reclamar a tua quota parte nas *Vinte horas de liteira?*—perguntei eu, disposto a respeitar a propriedade das ideias do meu amigo.

—Não!—accudiu elle—Ainda não estou inteiramente afistulado da gangrena mercantil que apodrenta a humanidade. Eu não vendo ideias. A intelligencia é fulgor de Deus, é raio de luz que se não decompõe em la-

ma. Alugar o espirito por umas tantas horas ao leitor, que te compra um livro, é uma simonia, um trafico sacrilego, um chatinar ignobil com os dons da luz eterna.

—Portanto, prescindes da tua parte em dinheiro na collaboração das *Vinte horas de liteira?*... Muito obrigado.

—E prescindo tambem da gloria.

—Isso não podes!—accudi logo com vaidade de immortalisador.—A immortalidade é indeclinavel. Só podes decahir comigo do applauso das gerações por vir. Está o teu nome em vinte e tantos folhetins? Conta por seculos a sobrevivencia de ti mesmo. As pessoas que fazem romances, e as que são feitas ou refeitas nos romances, não podem acabar de todo em todo. Se não ficam perpetuadas em bronze, tem uma duração, mais ou menos encarquilhada, de mumias. As necropoles, ou salões mortuarios onde se depositam estas mumias intellectuaes, são as merciarias por via de regra. A manteiga e os cominhos são a rezina e o asphalto aromatico d'estes embalsamentos.

Meu amigo, eu já não posso remediar o que fiz. Eternisar-te foi uma tolice irreparavel como outras muitas. Desculpa, que a minha intenção era honesta; e tu deves imaginar quanto me seria custoso irradiar uma auréola immortal em volta do teu nome, que se ageita muito pouco para isso. Um homem, que se chama Antonio Joaquim tem todos os elementos nominaes para ser uma excellente creatura; mas está em divorcio da lyra classica, e do alahude romantico.

—Cada vez mais sandío!—atalhou o meu amigo, apertando-me nos braços affectuosos, e relevando-me estas facecias mascavadas e innocentes, com que eu brindo as pessoas que mais preso.

—Então a que vieste? Vens-me deparado pela Providencia dos romancistas fallidos de imaginação? Trazes-me o epilogo das *Vinte horas de liteira?*

—Aqui estou á tua disposição: explora-me.

—Conta-me o que é feito d'essa gente que ficou viva nos vinte e cinco capitulos publicados. Aqui tenho os *Commercios* á mão.

A heroina do primeiro romance é a égua que te salvou. Ainda vive?

—Cuidei que me pouparias á dorida lembrança; porém, se

Infandum... jubes renovare dolorem,

saberás que a minha salvadora ao decimo oitavo anno de sua idade, quando se estava gosando as delicias de uma invalidez repouzada e farta, foi escouceada por um jumento no viço dos annos, e não pôde sobreviver á sua ignominia.

—A tua egua devia assim morrer!—observei eu—Raro personagem distincto não acaba assim espinotado por burros. Equiparou-se a tua illustre defunta aos grandes estadistas encanecidos, aos grandes genios que fecham o cyclo intellectual da sua geração. Em Portugal ha lamentaveis exemplos d'estes pinotes homicidas. Console-te, meu amigo, a consideração de que a tua egua

tragou a final as fezes do licor embriagante, chamado gloria. O que me falta saber é a posição social que attingiu o burro. Aposto que está bem!

—Não sei.

—Heide eu indagar isso, quando tiver paciencia para examinar o destino de todos os sujeitos da sua especie. Eu sei onde elles se encontram: mas não o digo aqui para me forrar á catastrophe da tua egua.

Vamos adiante. Os filhos de João do Cabo, aquelle homem que desenterrou o dinheiro? O pai ainda os leva ás minas, em que elle espiou a dissipação dos seus bens?

—O pae morreu. O filho mais novo, que frequentou a Universidade, recebeu o seu patrimonio, e jogou-o em menos de tres annos aqui na Foz. Tinha vinte e cinco annos, e estava pobre. Foi buscar o amparo dos irmãos. O mais velho, que é padre intelligente, acolheu-o com boa sombra, e disse á creada: «Faça a melhor cama e as melhores iguarias para o nosso hospede.» A governante objectou dizendo que eram desnecessarias tantas ceremonias com um irmão. O padre replicou:—E' hospede.

Ao cabo de tres dias, sahiram junctos, e lá n'uma quebrada de monte em que se abria uma das minas, onde trabalhára o pai de ambos, o padre parou, e disse ao doutor:

—Teu pai e meu, que Deus haja, desbaratou os seus haveres; mas não foi mendigar favores nem esmolas: trabalhou n'esta mina e n'outras. N'este mesmo sitio,

em que estamos agora, nos referiu elle as suas culpas e os seus castigos, concluindo por nos dizer: «Meus filhos! Maldito seja entre vós aquelle que jogar!» Peza sobre ti a maldição de teu pai, porque jogaste e perdeste o teu patrimonio. Se perdeste a honra tambem, não sei, nem t'o pergunto: a sociedade o saberá e t'o perguntará. A' maldição, que te ha de ser toda a vida um doloroso gravame, ha um só meio de lhe amaciares as asperezas: é o trabalho, o trabalho como expiação, conducente á virtude. Teu pai era agricultor, e fez-se mineiro: tu és homem de lettras, cursaste cinco annos a Universidade: creio que não precisas dessaibrar minas. Abre o teu escriptorio de advogado, e trabalha. Se me dizes que em casa de teus irmãos ha pão abundante e sobejo, respondo-te que o ha, graças a Deus; mas é para invalidos, para os que querem trabalhar, e não podem: para ti não, que podes, e não queres. A ti, meu irmão, farei o que faria a um estranho. Se não tens com que principiar vida, dou-te as minhas economias; mas dos bens, que foram de teu pai, nem um ceitil.

No dia seguinte, o bacharel sahiu para Lisboa, com os recursos dados pelo irmão. Applicou-se tão esforçadamente á pratica do fôro, que é já hoje um advogado de fama, e começa a recuperar o seu patrimonio. Nas cartas, que escreve ao padre, não o tracta de irmão: chama-lhe a sua providencia.

— Edifica-me esse caso, meu caro Antonio Joaquim!... E aquelle João Carlos, herdeiro da D. Rozalinda, viuva do general francez?

—João Carlos ficou na encantadora vivenda que herdou; e, passados annos, casou com uma menina pobre, linda, e doente como as creaturas a quem o ar d'esta vida parece que impeçonha os orgãos pneumaticos da alma.

—Pois ella tinha isso!? orgãos pneumaticos na alma?!

—Tu é que já não tens orgão nenhum da alma, meu scelerado! Não tens senão estylo. E' o que diz toda a gente bem organisada de corpo e alma.

—E vai depois... a esposa de João Carlos morreu de pneumonia?

—Não: ingordou.

—Ah! concertaram-se-lhe os orgãos da alma? Ainda bem!... Deram á sociedade muitos meninos?

—Muitos anjos que se confundem e conversam com as flôres do jardim, onde seu pai lhes falla da generosa senhora que lhes deu enchentes de felicidade a todos.

—E o Lourenço Pires da *Historia das janellas fechadas ha trinta annos*?

—Morreu ha dous annos. Sahiu do seu supplicio pela mais dolorosa das evasivas. Aquella primeira mulher, que elle havia infelicitado, continuou a perseguil-o, como te contei. Uma vez, estava elle deitado e adormecido na ourela do rio Ave. A mendiga descia do monte eminente, e reconheceu-o. Avisinhou-se d'elle, caminhando ás surdas, e espiando-o por entre as arvores. A distancia de dous passos, quedou-se contemplando-o com horrivel tregeitar de rosto e mãos. Depois, saltou como féra ao ho-

mem, e de um empuchão, acompanhado de pragas, despenhou-o na corrente.

—Com que estranheza elle acordaria!—reflecti eu, sinceramente condoido da sorte do homem.—Quem te contou isso? permitte esta pergunta á crytica.

—Contaram-m'o lavradores que estavam nas veigas da outra margem do rio, alguns dos quaes se lançaram inutilmente á levada para salvarem Lourenço Pires.

—E ella depois que fez?

—Fugiu pela serra fóra, e lá de sobre o fraguedo mais empinado, desfechou umas gargalhadas, que pareciam berros de gaios, no dizer dos lavradores. A justiça lançou-lhe a rede pelos concelhos visinhos, e descobriu-lhe a ossada, passados mezes, entre umas fragas do monte Cordova, a meia legua de Santo Thyrso.

O enterro de Lourenço Pires foi decentemente feito pelo filho de Felicidade Perpetua, filho d'elle tambem. Esta santa mulher desfez-se em lagrimas. Levou-a Deus, depois que lhe mostrou executada por ministerio dos homens a justiça divina.

—E que me dizes tu d'aquelle Manoel da Mó, que por ter voltado pobre do Brazil, mandou erigir uma cruz, em acção de graças ao Altissimo?

—Encontrei-o este anno em Basto na feira de S. Miguel. Este homem enriqueceu com uma herança que teve a mulher, por morte de um tio brazileiro. Disse-me elle que ia levantar agora uma capella em honra tambem do Altissimo, a ver se a mão divina o livrava de ser barão.

—Então a herança deu-lhe algum espirito, pelo que vejo!... E aquelle santo homem, o Luiz-engeitado, ainda póde dar-nos alguma lição da moral de Jesus?

—Ainda. Olhal-o em rosto é intender a moral de Jesus. Não ha semblante mais sereno e alegre. Os olhos d'elle nunca choram, porque, assim que vê lagrimas alheias, todo o tempo lhe é necessario para enchugal-as.

Em redor de Luiz Ferreira, mulher, filhos, parentes, amigos, estranhos, todos commungam d'aquella virtuosa alegria ou compadecimento das dôres que se acolhem á caridade d'elle. E' o homem de Deus com o seu paraizo n'este mundo. Não sei se os theologos consentem isto. Alguns exigem que o coração do justo seja alanceado de desgostos, benemeritos da recompensa eterna. Sou leigo n'esta materia. O que sei é que Luiz Ferreira e bom e feliz: o que deve animar os maus infelizes a fazerem-se bons. A theologia que discuta.

—E aquelle Miguel de Barros, que encontramos em Penafiel, a conversar sómente de meninos?

—Tinha então seis, e tem hoje doze.

—Oh! que desgraçado!

—Cada filho, que lhe nasce, consoante elle diz e eu creio, é novo manancial de venturas, que lhe rebenta em casa. Como é robusto, em cada braço traz tres filhos, e dous em cada hombro, e um na piscoceira, e os outros penduram-se-lhe por onde acertam.

—E' um grupo, que faz vontade á gente de ter muitos meninos! E tua prima Adrianna quantos filhos tem já?

—Pois não sabes que minha prima enviuvou ha quatro annos?

—Não sabia! Querem ver que o Francisco Eliziario morreu da constipação, que apanhou no enterro do seu amigo Fernandes? Aquelle espirro foi talvez um agouro!

—Não morreu constipado. Começou a queixar-se de dôres agudas no ventre, e a comer muito. Deram-lhe uns flatos, e a medicina deixou-o sem pinga de sangue. Lembrou-lhe alguem se elle teria tenia. Consultou o Gerard d'esta fera, o snr. Oliveira de Gondifelos, que lhe extrahiu seis solitarias de uma assentada. Francisco Eliziario começou a sentir-se vasio, e peior. D'isto falleceu, deixando uma excellente «fortuna», e as seis tenias em alcool.

—E tua prima?

—Perguntas se minha prima ficou em alcool?

—Não: o que fez depois?

—Minha prima, passado o anno da viuvez, casou com um paralta de Lisboa, que a levou d'aqui, e lá a tem no gôzo de todas as pompas realisaveis com cem contos de réis, que se espalham em dez annos. Eu sou o tutor do filho de Francisco Eliziario. Tenho-o comigo, á espera da idade para o fazer educar em collegio. Diz minha mãi, que, volvidos alguns annos, havemos de sentar á nossa meza a pobre Adrianna, esbulhada dos bens de seu marido. Eu desculpei-a, quando casou. Precisava de amar. Viu um homem com os olhos do coração. Elegeu-o, ligou-o a si honrosamente. Se se enganou, se é infeliz, não a condemnemos.

—Pois eu condemno-a!? essa é boa! Um trimestre de amor vale bem cem contos de réis, e até me parece barato. A condemnação social é um desconto frivolissimo para quem empobreceu por amor; mas o que eu acho mau é a pobreza, e quero crer que tua prima não ha-de achal-a boa. Tem de curtir muitas dores surdas, muitas humilhações do amor-proprio, e arrependimentos, què não reparam as ruinas do coração, dos bens, e da idade. Ora, parece-me a mim que tua prima lucraria mais em ter desistido do amor, que lhe corta de um golpe tantos ligamentos importantes á vida. Eu de mim, se tivesse a tolice de querer condemnar tua prima, havia de accusal-a por ter sentido necessidade de amar, tendo um filho. Um filho é o complexo de todos os amores do céu e da terra. O Altissimo, quando quer interpor um elo entre si e a mulher, dá-lhe um filho.

—Isso é bonito—interrompeu Antonio Joaquim—e póde até ser que seja verdadeiro; mas tem suas quebras na prática. A questão tateada phisiologicamente...

—Não tateemos questões phisiologicas—atalhei eu, por me parecer que a phisiologia é uma sciencia, que vai tendendo a engrossar as camadas da materia á volta do espirito.—E D. Antonia morreu?

—Não: enviuvou tambem.

—Que me dizes!? Foram tambem seis tenias que comeram Euzebio Luiz?

—Não sei. Os localistas dos jornaes, minguados em conhecimentos indispensaveis ao seu officio, escusam-se

de dar aos leitores uma ideia dos desmanchos em que estavam as visceras das pessoas fallecidas.

—D. Antonia deve estar inconsolavel!

—Esteve inconsolavel bastante tempo; excedeu-se até no praso rasoavel das desconsolações de uma viuva. Foi para Ponte do Lima, onde o marido comprára uma quinta; e, ha seis mezes, soube eu que ella casára com um rapaz de vinte e quatro annos.

—Essa é peior!... Seria necessidade de amor, como o casamento de tua prima?

—Pois que foi senão necessidade de amor?

—E o marido como encherá esse vasio de coração?

—Perfeitamente, como quem enche uma bexiga. Sopra-lhe alguns suspiros, cousa facil a todo homem que dispõe de pulmões e ar.

—Mas, pelo que me disseste n'outro tempo, inferi que D. Antonia tinha juizo!

—E que disse eu agora indicativo de que ella o não tem? Amou. Esta palavra absolve todas as demencias. Se é forçoso censurar alguma das viuvas, minha prima é mais culpada que D. Antonia. A viuva de Eusebio Luiz não tinha filho, nem parente, nem affeição, com que alumiasse as escuridades da velhice. Ama como esposa, dá talvez um amor terno de mãe ao homem com quem casou. E se elle fôr mau marido, póde estimal-a como bom filho. Além d'isto, como é muito rica, ainda que o marido se dispenda em extravagancias, é provavel que ella não chegue á pobresa. A' hora da morte, olhando para seu marido, poderá dizer-lhe: «pratiquei a

virtude de te dar os meus haveres, para os repartires com outra que melhor te mereça.»

—Dou-te a minha palavra de hora—exclamei eu—que não induzes senhoras ricas e velhas a cazarem com rapazes, pelo ineffavel prazer de lhes deixarem riqueza, que repartam com as novas. Em quanto, porém, ao sentimento da maternidade, entendo que será proveitoso desenvolvel-o nas senhoras idosas, mas a favor de orphãos desamparados, de filhinhos de pais pobres, de milhares de filhos de Deus, que ellas devem adoptar, esposando assim o espirito de Jesus Christo. Toma lá um charuto e diz-me mais alguma cousa que encha tres paginas. Quem temos nós mais de quem me contes obra de tres paginas? Da Therezinha dos bois não tens que dizer?

—Ah!—exclamou Antonio Joaquim—vou dar ao teu livro um tragico remate.

—Annuncias-me que morreram os bois e ella?

—Os bois cahiram debaixo do cutello inglez. Naturalisaram-se inglezes por effeito da metempsicose. Foi a propria Thereza que aconselhou a venda, quando o pai ficou reduzido a uma quasi indigencia, por ter perdido a casa, em resultado de uma demanda com parentes. A rapariga revelou coragem heroica n'este lance. Viram-na assistir á sahida dos bois a caminho para o Porto. Affagou-lhes a cabeça entre o seio e os braços. E não chorou. A nobre alma suffocou as lagrimas para não exacerbar a angustia de seus pais.

Como ficaram sem terras, tomaram outras de renda.

Thereza trabalhava incansavelmente para aligeirar os encargos da mãi. O velho, absorvido em seu infortunio, cahiu n'uma indolencia marasmatica, escondendo o rosto entre os joelhos para chorar. As terras eram mal agricultadas, á mingua de braços. Thereza era o homem da casa, mas era sósinha. A colheita mal chegou para pagar a renda do primeiro anno. Esta ultima adversidade abriu a sepultura ao pobre velho.

Acudiu Luiz, o Engeitado, a esta familia. Aqui tens a lição da moral de Jesus, que pediste ha pouco. Mãi e filha acceitaram o abrigo do commendador. Nada lhes faltava, senão o contentamento.

Thereza cuidou em casar-se para ter um amparo mais legitimo e melhor acceite ao coração.

Um afilhado de Luiz Ferreira, caixeiro no Brazil, veio a ares patrios. Agradou-se de Thereza, e espertou na alma virgem a primeira sensação. Pediu-a á mãi, e ao padrinho. Luiz Ferreira recebeu de má vontade o requerimento do afilhado, e disse-lhe: «Vai ganhar a tua subsistencia e a d'ella; e vem depois, que Thereza estará solteira á tua espera.» O caixeiro, obrigado a mentir pela paixão, disse que já tinha de seu alguns contos de réis com que podia estabelecer-se em Portugal.

—Como os ganhaste?—perguntou Luiz.

—Negociando, com creditos do patrão.

—Mas tu—replicou o padrinho—quando vieste ha dous mezes do Brazil, disseste-me que o ordenado mal chegava para as despezas. Para que mentiste então, se não mentes agora?

O caixeiro tartamudeou. Luiz Ferreira perdoou a mentira ao amor do rapaz, e declarou-se estranho ao casamento.

Matrimoniaram-se com a condição de ficar Thereza em casa do seu bemfeitor, em quanto elle ia e voltava do Brazil com os seus cabedaes liquidados. O programma era estabelecer-se depois em Braga com armazem de fazendas brancas. Thereza condescendeu.

O marido da formosa moça obedeceu á violenta necessidade de separar-se, depois de luctar dois mezes.

Apartou-se, amando-a mais do que previra. Bem sabia elle que a sua volta do Brazil com capital para estabelecer-se era obra para annos de muita fadiga e economia. Cogitou em enriquecer-se depressa; porém, a experiencia do Brazil contradictava-lhe todos os calculos. Volitaram-lhe em volta do espirito escandecido alvitres deshonrosos, posto que exemplificados com bom exito. Entre muitos era forçoso acceitar o que se lhe affigurou menos repulsivo. Lembrou-lhe a moeda falsa, e apartou-se de sua mulher com este cancro a roer-lhe os liames que o prendiam á honra.

Chegou ao Porto. Haviam-lhe dito que se fabricava aqui moeda-papel com muita perfeição. Não sei quem o encaminhou na vereda do crime até se defrontar com os agentes do artista falsificador. Com o dinheiro proprio, e com emprestimos, comprou alguns baratos contos de réis de notas falsas de cunho brazileiro.

Foi. Reassumiu a sua posição antiga, melhoranda em guarda-livros. Sem que elle o soubesse, Luiz Ferreira,

mediante amigos seus, solicitou do patrão de seu afilhado favores e protecção ao caixeiro, para elle poder voltar á patria, e á companhia de sua mulher, e do filhinho que lhe deixára no seio. O patrão censurou o casamento; mas associou o guarda-livros no negocio. Estava, pois, o marido de Thereza em remediadas condições de mandar ir para o Brazil sua mulher.

Não o fez: o programma de enriquecer-se deshonrosamente havia sido rubricado pelo demonio.

Ingeriu na circulação monetaria da casa algumas notas falsas, e subtrahiu as verdadeiras equivalentes. Saiu-se bem. Capitalisára um conto de reis. Animou-se a segunda empreza. Bafejou-lhe ainda o vento proficuo do inferno. A' terceira fulminou-o a desgraçada. As notas foram suspeitadas de falsas na mão d'elle, proprio apresentante. Prenderam-no na thesouraria da casa bancaria. Revistaram-lhe o seu aposento. Encontraram outras, em massos separados das verdadeiras. Processaram-o, e julgaram-o com a severidade das leis, que punem severamente o crime.

Esta nova chegou a Luiz Ferreira, quando Thereza esperava anciosamente carta do paquete. O santo homem, quando leu as cartas dos seus amigos do Porto, a quem viera do Rio de Janeiro o aviso, perdeu os sentidos. Thereza, que assistira arquejante a este lance, lançou mão das cartas, e pediu aos filhos de Luiz Ferreira que lh'as lessem. O mais novo, sem attender ao alcance da sua imprudencia, leu em voz alta uma que dizia:

«O seu afilhado, a esta hora, póde ser que já esteja morto. Aquillo no Brazil é summario. Os moedeiros falsos vão ao gancho, como cá os nossos vão onde os honrados pobres não conseguem ir... etc.» [1]

Thereza irrompeu em gritos, e escabujou vertiginosamente nos braços da mãi.

Tornado em si, Luiz Ferreira reprehendeu o filho por ter lido a carta. Disse palavras de evangelica, mas banal resignação a Thereza, e, no dia seguinte, veio ao Porto para informar-se do modo como havia de salvar o afilhado, restituindo o roubo, e resalvando-o da sentença a dinheiro. Ninguem lhe soube dar semelhantes informações. Todos lhe diziam: «Se isso fosse cá em Portugal, arranjava-se bem».

Luiz Ferreira voltou para casa, resolvido a mandar ao Brazil o seu filho mais velho com poderes illimitados para resgatar a dinheiro o criminoso. Alentou, com encarecidas esperanças, Thereza, que dava sustos á familia. Os brados, as exclamações, as instancias a Deus eram já uns excessos agoureiros de demencia. Applacaram-na algum tanto as promessas confortadoras do ve-

---

[1] Esta penalidade não está do codigo brazileiro. A lei de 3 de outubro de 1833, diz no artigo 8.º: Os fabricadores e introductores de moeda falsa serão punidos pela primeira vez com a pena de galés para a ilha de Fernando, pelo duplo da pena de prisão que no codigo criminal está designado para cada um destes crimes». (Dous a oito annos é a pena do codigo alterada pela citada lei).

As reincidencias são punidas com galés perpetuas.

lho. Dava-lhe elle um clarão de esperança, dizendo-lhe que, se o marido tivesse sido condemnado á morte, o imperador lhe commutaria em prisão a sentença, e ella iria para junto do preso, até que Deus se apiedasse de ambos. [1]

No immediato paquete veio a noticia da condemnação do réu em dezeseis annos de galés para a ilha de Fernando.

Thereza tambem recebeu então carta do marido com estas breves linhas:

«Quando receberes esta carta, já a minha desgraça «está acabada...»

A desgraçada, intendendo litteralmente estas palavras, soltou um grito de alegria.

A carta continuava:

«Perdi-me por amor de ti; mas Deus sabe que não «te culpo, nem tu podes ser culpada pelo mundo. Jo-«guei uma carta, em que apostei a vida. Perdi: agora «mato-me porque não posso assim viver, com uma cor-«rente de ferro por dezeseis annos... por toda a vida! «Pede ao Senhor que se compadeça da minha alma, e «diz a teu padrinho que te dê um bocado de pão, e ou-«tro ao nosso filho. Adeus, Thereza. Se não tivesses um «filho, pedia-te que deixasses este mundo, onde eu não «pude viver com honra. Teu Marido Z.»

A's ultimas expressoens de quem lhe lia a carta, ex-

[1] Luis Ferreira não sabia melhor que os informadores a jurisprudencia criminal do Brazil.

pediu tambem um grito; mas era um como arranco da razão que vasquejava nos paroxismos.

Inlouquecêra, e louca esteve seis mezes. No termo d'este espaço de trevas, um raio de intendimento a visitou.

Este lampejo mostrou-lhe a eternidade, o céu talvez. Thereza arrancou-se das prezas do seu horrente supplicio, e voou no raio da luz, que a misericordia do Senhor lhe enviára.

—E o filho?—perguntei.

—Tinha-lhe morrido no ventre—respondeu o meu amigo, e continuou:

Aqui tens o fim d'aquella carinhosa amiga dos seus novilhos. Dava-se a perceber, n'aquelle affecto, que o meigo coração de Thereza havia de espedaçar-se, quando se deixasse dobrar ao amor humano, amor que encerra e esconde catastrophes sem nome, e maldições sem numero.

Está completo o livro?

—Está. Acaba mal. Heide ver se, á custa de uma piedosa mentira, invento alguma peripecia, que espante o leitor, ou, pelo menos, o faça rir dos aleijões da minha fantasia.

—Não consinto que se minta em meu nome!—disse Antonio Joaquim solemnemente.

FIM